# A CASA DO ARQUITETO EM CURITIBA

## ESTUDO DE TRÊS RESIDÊNCIAS DE ARQUITETOS

1964-1981

Felipe Taroh Inoue Sanquetta

2022

# A CASA DO ARQUITETO EM CURITIBA

## ESTUDO DE TRÊS RESIDÊNCIAS DE ARQUITETOS

1964-1981

Felipe Taroh Inoue Sanquetta

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo

Exemplar revisado e alterado em relação à versão original, sob responsabilidade do autor e anuência do orientador. O original se encontra disponível na sede do programa

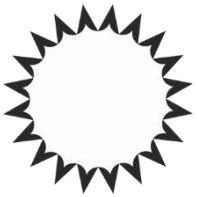
São Paulo, 10 de novembro de 2022

Orientador: Prof. Dr. João Carlos de Oliveira Cesar

Área de concentração: Tecnologia da Arquitetura

SÃO PAULO

2022



Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Catalogação na Publicação
Serviço Técnico de Biblioteca
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo

Sanquetta, Felipe Taroh Inoue
A casa do arquiteto em Curitiba: Estudo de três residencias de arquitetos 1964-1981 / Felipe Taroh Inoue Sanquetta; orientador João Carlos de Oliveira Cesar. - São Paulo, 2022.
150p.

Dissertação (Mestrado) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Área de concentração: Tecnologia da Arquitetura.

1. Casa do Arquiteto. 2. Jaime Lerner. 3. Manoel Coelho. 4. Maria Nadir de Carvalho. I. Cesar, João Carlos de Oliveira, orient. II. Título.

Elaborada eletronicamente através do formulário disponível em: <http://www.fau.usp.br/fichacatalografica/>

Folha de aprovação

A casa do arquiteto em Curitiba: Estudo de três residencias de arquitetos 1964-1981 / Felipe Sanquetta. São Paulo, 2022.

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo para obtenção do título de mestre em Arquitetura e Urbanismo

Banca examinadora

Instituição

Julgamento

_____

_____

Instituição

Julgamento

_____

_____

Instituição

Julgamento

_____

_____

**Agradecimentos**

Especialmente ao meu orientador, professor João Carlos, pela confiança e a sua dedicação durante a pesquisa, contribuindo de maneira fundamental para o trabalho. Aos demais docentes da FAUUSP, professores Rafael Perrone, Helena Ayoub, Alexandre Delijaicov, Guilherme Wisnik e Hugo Segawa pelas suas contribuições.

Aos amigos Fernanda Bertoli, Isabella Januário, Giovanna Renzetti, Gabriel Biselli pelas trocas e reflexões sobre essa e as suas pesquisas.

Aos familiares dos arquitetos que foram estudados nesta pesquisa, que gentilmente puderam compartilhar histórias, Ilana Lerner, Andre Coelho, Denise Coelho, Rogerio Gomes de Carvalho. E claro, Jaime Lerner, Manoel Coelho e Maria Nadir pela colaboração fundamental, este trabalho é uma pequena lembrança para a memória destes arquitetos.

Aos meus pais pelo apoio e contribuições, meus irmãos pelo incentivo e parceria.

**Resumo**

Esta dissertação tem como finalidade analisar projetos de residências elaboradas por arquitetos para o seu uso próprio, entre as décadas de 1960 e 1980, localizadas na cidade de Curitiba. A pesquisa parte da relevância dessa produção arquitetônica, partindo do pressuposto de que são projetos em que os autores tiveram maior liberdade projetual, a partir da experimentação de suas ideias e a sua materialização. O recorte temporal estudado corresponde ao período após a fundação da primeira faculdade de arquitetura e urbanismo no Paraná e a consolidação da capital em relação ao interior do Estado, através de obras modernas. Para o desenvolvimento do trabalho de documentação e investigação dos projetos, foram utilizados os acervos dos arquitetos, o acervo público da Prefeitura, livros, fotografias e entrevistas.

Palavras-chave: Casa do arquiteto; Arquitetura em Curitiba; Jaime Lerner; Manoel Coelho; Maria Nadir

**Abstract**

This dissertation aims to analyze projects of residences designed by architects for their own use, between the 1960s and 1980s, located in the city of Curitiba. The research starts from the relevance of this architectural production, assuming that the projects were a place of freedom for the architects to design, to experiment their ideas and materialize in a building. The temporal cut corresponds to the period after the foundation of the first architecture school in Paraná and the consolidation of the capital in relation to the interior of the State, through modern buildings. For the development of the research of documentation and investigation of the projects were used the architects collections, the City Hall public collection, books, photographs and interviews.

Key-words: Architect's house; Architecture in Curitiba; Jaime Lerner; Manoel Coelho; Maria Nadir

**Sumário**

**Introdução** .....18

**Parte I: Considerações sobre a arquitetura realizada na segunda metade do século XX em Curitiba** .....30

Criação do curso de arquitetura na UFPR e a formação das primeiras gerações de arquitetos paranaenses .....37

**Parte II: A casa do arquiteto** .....45

**Parte III: Estudos de caso** .....56

Arquiteto Jaime Lerner (1937-2021) .....59

*Análise historiográfica*.....62

*Análise arquitetônica decompositiva* .....70

Arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1952-2021) .....80

*Análise historiográfica*.....82

*Análise arquitetônica decompositiva* .....91

Arquiteto Manoel Coelho (1940-2021) .....102

*Análise historiográfica*.....104

*Análise arquitetônica decompositiva* .....110

**Parte IV: Considerações sobre as obras e os arquitetos estudados** .....56

**Conclusão** .....140

**Bibliografia** .....144

## Organização da dissertação

Para a organização da dissertação se apresenta o texto com estrutura dividida em seis partes, sendo uma Introdução, a apresentação dos aspectos estudados ao longo de quatro capítulos, e por fim uma Conclusão. Na primeira parte em que é realizada a **Introdução** do problema de pesquisa, apresentando as suas justificativas, objetivos, o recorte da pesquisa e sua relação dentro do panorama do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.

A **Parte I**, se ampara ao exercício de contextualizar historicamente a arquitetura produzida durante o século XX em Curitiba, partindo de uma ordem cronológica dos acontecimentos. São apresentados desdobramentos arquitetônicos relevantes dentro do contexto local. Devido a enormidade de fatos e atores, foram selecionados alguns destes, o que não diminui a importância de outros profissionais, projetos e acontecimentos. Também buscará revisitar a afirmação de Curitiba como a capital do Estado, se apresentando também para as demais regiões do país, como uma cidade moderna. Ambiente este que foi favorável para o desenvolvimento da arquitetura e o momento em que o poder público, antes mesmo da iniciativa privada, financiou obras de grande porte e infraestruturas modernas para a cidade. Com isso, serão apresentadas uma revisão histórica dos acontecimentos, dos diferentes contextos políticos e socioeconômico para o seu desenvolvimento e posteriormente a implantação da primeira escola de arquitetura no Paraná em 1962 e a consequente formação dos primeiros arquitetos.

Em seguida, é organizado um paralelo da produção de Casas de arquitetos no Brasil, na **Parte II**, em que são apresentados de forma breve e documental pelas décadas dos anos 1900, a produção desses projetos em Curitiba e em outros sítios. Com o intuito de analisar o que vinha sendo produzido concomitantemente.

A **Parte III**, trata diretamente a respeito do tema da "Casa do Arquiteto" na cidade de Curitiba, documentando os três projetos pesquisados. Apresenta os estudos de caso selecionados para análise, trazendo a trajetória dos arquitetos estudados, desde a sua formação, outras obras relevantes e a relação entre eles. Para a seleção foram adotados aspectos de recorte temporal e a relação profissional entre os arquitetos - Jaime Lerner, Manoel Coelho e Maria Nadir de Carvalho. Ainda nesse capítulo, o trabalho inicia propriamente a análise das três residências de arquitetos projetadas e construídas para si o e que possuem um espaçamento temporal de aproximadamente uma década entre cada objeto de estudo (1960-1970-1980).

Já na **Parte IV**, são traçados paralelos entre os projetos, onde se busca entender as abordagens de cada autor referente a cinco tópicos de análises, que tornam ao mesmo tempo, os projetos com soluções que se aproximam, mas que também se distância pela singularidade de suas propostas. Essa parte se organiza nos seguintes tópicos/ subcapítulos: *Relação da arquitetura com o terreno; Concreto armado – arquitetura, estrutura e mobiliário; Corte livre – casas que são compreendidas através de sua seção; Arquitetura e a natureza – relação das residências com a vegetação natural e projetada; Cromaticidade- O uso da cor.*

Ao final, foram elaboradas uma breve descrição das conclusões adquiridas no presente trabalho, apresentando os resultados obtidos, assim como lacunas sobre as temáticas e objetos estudados, para a elaboração de futuras pesquisas.

## Introdução

Este trabalho tem como objeto de pesquisa a produção arquitetônica de residências, projetadas por arquitetos para o seu uso próprio, cujos autores tiveram sua a obra reconhecida e publicada como exemplares da arquitetura moderna em Curitiba.

Reconhecendo que ainda, as residências próprias de arquitetos exprimem ainda mais o caráter experimental de seus autores, pela sua singularidade de aspectos e condicionantes, fatos esses que podem ser observados em diversas situações. Nesse sentido, no Brasil podem se destacar inúmeras obras residenciais projetadas e construídas por arquitetos para seu uso próprio. Como nos projetos de Vilanova Artigas (1ª residência em 1942 e a 2ª residência em 1949), Rino Levi (casa pátio, 1944), Oswaldo Bratke (casa do Morumbi, 1951), Lina Bo Bardi (casa de vidro, 1950), Paulo Mendes da Rocha (casa do Butantã, 1964), Oscar Niemeyer (casa das canoas, 1953), entre outros.

Com a consolidação da arquitetura brasileira, inicialmente na cidade do Rio de Janeiro e posteriormente em São Paulo, no Estado do Paraná, a arquitetura do movimento moderno acontece em edifícios públicos e privados projetados por arquitetos com formação externa à Curitiba ou por engenheiros curitibanos. Com isso, acredita-se que no estado do Paraná, a formação de arquitetos é tardia, iniciando apenas em 1962, quando surge o primeiro curso de Arquitetura no Estado, na Universidade Federal do Paraná, formando a primeira turma em 1964. Com isso, alguns engenheiros e estudantes de engenharia, migram para este curso e se formam com dupla titulação de engenheiro-arquiteto, além dos novos alunos ingressantes via vestibular (PACHECO, 2010, p.48).

Com a análise da bibliografia existente, foram identificamos uma série de residências que passaram a ser objeto de estudo deste trabalho. Sendo selecionados três estudos de caso para analises aprofundadas. Os projetos são: **a residência do arquiteto Jaime Lerner (1964), residência da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) e a residência do arquiteto Manoel Coelho (1981)**.

A importância dessa análise deve-se a necessidade de se refletir sobre as principais características do processo de formação das primeiras gerações de arquitetos em Curitiba e o papel das tecnologias e inovações aplicadas nessas residências de importância patrimonial.

Portanto, pela sua singularidade, a Casa do arquiteto pode ser considerada como objeto significativo de pesquisa por conta de diferentes aspectos, como o de ser um espaço de tomada de posição e/ou afirmação de identidade de um arquiteto, além de ser um projeto em que o autor pode atuar com maior liberdade propositiva, por não estar submetido a condicionantes impostas por um cliente convencional e representar ao conjunto de sua produção, como uma consolidação de suas ideias e a síntese de um período ou/de sua obra. Além da importância de sua materialização, considerando que foram projetos que saíram do papel e foram construídas.

## Objetivos

- Documentar e compreender a produção das “Casas de Arquiteto” na cidade de Curitiba.
- Realizar estudo de caso das residências Jaime Lerner (1964), Maria Nadir de Carvalho (1975) e Manoel Coelho (1981).
- Traçar paralelos entre a formação e as obras dos arquitetos estudados.
- Estabelecer analises historiográficas e descritivas dos projetos em questão.
- Democratizar o acesso as informações dos projetos estudados, através dos desenhos elaborados, levantamento fotográfico e aos dados encontrados no acervo da Prefeitura de Curitiba;

## Método e procedimentos

Para o desenvolvimento da pesquisa, foram realizados dois procedimentos, uma primeira etapa de documentação com a coleta de informações dos autores dos projetos e suas residências. E uma segunda etapa de apreciação dos dados coletados, através de uma análise historiográfica e análise arquitetônica decompositiva dos projetos selecionados.

Primeiramente, foi realizada uma revisão da literatura existente sobre a arquitetura produzida no século XX em Curitiba. Na sequência, houve uma investigação sobre as residências projetadas por arquitetos para seu uso próprio na cidade, abrangendo deste o período de atuação dos engenheiros-arquitetos até a atuação dos profissionais formados pelo CAU-UFPR. Realizaram-se entrevistas e visitas as obras, resultando em um completo levantamento dos projetos de casas de arquitetos.

Como a estratégia adequada para esta pesquisa é o estudo de caso múltiplos, se considera que o fenômeno (as residências projetadas por arquitetos para sua moradia) dependem do seu contexto de inserção (Curitiba). Os projetos documentados foram baseados no livro de Xavier (1986), na dissertação de mestrado de Gnoato (1997), no livro de Dudeque (2001) e na tese de doutorado de Pacheco (2010), que abordam diferentes recortes da arquitetura publicada e realizada durante o período moderno em Curitiba. Estas publicações abrangem as obras representativas desse período, considerando seus valores arquitetônicos, históricos e de contexto urbano.

Para a melhor definição do recorte a ser analisado, foram selecionadas três residências de arquitetos para as análises, realizadas entre as décadas de 1960 e 1980, por autores cuja graduação em arquitetura ocorreu durante a formação das primeiras turmas de arquitetos pela UFPR. Sobre esta etapa foi dividida em duas seções: uma relativa à trajetória dos arquitetos, quanto a descrição de sua formação, atuação profissional e a apresentação de seus principais feitos. E a outra seção, trata diretamente das residências, com o aprofundamento por meio de análises historiográficas, através da bibliografia existente, e a análise descritiva dos projetos, com o intuito de apurar aspectos experimentais dos arquitetos e no reconhecimento de elementos que sintetizam as obras destes.

## Contextualização histórica

O interesse em analisar as casas projetadas por arquitetos para serem sua residência, veio a partir da investigação de outros trabalhos dedicados a apresentar a trajetória da arquitetura residencial realizada em Curitiba e a produção dos profissionais locais. A definição do recorte temporal dos estudos de caso, após o ano de 1964, ano em que os primeiros arquitetos se formavam no recém-criado CAU-UFPR (Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná).

Em sua tese de doutorado intitulada "*A arquitetura do grupo Paraná 1957-1980*", o pesquisador Paulo Pacheco apresenta a trajetória e a produção dos arquitetos modernos no Estado. O autor apresenta um grande número de obras notáveis e significativas, construídas e não construídas, suas conjunturas e desdobramentos. Abrange a participação dos profissionais paranaenses e os que migraram para o Paraná, nos certames de concursos públicos e privados, e em projetos de edifícios e residências.

Apesar do extenso trabalho, quando apresenta as residências, o investigador aborda de forma breve, não se aprofundando na apresentação de novas evidências, peças gráficas levantamento fotográfico, trazendo informações que podem ser encontradas também em outros trabalhos, como no livro *"Arquitetura Moderna em Curitiba"*, de Alberto Xavier (1986). Tampouco dá ênfase a relação dos arquitetos com as casas que projetaram para si.

Entende-se o interesse do autor em apresentar brevemente estas casas, pois o grande mote de seu trabalho ser uma catalogação de obras de um grupo, no caso, o paranaense. Afim de entender melhor como se dá a produção dos arquitetos ao projetar a sua própria casa, toma-se como

princípio partir dos exemplares apresentados no trabalho de Pacheco e a complementação com exemplares encontrados em outras pesquisas, mas com o intuito de analisar de maneira mais profunda estes projetos.

A motivação em estudar estes projetos surgiu, não somente a partir da identificação do trabalho de Pacheco, mas também o livro de Irã Dudeque: *"Espirais de Madeira: uma história da arquitetura de Curitiba"*, como também a dissertação de mestrado de Salvador Gnoato: *"Introdução do ideário modernista na arquitetura de Curitiba (1930-1965) "*. A leitura destes trabalhos contribui para melhor compreender as particularidades destas casas, pelo fato de haver precedentes que pouco aprofundam o estudo destes objetos, armando um anseio de maior compreensão e documentação dos projetos.

Portanto, para a definição dos estudos de caso, o recorte historiográfico deste trabalho se limitou a projetos de profissionais com formação em arquitetura, portanto, após a formação do CAU-UFPR em 1962. Período importante para a produção da arquitetura na cidade e que estes jovens profissionais estavam se estabelecendo profissionalmente.

Por fim, outro trabalho que impulsionou este estudo, e que apesar de não estudar projetos localizados em Curitiba, estudou projetos de casas de arquitetos, foi a dissertação de mestrado da pesquisadora Juliana Fiorini: *"A casa do arquiteto: Residências de arquitetos como paradigmas da arquitetura moderna 1927-1964",* realizado no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo da FAU-USP.

No Brasil, a arquitetura moderna viveu seu momento de produção mais intensa, nas décadas seguintes ao final da segunda guerra mundial (1939-1945). A estabilidade propiciou um período próspero economicamente para as Américas, onde a industrialização representou progresso e houve também uma maior difusão cultural, no Brasil especificamente, com as canções dos músicos da MPB e as obras de arquitetura moderna.

Diante desse panorama, os arquitetos brasileiros afirmavam sua posição favorável as ideias modernas, que simbolizavam uma evolução para a época. Esse movimento se concretiza ainda com a construção do Edifício Gustavo Capanema, sede do Ministério da Educação e Saúde na cidade do Rio de Janeiro em 1943 e da capital Brasília em 1960.

Outro acontecimento importante para a difusão da arquitetura moderna, foi que paralelamente, houve uma disseminação do ensino da arquitetura e a fundação de escolas pelo país. As novas estruturas acadêmicas desse período permitiram a familiarização com o panorama arquitetônico internacional, bem como a troca de ideais entre docentes e alunos (SEGAWA, 2014, p.130):

> *"Na década de 1960, com a realização de Brasília, a profissão esteve em seu auge. Os cursos criados em Curitiba, na Universidade Federal do Paraná (1961) [...], tiveram em suas primeiras turmas muitos veteranos engenheiros civis que buscaram a qualificação de arquitetos. "*

Segawa (2014), ainda acrescenta que o desejo de encontrar melhores campos de trabalho para jovens arquitetos, impulsionou o processo de migração de profissionais pelas diferentes regiões do país. E com a fundação do CAU-UFPR nos anos 1960, Curitiba tornou-se um destino atrativo e, por conseguinte, palco significativo de transferências de ideias por profissionais formados nos grandes centros (São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte e Porto Alegre).

> *"É possível aventar a hipótese de que houve dois fatores (entre tantos outros) mais significativos na disseminação dos valores da arquitetura moderna através do país. A criação de escolas de arquitetura em várias regiões do Brasil teria sido um deles, o deslocamento de profissionais de uma região para outra também foi decisivo para afirmação de uma linguagem comum pelo território brasileiro. Esses dois aspectos se confundem no tempo e no espaço" (SEGAWA, 2014, p.131).*

Sobre a arquitetura moderna curitibana e paranaense, diferentemente das produções oriundas da Escola Carioca ou da Escola Paulista [1], pouco se sabe sobre a sua produção. O desenvolvimento do pensamento moderno em Curitiba ocorreu ao longo de seis décadas, compreendido entre os anos de 1930 e o início da década de 1980, em três períodos delimitados por características distintas e que podem ser denominados da seguinte maneira: o Período Precursor de 1930-1945; o Período dos Engenheiros-projetistas de 1946-1960 e o Período Inicial da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPR de 1962-1985 (BRAGA, 2017).

[1] Monica Junqueira de Camargo, **Escola Paulista, Escola Carioca. Algumas considerações.** 13° Seminário Docomomo. Brasil. 2019.

Sobre a produção dos arquitetos na capital Paranaense, Dudeque (2011), coloca que as obras residenciais, foco deste trabalho de investigação, foram entendidas como ferramentas fundamentais para compreender as mudanças realizadas por estes jovens profissionais no campo arquitetônico de Curitiba.

> "*[...] por três motivos, o melhor índice para se entender a transformação engendrada por estes profissionais na arquitetura de Curitiba seriam os projetos residenciais. O primeiro motivo é que, na década de 1960, a maioria das construtoras de edifícios de Curitiba dispunha de seus próprios projetistas. E entre os arquitetos chegados a Curitiba, havia um preconceito contra o profissional que se submetesse as regras da iniciativa privada. [...] O segundo motivo é que, no projeto de edifícios, os problemas estruturais limitam a criatividade espacial [...] o terceiro motivo é que a arquitetura pública de Curitiba estava estacionada nas obras inacabadas do centenário do Paraná. [...]. Sobravam as residências. E estas não só foram abundantes como os arquitetos puderam concentrar nelas toda sua criatividade" (DUDEQUE, 2011, p. 226).*

Além de clientes privados, outra tipologia pertinente de projeto desse período que também é estudada, são as casas projetadas pelos arquitetos para serem a sua própria residência, muitas vezes chamadas de "Casa de/ o arquiteto". A partir das palavras de Serapião (2013), enfatiza-se o fato de que arquitetos em algum momento de sua vida, realizam o projeto de sua própria morada,

sendo um espaço de maior liberdade para projetar e que de certa forma sintetiza preceitos de suas obras.

> *"Um laboratório – é assim que com frequência se vê a* ***casa de arquiteto****, a construção que ele cria para uso próprio. Afinal, sem clientes por perto, o projetista experimenta tecnologias, formas e espaços. Mais do que isso, pode ser, voluntariamente, cobaia de uma nova forma de vida, com arranjos domésticos inovadores. Por essa ótica, a casa de arquiteto é capaz de gerar uma utopia particular carregada por idealismo, propondo universos paralelos que sobrevivem a seus autores. Mas a contrapartida da liberdade talvez seja a angústia: agora que você pode fazer tudo, vai fazer o quê? " (SERAPIÃO, 2013)*

Em Curitiba este movimento não foi diferente, podendo se observar uma vasta produção de casas com distintas soluções realizadas durante as décadas de 1930-1980. Portanto, inicialmente são estes os campos iniciais de investigação desta dissertação de mestrado, as residências projetadas por arquitetos seu próprio uso, durante período da segunda metade do século XX, na cidade de Curitiba.

# Parte I: Considerações sobre a arquitetura realizada na segunda metade do século XX em Curitiba

Para melhor compreender a arquitetura aqui estudada, a partir dos arquitetos e suas obras, será feita uma contextualização do seguinte período na historiografia, apresentando acontecimentos referentes à produção arquitetônica em Curitiba, a sua afirmação como capital do Estado e como o ideário moderno teve influência nesse processo.

Para a elaboração deste capítulo, a pesquisa utilizou os seguintes autores: Irã Dudeque (2001), Paulo Pacheco (2010), Salvador Gnoato (2002) e Alberto Xavier (1986). E como realizar uma revisão sobre uma linha histórica desde a fundação de Curitiba aos dias atuais seria uma tarefa infrutífera para o trabalho, este capítulo se atem as passagens ocorridas durante o século XX.

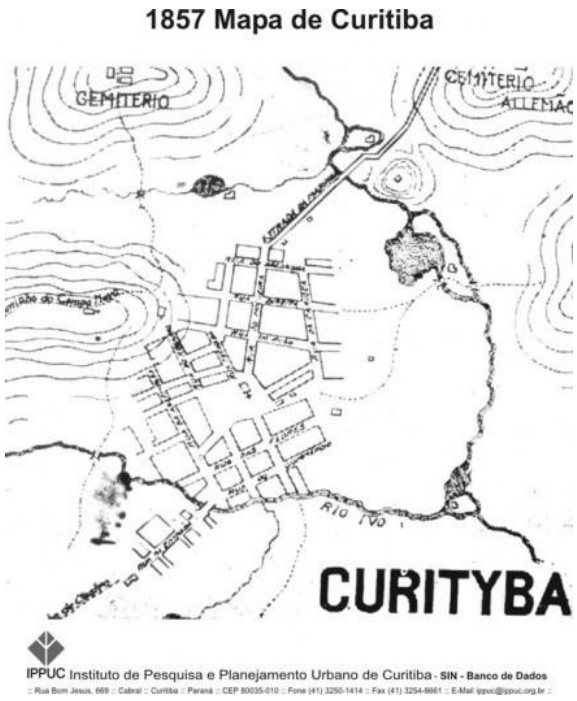
Um ponto importante historicamente era de que para a imagem de Curitiba e o imaginário dos curitibanos, não existia de forma clara a ideia de que a cidade se distinguisse como tal, em relação ao interior do Estado, já que apesar da administração política, era um lugar de poucos atrativos (RENZETTI, 2021, p.51).

Para se melhor compreender o período e o contexto político/ econômico de Curitiba, parte se da abordagem estabelecida por Pacheco (2010), em que pode se dividir em quatro fases, ou ciclos econômicos que acompanharam o desenvolvimento da cidade. Sendo divididas e caracterizadas da seguinte forma:

_ Ciclo do gado: ocorre no início do século XVII, a partir da atividade dos imigrantes portugueses que permitiram a abertura de caminhos e vias para os tropeiros e a posterior criação de povoados;

_ Ciclo da madeira e da erva mate: nos primórdios do século XIX, com o crescimento destas atividades, o desenvolvimento econômico atinge grande parcela do Estado, a partir da consolidação das cidades, exportação de produtos, chegada dos imigrantes europeus e o

Mapa de Curitiba em 1857/ (Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba)



consequente fortalecimento da economia paranaense, o que proporcionou a emancipação política em relação ao Estado de São Paulo, no ano de 1893;

_ Ciclo do café: neste momento houve um grande desenvolvimento da região do norte do Estado, em que a terra era fértil para a produção do grão. Portanto, expandido a monocultura além dos limites paulistas.

_ Ciclo industrial: após a implantação do plano diretor de Curitiba em 1964, a cidade passou a experimentar uma maior industrialização, se consolidando nacionalmente como um polo deste setor no cenário nacional.

Segundo Dudeque (2001), foi devido à pujante produção cafeeira do interior que impulsionou a economia do Estado, permitiu que grandes obras de infraestrutura fossem realizadas, principalmente na consolidação de Curitiba como um centro econômico do país.

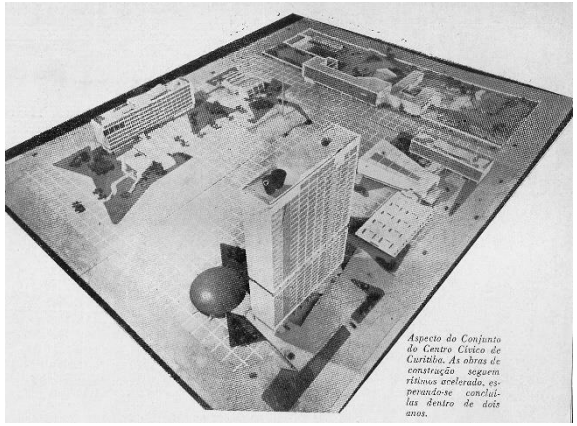
Para Oba (1998), existia um sentimento que a capital estava finalmente inserida em um contexto nacional, mas que ainda faltavam transformações físicas na capital, através de construções que materializassem esta nova etapa:

> *[...] a cafeicultura carreou ponderáveis recursos para o desenvolvimento da capital. A nova etapa de verticalização da cidade na década de 50 agora com edifícios mais altos e sobretudo as obras do Centenário de Emancipação do Paraná são exemplos expressivos deste fato." (p.139)*

Centro de Curitiba no final dos anos 1960/
(Casa da Cultura de Curitiba)

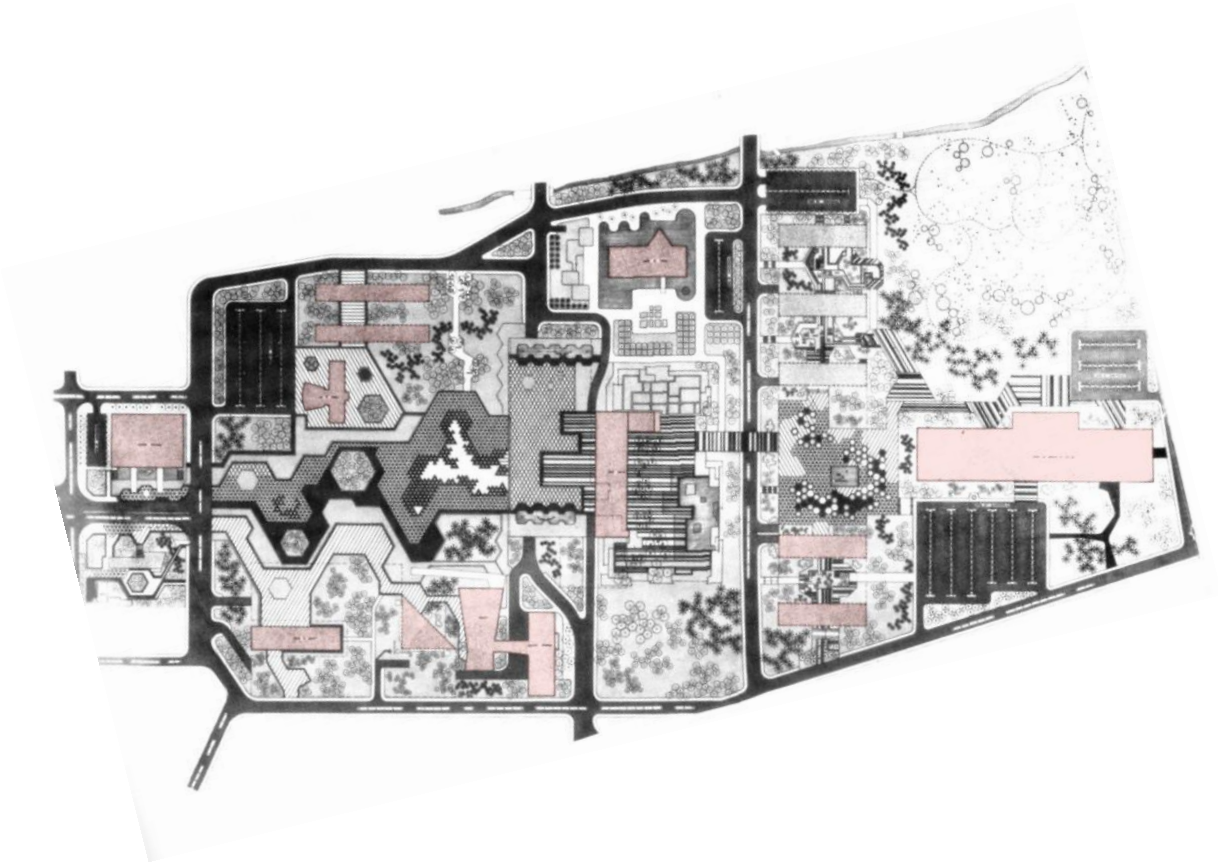
Consequentemente, no início da década de 1950, houveram movimentações políticas no Paraná afim de concretizar um processo de modernização da capital. Para Pacheco (2010), foi de suma importância a ação do governador Bento Munhoz da Rocha (1951-1955) na busca da unificação do Estado, tendo investido fortemente em infraestruturas (principalmente no sistema viário e ferroviário) e posteriormente, nas Obras de Comemoração do Centenário de Emancipação do Estado. Ainda sobre a atuação do governo de Munhoz da Rocha, Dudeque (2001) coloca:

> *"Durante a primeira metade do século, uma série de núcleos urbanos foi formando ao longo das ferrovias que, a partir de Ourinhos, se dirigiam para Londrina (seguindo a expansão da cafeicultura paulista) e para o Rio Grande do Sul. Pelas ligações históricas e pela facilidade de transporte, era muito mais fácil para um habitante do norte do Paraná se dirigir para São Paulo do que para Curitiba. Além disso, o sudoeste do Paraná (onde estão Cascavel e Foz do Iguaçu) foi colonizado por levas de migrante gaúchos. Nos anos 1950, o Paraná estava dividido em três áreas com histórias e culturas diversas: os antigos núcleos de colonização, a região de influência paulista e a influência gaúcha. A intensão do governador Munhoz da Rocha, ao propor grandes obras como o Centro Cívico, era criar uma capital digna de todos os "paranaenses", unificando-os. " (p.166)*




Maquete da proposta para o centro cívico de Curitiba / (Autor não identificado)

Nesse momento foram realizadas diversas obras de interesse público, como o Centro Cívico de Curitiba que abriga as edificações administrativas da capital e do Estado, o Teatro Guaíra como o grande palco cultural da cidade e a Biblioteca Pública do Estado do Paraná. Tinham em comum, além do seu aspecto cívico, linhas arquitetônicas de caráter moderno em projetos elaborados por arquitetos através de concursos. Outro ponto de encontro destas intervenções, era de que foram viabilizadas e realizadas devido a economia gerada com a produção cafeeira no norte do Estado.

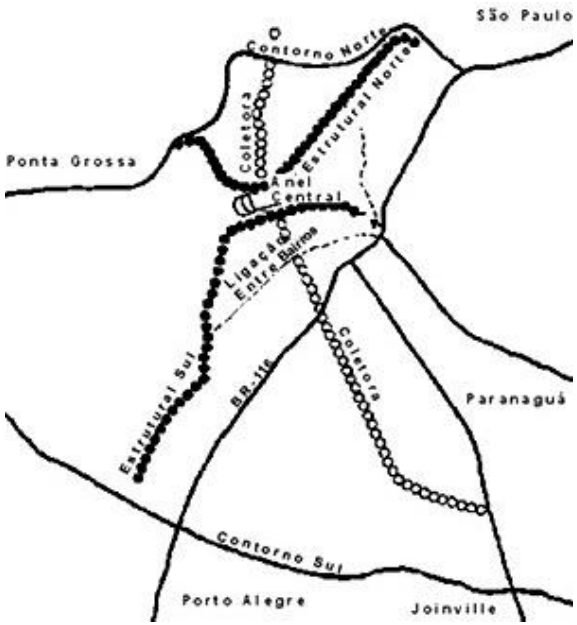


Implantação do centro cívico de Curitiba com o projeto de espaços livres de Burle Marx / (Acervo Burle Marx)

De acordo com Pacheco (2010), também desembocaram na estratégia do governo na industrialização e engrandecimento do Estado, com a criação do Plano de Desenvolvimento Econômico do Paraná (PLADEP) em 1961 e de empresas como a Companhia de Desenvolvimento do Paraná (CODEPAR). As quais possibilitaram o Estado em se desgrudar da necessidade de concentrar sua economia somente na produção agrícola, desenvolvendo outros setores e a possibilidade de investimentos em equipamentos públicos nas cidades.

Outro acontecimento que ocorre em paralelo a estas transformações realizadas na década de 1960 em Curitiba, eram as obras dos chamados "engenheiros-arquitetos". Os quais apesar de não possuírem graduação em arquitetura, exerciam a profissão como tal. Salvador Gnoato (2009) em seu livro[2], destaca a atuação destes profissionais, sobretudo pelo caráter moderno dos projetos, antecipando manifestações que iriam por vir. Alguns nomes que fizeram parte desse grupo: Henrique Panek, Lineu Borges de Macedo, Onaldo Pinto de Oliveira, Mário de Mari, Ernani Vasconcelos, Jaime Wasserman, Romeu Paulo da Costa, Leo Linzmeyer, além de Rubens Meister e Lolo Cornelsen.

Com a chegada de tais ideias modernas, provenientes das artes plásticas, arquitetura e urbanismo, em âmbito internacional e nacional (principalmente na cidade do Rio de Janeiro), foi ganhando espaço na mídia e no dia-a-dia da população curitibana. Com isso, o governo paranaense se posiciona como vanguarda e consolida uma série de novas obras públicas modernas, mas também com um tecido urbano condizente com essas novas ideias. Por consequência, foram elaborados planos urbanos que organizariam o seu crescimento. Em um primeiro momento com o Plano Agache de 1940 e posteriormente com o Plano Wilheim / Serete desenvolvido pelo IPPUC em 1964 (RENZETTI, 2021, p. 55).




Plano direto de Curitiba – Plano Wilheim / Serete (1964) / (Acervo IPPUC)

2. GNOATO, Luís Salvador. **Arquitetura do Movimento Moderno em Curitiba.** Curitiba, 2009.

*"A necessidade de se criar um quadro urbano significativo que possa se constituir numa base existencial segura para o desenvolvimento de um relacionamento afetivo duradouro entre o morador e sua cidade. " (OBA, 1998, p.294)*

As informações apresentadas servem para uma breve contextualização do período que formou não só arquitetos autores das obras que aqui serão estudadas, mas também com o desenvolvimento da própria cidade de Curitiba no âmbito do urbanismo e da arquitetura. A seguir será apresentado de maneira mais extensa, outro evento que ocorre concomitantemente e que tem relação direta com a formação não só acadêmica, mas prática, seja de forma direta ou indireta com os projetos estudados. Fato este que colaborou para a formação de um ideário local pautado em pensamentos modernos e no intercâmbio de experiências entre profissionais.

*Criação do curso de arquitetura na UFPR e a formação das primeiras gerações de arquitetos paranaenses*

A elaboração deste capítulo também se relaciona diretamente à criação do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFPR em 1962 e a formação das primeiras gerações de arquitetos paranaenses. Portanto, se faz necessário uma compreensão do panorama em que o Estado e capital passavam, visto que os arquitetos e suas primeiras obras tem uma relação intrínseca com o seu contexto histórico e os acontecimentos são todas consequências de um evento anterior.

Os investimentos feitos para Curitiba se consolidar como uma capital moderna para o Estado, com a construção do espaço público e dos edifícios que compõe o conjunto do Centro Cívico, serviram para que a sociedade curitibana se reconhecesse como capital: "Curitiba foi elevada à capital do Paraná em 1854, e quase cento e vinte anos depois [...] Estava, enfim, convencida de sua importância. Sentia-se uma capital" (DUDEQUE, 2001, p. 213). A ausência de um sentido de identidade local acabou sendo suprida e a população começava a prezar pelos edifícios modernos que representavam o progresso econômico e tecnológico pelo qual a cidade passava e consequentemente valorizando a figura do arquiteto.

As obras encomendadas pelo governo de Bento Munhoz para o Centro Cívico trouxeram um grupo de arquitetos cariocas cuja linguagem era moderna. Inclui-se ainda a este grupo o arquiteto curitibano David Xavier de Azambuja, que realizou seus estudos em arquitetura no Rio de Janeiro, justamente por não haver nenhuma escola no Paraná. Nesse momento, a arquitetura brasileira vivia momento de grande prestígio e repercussão internacional, inicialmente com a finalização da obra do Edifício do Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro e posteriormente com a

inauguração de Brasília, nomes como o de Oscar Niemeyer e Lucio Costa começaram a fazer parte do repertório da população brasileira. Segundo Dudeque[3], esta sequência de acontecimentos resultou em um ambiente propício para abertura do curso de arquitetura e urbanismo em Curitiba:

> *"Muito mais importante foi convencer e manter convencidos os próprios curitibanos de que habitavam o polo de maior densidade demográfica no Estado, um nascente centro industrial, um polo econômico, um entroncamento de caminhos. No desenlace deste dilema secular, surgiram os arquitetos-urbanistas. Não eram os atores principais do processo, mas vistosos coadjuvantes a quem foi entregue, meio por acaso, o papel de reger o gran finale da autoestima curitibana."*

Ressalta-se que durante o período de implantação do CAU-UFPR, houveram eventos que estavam ocorrendo paralelamente como a vinda de arquiteto de grandes centros tanto para lecionar quanto atuar profissionalmente em seus escritórios em Curitiba, além da discussão no plano nacional, referente à revisão do ensino e do currículo do arquiteto. Estes fatores se tornam essenciais para a compreensão da arquitetura que seria realizada na cidade.

3. DUDUQUE, Irã. **Espirais de madeira.** Studio Nobel. Curitiba, 2001. p.214

Como o intuito desta subcapítulo não é o de destrinchar todos os acontecimentos, mas sim sintetizar esse momento, caracterizado por ter sido um tanto conturbado e que possui pouca documentação disponível. Com isso, os seguintes temas serão abordados a seguir:

_ A criação da comissão organizadora inicial do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná;

_ A oficialização do programa pela Reitoria da instituição e sua aprovação junto ao Ministério da Educação;

_ A organização inicial da grade curricular e do corpo docente e a abertura oficial do curso de arquitetura e urbanismo da UFPR em 1962.

Inicialmente, a comissão organizadora do curso era composta pelos engenheiros Rubens Meister e Romeu Paulo da Costa, professores da Engenharia Civil na UFPR e que atuavam praticamente como arquitetos. Fundado no ano de 1956 e aprovada pela Reitoria, que o novo curso se descolaria da Escola de Engenharia da Instituição, mas que aproveitaria parte das disciplinas e do corpo docente. Contendo as disciplinas exclusivas para a formação de arquitetos somente a partir do terceiro ano do curso, estas que seriam ministradas por arquitetos formados em outros Estados.

Essa convivência entre alunos e professores da Engenharia, contribuiriam de forma direta para a construção de uma postura técnica, racional, prática e construtiva" dos futuros arquitetos. Estas características em conjunto com o caráter humanista e a formação artística de maneira

indispensável, colaboraram para a importância que a arquitetura paranaense iria conquistar na década de 1970, tendo no equilíbrio entre a técnica e estética, uma série de premiações em concurso de projeto em âmbito nacional (PACHECO, 2010, p.45).

Sobre a formulação da grade curricular, esta foi aprovada pelo MEC no ano de 1961, demonstrando o interesse da comissão organizadora com os debates referentes a reforma curricular para formação de arquitetos que aconteciam principalmente em São Paulo e no Rio de Janeiro.

Provenientes de Minas Gerais, os arquitetos Marcos Prado e Armando Strambi eram contra vinculação dos dois primeiros anos do novo curso a Engenharia Civil, devido ao fato de terem vindo de um Estado em que o curso de Arquitetura já se organizava de forma independente. Dessa forma, tinham uma visão de que o novo curso deveria ter em consideração, as reflexões e propostas elaboradas por Vilanova Artigas para a FAU-USP.

Portanto, para ingressar no curso criado em 1962, existiam três formas:

_ a primeira, pelo vestibular regular para o curso de Arquitetura e Urbanismo;

_ a segunda, exclusiva para estudantes da Engenharia, que poderiam a partir do segundo ano, solicitar a transferência de curso;

_ a terceira, exclusiva para Engenheiros recém-formados, que poderiam realizar o curso em menor tempo.

*"Assim, o CAU UFPR iniciaria suas atividades com alunos no primeiro ano, (os que ingressaram por meio do vestibular), no segundo (os alunos da engenharia civil) e no terceiro (os engenheiros civis formados). Isso propiciaria uma primeira turma formada em apenas três anos (ano letivo de 1964), ou seja, a turma especial de 19 engenheiros, graduada em 1965. [..]. Note-se que esta seria a primeira e única turma de engenheiros-arquitetos formada no Paraná.* " [4]

4. PACHECO, Paulo Cesar Braga. **A Arquitetura do Grupo do Paraná 1957-1980.** p. 46

Para Dudeque (2001), acreditasse que a aceitação de engenheiros e estudantes de engenharia no curso de Arquitetura foi algo planejado, considerando a grande demanda por profissionais aptos ao planejamento urbano, regional e de obras no mercado de trabalho, estes que poderiam colocar em prática os projetos da PLADEP e da CODEPAR.

Com o novo curso estruturado, este ainda carecia de professores para formar o corpo docente, estes intitulados de "arquitetos migrantes" por Segawa[5]. Neste momento, vieram profissionais principalmente de São Paulo, mas também de Minas Gerais (como visto anteriormente), Rio Grande Do Sul e do Rio de Janeiro. Estes convidados pela comissão organizadora, mas que também vieram atraídos pelas oportunidades de trabalho em Curitiba, como no planejamento urbano, projetos públicos e privados, participação de concursos, entre outros.

Em São Paulo, nesse momento existiam duas escolas de arquitetura, a FAU Mackenzie, fundada em 1947 e a FAU USP, fundada em 1948, portanto antecedem em 15 anos aproximadamente o primeiro curso no Paraná. Segundo Pacheco (2010), a chegada de arquitetos formados nessas duas escolas, teria sido o momento em que havia nascido, portanto, a arquitetura em Curitiba.

5. SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990**. 3. Ed., 1. reimp. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

Com isso, foi herdado uma série de características como as soluções técnicas inovadoras, experimentação de detalhes construtivos e a preocupação com o papel do arquiteto na sociedade. O autor não reduz a produção dos "engenheiros arquitetos" curitibanos, mas considera que a reverberação de suas obras acabou se perdendo em meio a polifonia desses novos discursos.

Apesar das diferenças de ideias, esses grupos conviviam e compartilhavam experiências no ambiente arquitetônico curitibano, seja com seus escritórios privados, em que foram reconhecidos nacionalmente por meio das diversas premiações em concursos de projetos, seja como parte do corpo docente do curso de Arquitetura na UFPR, formando gerações de estudantes na nova escola. Segundo Luiz Forte Netto em depoimento[6]:

> *"Quando nós chegamos a Curitiba, ou melhor, eu cheguei, porque vim sozinho, um pouco mais tarde é que fui buscar o José Maria Gandolfi, depois o Roberto Gandolfi, depois trouxe o Joel Ramalho Júnior. Quando cheguei, Curitiba acho que tinha uns três ou quatro arquitetos: o Elgson Gomes, que era daqui; o Fernando Carneiro, já falecido, que era daqui, mas que não trabalhava em arquitetura; o Rubens Meister, e tinha arquiteto já mais velho, Ernesto Guimaraes Máximo, que na época era o delegado do IAB aqui no Paraná. Era o delegado e sem nenhum soldado abaixo dele, porque era praticamente só ele de arquiteto. "*

Para Dudeque (2001), a produção desses profissionais vinculados ao chamado "ciclo dos engenheiros" teve suma importância para o desenvolvimento da arquitetura curitibana,

Evento de posse do professor Manoel Coelho como coordenador do curso de arquitetura e urbanismo da UFPR / (Acervo Carlos Emiliano França)

6. BERRIEL, Andrea & SUZUKI, Juliana Harumi. **Memória do Arquiteto: Pioneiros da Arquitetura e do Urbanismo no Paraná.** p. 97

descolando-a do Ecletismo histórico que era praticado e se não fossem por obras destes autores, provavelmente seguiria sendo a arquitetura regente período.

Retomando a tese de Paulo Pacheco, este destaca a relevância da arquitetura e de arquitetos paulistas na formulação dos caminhos que iriam ser construídos pela arquitetura paranaense (PACHECO, 2010, p. 52). Formados na FAU MACK, Luiz Forte Netto, José Maria Gandolfi e Roberto Gandolfi, tinham além de uma formação reconhecia pela técnica empregada em seus projetos e materiais utilizados, também tiveram um forte viés artístico em sua formação, pela origem de sua *alma mater* nas belas artes. Estes aspectos podem ser percebidos posteriormente na arquitetura de jovens paranaenses que foram alunos destes mestres.

# Parte II: A casa do arquiteto

Com as constatações feitas a partir da apresentação dos acontecimentos referentes a produção da arquitetura em Curitiba durante o século XX, fez se necessário um desdobramento maior sobre outro assunto vinculado a esta pesquisa. Mais diretamente os projetos de Casas de Arquitetos, realizadas concomitantemente, seja por arquitetos curitibanos e/ ou de outros locais do Brasil.

A apresentação deste paralelo entre os projetos é feita de acordo com a década de realização das obras, buscando contextualizar sobre o que estava sendo feito em diferentes conjunturas, durante o mesmo período, por arquitetos com obras reconhecidas e publicadas. Como não é o intuito deste trabalho mapear todos os exemplares disponíveis, foi feita uma breve seleção, com o objetivo de sintetizar a analise, não reduzindo outras obras e arquitetos.

Sabidamente a arquitetura moderna não fez parte da pauta da Semana de 22, marco importante de absorção das ideias e pensamento modernos nas artes no Brasil. Segundo Claro (2008), ela ganha protagonismo logo em seguida, através de nomes como o de Gregori Warchavchik, Rino Levi, Lucio Costa, Flávio de Carvalho, entre outros.

Diferentemente dos demais, este primeiro era estrangeiro, de origem ucraniana (1896-1972) e com formação na Itália, desembarca no Brasil no ano de 1923. Contaminado pelos novos pensamentos modernos, além do contato direto com os grandes nomes da arquitetura mundial naquele momento, como Le Corbusier, Frank Lloyd Wright e Richard Neutra, começa a materializar sua arquitetura em São Paulo, com o que seria reconhecida pela bibliografia disponível como a primeira obra de caráter moderno no Brasil, o seu projeto de Casa do Arquiteto, localizada na Rua Santa Cruz, Vila Mariana em São Paulo. Construída entre os anos de 1927 e 1928, é valorizada por empregar um repertório formal integralmente moderno e por ter sido a residência do arquiteto e sua família até o final de sua vida.

Casa do arquiteto Gregori Warchavchik (1927-1928) / (Blogspot holodeck)

Pouco tempo depois, é realizada uma outra obra, que também se trata de uma Casa do Arquiteto, pelo arquiteto alemão radicado na capital paranaense, Frederico Kirchgässner (1899-1999), entre 1929 e 1930. Localizada Largo da Ordem, centro histórico de Curitiba, o projetista propôs uma arquitetura que é referenciada na obra de Warchavchik e que se distancia da estética do Ecletismo, vigente na época, adotando uma mesma linha de raciocínio europeia, "*bauhausiana*", onde além de projetar a casa, projeta o mobiliário, as esquadrias e uma série de detalhes únicos (RENZETTI, 2021, p.56).

No início da década de 1940, o arquiteto curitibano radicado em São Paulo, Vilanova Artigas (1915-1985), realiza o projeto de sua primeira residência, localizada no Campo Belo em São Paulo. Mais conhecido como "a Casinha", foi construída em 1942, implantada com um ângulo de 45° em relação ao terreno, em um lote de esquina. Apresenta uma planta quadrada estruturada a partir de um núcleo rígido central, onde estão localizados o sanitário e lareira, dispondo os demais ambientes ao seu redor. Possui um telhado tradicional de quatro águas e faz parte da que é considerada a fase "*wrightiana*" de Artigas (FIORINI, 2014, p.75).

Vilanova Artigas, com o crescimento de sua família, realiza ainda o projeto de sua segunda residência, no ano de 1949, construída ao lado de sua primeira casa, pois são localizadas em um mesmo terreno. Nela, pode realizar soluções que seriam aplicadas em outros projetos posteriormente, em diferentes escalas, como a utilização de paredes hidráulicas que concentram as infraestruturas, com planta livre e de distribuição linear. Outro aspecto importante é a resolução de uma laje de cobertura inclinada, possibilitando a existência de um mezanino, onde estava o estúdio do arquiteto. Ainda pode fazer uso de uma série de elementos, com o uso da cromaticidade, através de paredes que recebem pintura na cor vermelha, pilares de seção circular

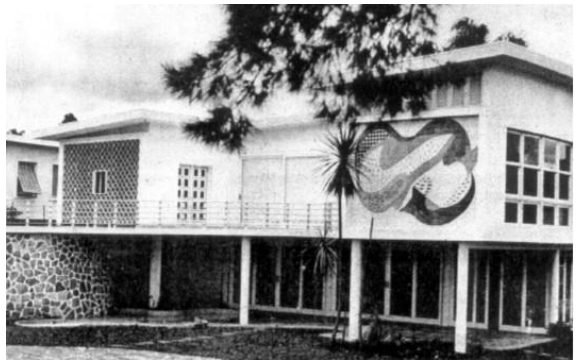
Casa do arquiteto Frederico Kirchgässner (1929-1930) / (Gustavo Pinto, 2022)

Primeira casa do arquiteto Vilanova Artigas (1942) / (Nelson Kon)

com pintura na cor azul e o uso de grandes superfícies em vidro. A bibliografia existente trata de enquadrar esta obra como sendo pertencente a fase "*corbusiana*" da obra do arquiteto (FIORINI, 2014, p.78).

Segunda casa do arquiteto Vilanova Artigas (1949) / (Nelson Kon)

Casa do arquiteto Lolô Cornelsen (1949) / (Acervo do arquiteto)



Em Curitiba, praticamente no mesmo período, Lolô Cornelsen (1922-2020), reconhecido por uma atividade profissional diversa, como engenheiro-arquiteto, até a atuação em órgãos de infraestrutura estadual à atleta profissional de futebol. Realiza no mesmo ano da segunda residência de Artigas (1949), o projeto de sua Casa do Arquiteto, também conhecida na bibliografia como residência Cleusa Cornelsen (levou o nome de sua esposa). Localizada no bairro do Batel em Curitiba, Lolô desenvolve o projeto com um volume suspenso sob pilotis, utilizando

terraços em curva, emprego de janelas em fita, ainda utiliza de um painel cerâmico de sua própria autoria, realizada na fachada frontal da casa (RENZETTI, 2021, p.69).

No início dos anos 1950, a arquiteta italiana que havia se estabelecido no Brasil, Lina Bo Bardi (1914-1992) realiza o projeto de sua residência, conhecida como Casa de Vidro, localizada no bairro do Morumbi em São Paulo. O projeto se caracteriza pela implantação de um bloco envidraçado frontal onde estão as áreas sociais da casa, apoiado sobre pilotis em pilares metálicos e o bloco posterior, apoiado no terreno, onde estão localizadas as áreas privativas e de serviço, caracterizado pelo uso de materiais opacos e de volumetria mais "encerrada". (FIORINI, 2014, p.132).

Nesse mesmo período em Curitiba, ainda não haviam muitos profissionais com formação em arquitetura, devido a tardia implantação do curso em universidades, os projetistas que eram atuantes possuíam formação na Engenharia, ou formação externa à cidade e como já foi visto, sendo até mesmo estrangeiros. Diante desse contexto de uma atuação exclusivamente prática e a falta de referências concretas, em 1953, o engenheiro-arquiteto Romeu Paulo da Costa (1924-2014), realiza o projeto de sua residência, localizada no bairro Cabral. Esta obra materializa este período de transição da arquitetura curitibana, em que preceitos modernos são adotados ainda de maneira discreta pelos projetistas.

Paulo Mendes da Rocha (1928-2021) projeta em 1964, a sua Casa do Arquiteto, situada no Butantã em São Paulo. A obra que conta com uma casa irmã, idêntica localizada no terreno ao lado, exprime toda a técnica do arquiteto, ensaiando o uso de peças pré-fabricadas, detalhamento mínimo e um sistema estrutural rigoroso. Organizada pela solução de elevar o bloco onde estão as funções principais da casa, setorizados de forma clara, com duas faixas de áreas sociais nas

Casa da arquiteta Lina Bo Bardi (1950) / (Nelson Kon)

Casa do arquiteto Romeu Paulo da Costa (1953) / (Felipe Sanquetta, 2021)

faces envidraçadas, posicionado os dormitórios em seu centro, estes com paredes que não tocam o teto. Gerando um térreo livre com apenas 4 pilares, onde se conforma um abrigo para carros. (FIORINI, 2014, p.59).

No mesmo ano, o recém-formado arquiteto Jaime Lerner (1937-2021) materializa o que seria desenvolvido ainda durante o período de estudante, o projeto de sua própria residência. Localizada no Bairro Juvevê em Curitiba, a casa se caracteriza pela solução estrutural em concreto armado, acompanhando a topografia do terreno e os níveis da casa, detalhamento de esquadrias e carpintaria em sua fachada principal e o uso de laje jardim em sua cobertura (SUZUKI, 2013).

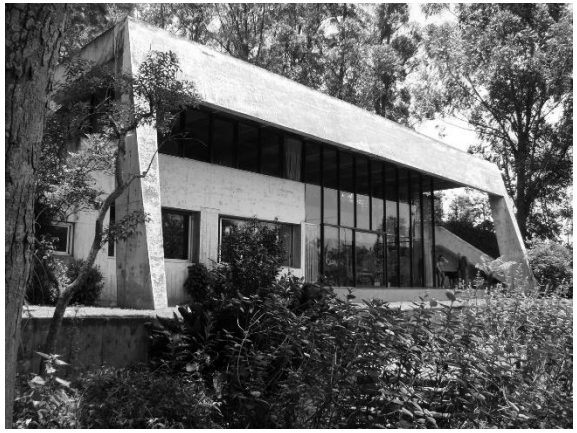
Casa do arquiteto Paulo Mendes da Rocha (1964) / (Nelson Kon)

Casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2022)

No ano de 1971, o arquiteto eslovaco naturalizado brasileiro Hans Broos (1921-2011), realiza o projeto de usa residência, situada no bairro do Morumbi em São Paulo. O projeto se caracteriza pela implantação na topografia acentuada, tornando evidente a acomodação da casa no terreno, aspecto mais importante do projeto. Broos ainda implanta um segundo volume que atenderia a demanda do espaço físico de seu escritório (CARRILHO, 2019).

Um ano depois, o arquiteto paulista Marcos Acayaba (1944-) realiza o que é considerado o seu primeiro projeto depois de formado, no ano de 1972, sendo finalizada no ano de 1975. Inicialmente encomendada por sua cunhada, tem o processo de projeto realizado com muita liberdade e ainda durante o período de sua construção, acabou sendo passada/ transferida para o arquiteto. O projeto se caracteriza pela casca curva de concreto como cobertura, concentração das infraestruturas hidráulicas, circulações internas fluidas e a integração com o terreno e a sua vegetação natural (FABRICIO & NAKANISHI, 2009, p. 36).

Paralelamente, a arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1952-2021) constrói também em 1975, o projeto de sua residência. Localizada no bairro Vista Alegre em Curitiba, é igualmente o primeiro projeto realizado por ela, caracterizado pelo uso do concreto armado aparente em sua estrutura e em vedações, resolução dos pavimentos em meios níveis e o uso de um desenho singular para aberturas/ entradas de luz e o mobiliário fixo também em concreto. Este projeto também representa de certa forma, como a arquitetura paulista estabeleceu influência direta e indireta com a arquitetura produzida no Paraná, e mais especificamente em Curitiba. Nadir colaborou com arquitetos paulistas recém migrados para Curitiba durante o período de sua formação, momento este em que desenvolveu este projeto (PACHECO, 2010, p. 351).



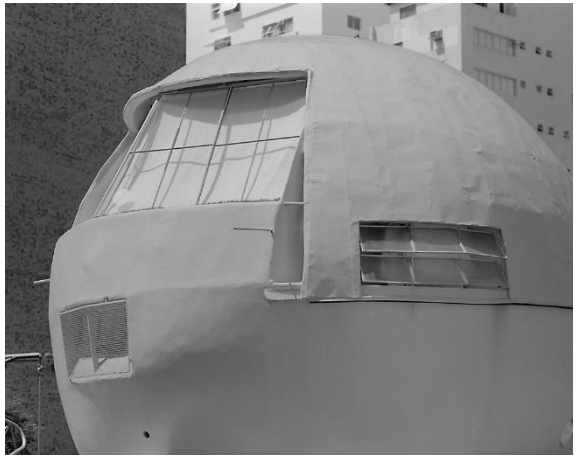
Casa do arquiteto Hans Broos (1971) / (Orlando Maretti)

Casa do arquiteto Marcos Acayaba (1972) / (Nelson Kon)

Casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Um projeto que se distancia dos demais aqui estudados, é o da residência do arquiteto Eduardo Longo (1942-), mais conhecida como “Casa Bola”. Localizada no bairro Pinheiros em São Paulo, o projeto de 1979 se caracteriza pela experimentação do arquiteto em viabilizar uma solução da volumetria esférica que abriga parte do programa, mas também pelo desejo de repensar a forma de morar nas grandes cidades e a industrialização da construção (CARRANZA, 2014).

Se o projeto de Eduardo Longo se difere das demais soluções pela sua volumetria e pensamento na lógica construtiva contemporânea, o arquiteto paranaense Abrão Assad (1940-) realiza o projeto de sua residência, também de 1979, com outros aspectos experimentais. A casa está situada em um grande terreno no bairro Pilarzinho em Curitiba, circundado por um bosque nativo e se caracteriza pelo uso de componentes estruturais em madeira. Além da materialidade, a obra também se destaca pelo partido arquitetônico adotado, solução que remete ao sistema *Dom-ino* de Le Corbusier e as "casas apartamento" da Escola Paulista (SANQUETTA, 2021).

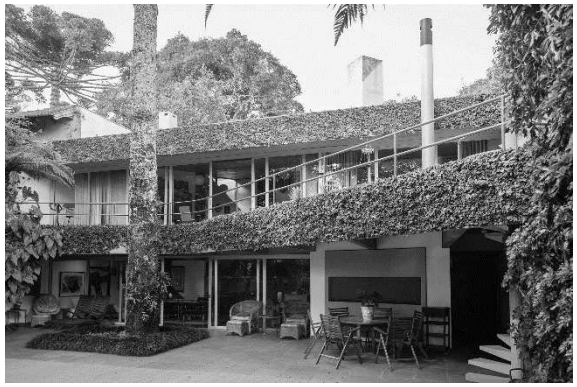


Casa do arquiteto Eduardo Longo (1979) / (Chico Prestes Maia)

Casa do arquiteto Abrão Assad (1979) / (Felipe Sanquetta, 2021)

O projeto de Manoel Coelho (1940-2021) para a sua Casa do Arquiteto no ano de 1981, é um dos exemplares mais tardios encontrados em publicações deste período do final do século XX, em que para alguns autores, como Alberto Xavier (1986), ainda enquadram no recorte da produção moderna realizada em Curitiba. O projeto exibe a técnica do concreto armado em sua estrutura, aplicação do uso de cores primárias na identificação de elementos arquitetônicos e pela sua integração com o terreno e a vegetação existente.

Com esta breve identificação destes exemplares de Casas de Arquitetos realizados durante os anos de 1928-1981, pode se notar variadas soluções adotadas, principalmente devido ao caráter experimental desse tipo de projeto. Diferentes estratégias para os mesmos programas, materialidades e a utilização dos mesmos recursos de maneiras distintas. Outro aspecto identificado, é de que em São Paulo, devido a consolidação da formação e função do arquiteto por um tempo maior, aproximadamente 15 anos de diferença entre implantação inicial de escolas de arquitetura, nota-se uma série de semelhanças e identidade entre os projetos, que pode ser de fato, tratada como uma arquitetura paulista per se. Já em relação a arquitetura produzida em Curitiba, nota-se uma multiplicidade maior de linguagens, devido a conclusão estabelecida no capítulo anterior (*Parte I*), de que foi tardia a formação de profissionais (somente nos anos 1960) e devida a composição do corpo docente, ter sido elaborada por professores de diferentes partes do país, portanto, de diferentes pensamentos, desencadeou uma série de linhagens de produção entre os arquitetos em formação neste período.



Casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

# Parte III: Estudos de caso

A Parte III resulta da pesquisa aprofundada dos três estudos de caso selecionados para as seguintes análises dos projetos de Casas de Arquitetos. Para a definição dos projetos, a pesquisa teve como premissa a constatação da importância do período entre as décadas de 1960 a 1980 para a difusão da arquitetura de forma mais intensa na cidade de Curitiba, tendo em projeto de residências unifamiliares, como um espaço de materialização de ideias para jovens arquitetos. Período este que corresponde a formação das primeiras gerações de arquitetos no Estado do Paraná e a produção de obras de caráter moderno do chamado Grupo Paraná, que perdurou tardiamente até ao final dos anos 80.

A definição do conjunto de obras selecionadas para o estudo, teve como critério a seleção, além da representatividade de seus autores, aspectos de proximidade e colaboração entre os arquitetos, afim de encontrar similaridades entre as suas produções. Desta forma, foram selecionadas: a residência do arquiteto Jaime Lerner, localizada no bairro Juvevê, projetada em 1964; a residência da arquiteta Maria Nadir de Carvalho, localizada no bairro Vista Alegre, projetada em 1975; e a residência do arquiteto Manoel Coelho, localizada no Bairro São Lourenço, projetada em 1981.

Deste modo, este capítulo se organiza inicialmente com a apresentação da trajetória dos arquitetos autores dos projetos estudados. Abrangendo o período desde a sua formação acadêmica, atuação profissional, outras obras relevantes e a colaboração com outros arquitetos. Em seguida, é realizada a primeira análise referente a reflexão de como os projetos foram investigados na historiografia da arquitetura, através das principais publicações e pesquisas disponíveis sobre as casas, assim como verificação da importância de cada obra no contexto da arquitetura produzida em Curitiba. Também é apresentada neste capítulo uma análise individual de cada obra, através de sua decomposição entre elementos fundamentais do objeto arquitetônico: como a sua devida

implantação e orientação, relações entre os espaços de transição, interior x exterior, estrutura e vedações.

**Arquiteto Jaime Lerner (1937-2021)**

Jaime Lerner nasceu em 1937 e graduou-se em Engenharia Civil pela UFPR em 1960. Segundo Berriel & Suzuki (2011), seu desejo, desde o princípio, era cursar arquitetura, fato que se tornou possível com a abertura do curso de Arquitetura e Urbanismo na mesma universidade, em 1962. O novo curso, originado do desdobramento da Engenharia Civil, permitiu que os engenheiros recém-formados iniciassem a graduação em arquitetura a partir do terceiro ano, tendo assim, a primeira turma formada em 1964, sendo esta a única turma de engenheiros-arquitetos graduados no Paraná, da qual faziam parte 19 engenheiros, entre eles, Jaime Lerner e Domingos Bongestabs.

Foi responsável pela criação e estruturação do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC) em 1965 e participou do desenvolvimento do Plano Diretor de Curitiba que resultou no processo de transformação física, econômica e cultural da cidade.

Durante o biênio 1970-1971 foi presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil – Departamento Paraná. E recebeu o título de *Doutor Honoris Causa* pelas seguintes instituições:

_ Universidade de Ferrara (Itália);

_ Universidade Politécnica de Cracóvia (Polônia);

_Technical University of Nova Scotia (Canadá);

_ Universidade São Francisco (Bragança Paulista, Brasil)

Foi prefeito de Curitiba em três mandatos: nos períodos de 1971-1975, de 1979-1983 e de 1989-1992. Durante sua primeira gestão, Lerner consolidou as transformações da cidade que planejará ainda durante o período no IPPUC e implantou o Sistema Integrado de Transporte Coletivo, reconhecido internacionalmente pela sua eficiência, qualidade e baixo custo.

Nas duas gestões seguintes, além das ações de vanguarda no planejamento urbano, Lerner intensificou um amplo programa que resultou em avanços na área social, destacando Curitiba como uma das cidades com um dos maiores índices de qualidade de vida entre as principais capitais do mundo.

Eleito governador do Estado do Paraná em 1994 e reeleito em 1998, Lerner promoveu a maior transformação econômica e social da história do Estado. Apoiado em uma política de atração de investimentos produtivos, o Paraná se consolidou como um novo polo industrial do país, contabilizando investimentos de US$ 20 bilhões entre o período de 1995 a 2001.

A exemplo da experiência bem-sucedida de Curitiba, o governador Jaime Lerner preocupou-se em resolver problemas de transporte, uso do solo, educação, saúde, saneamento, lazer e industrialização como um todo (Cerimonial do Governo do Estado do Paraná, 2016).

Essa preocupação, intensa principalmente na área social, de educação e de atenção à criança, renderam ao Governo do Paraná o prêmio Criança e Paz da Unicef, para os programas "Da Rua para a Escola", "Protegendo a Vida" e "Universidade do Professor". Também foi eleito presidente da União Internacional de Arquitetos (UIA) em julho de 2002.

Jaime Lerner faleceu no dia 27 de maio de 2021, em decorrência de complicações de doença renal. Permaneceu atuando como arquiteto e principalmente, urbanista e homem público até seus

últimos dias de vida. Apesar de não morar mais, continuava frequentando a residência que projetou ainda como estudante e que recebe até os dias atuais, as sedes do Instituto Jaime Lerner e do escritório Jaime Lerner Arquitetos Associados.

*Análise historiográfica*

Jaime Lerner Arquiteto: 1962-1971

Pedro Sunye Barbosa da Silva, 2018

O pesquisador em sua investigação de mestrado, busca resgatar a relevância da atuação de Lerner anterior ao momento de entrada dele na vida política, onde teve uma ampla produção na prática arquitetônica. A partir do período de sua formação como engenheiro em 1962 pela UFPR ao ano de 1971, ano em que assume a prefeitura de Curitiba. Apesar de parecer um curto recorte temporal, o trabalho apresenta dezessete projetos realizados em diferentes formatos de escritório e atuação.

O texto se organiza em três capítulos, sendo primeiro chamado de *Perfil biográfico*, 1937-2018, que trata da origem pessoal e familiar de Lerner, sua formação e atuação como homem público. O segundo capítulo intitulado *Anos formativos*, 1962-1965, conta o início da trajetória profissional do arquiteto, assim como alguns de seus primeiros projetos. O terceiro capítulo *Vida profissional*, 1965-1971, documenta uma série de projetos desenvolvidos em seu escritório privado, posteriormente durante o período em que esteve no IPPUC e também alguns projetos internacionais. O projeto da Casa do arquiteto é retratado no segundo capítulo.

> *"O terreno só tinha nove metros de largura. Então, eu construí em 4,80m para sobrar espaço para a iluminação. Bem mais tarde, eu comprei o lote do lado, com mais nove metros. No começo, nem tinha garagem, eu me recusava a dar espaço ao carro. Não deveria separar 25m² para o carro. Em 1963 eu fiz o projeto da casa e me mudei em 1966. Quando me formei, ganhei um concurso de arquitetura (Conjunto Almirantes, São Paulo) e com o dinheiro terminei a casa. (p.83 apud LERNER, 2016)*

É possível entender a casa ao adentrar ao lote, pois como a casa se encosta em um dos muros de divisa, pode se observar a sua fachada lateral voltada para o restante do lote e que possui a imagem de seu corte longitudinal estampado, apresentando a solução em meios níveis acompanhando a topografia terreno. Outro aspecto abordado pelo autor é a solução para a laje de cobertura da casa, inclinada e com teto verde / jardim.

> *"O teto verde veio da visão lógica de que ele ajudava na climatização da casa. Retém o calor quando está frio. Se não me engano a Casa do Brasil em Paris tinha um teto verde. " (p.83)*

E também outros aspectos que remetem a recursos recorrentemente utilizados na produção da arquitetura residencial do período, sobre tudo, nas casas da Escola Paulista. Como a solução em

meios níveis e cobertura em laje inclinada, mobiliários fixo concretados. E encontra-se na inclusão do estúdio do arquiteto em um nível acima da cozinha, com uma janela interna para o espaço social da casa e um acesso a varanda externa, onde se pode ter cobertura visual de todo o conjunto.

O projeto da casa foi concebido ainda durante o período de Lerner como estudante do curso de Arquitetura, na disciplina de Composição, sob o tema: Residência Unifamiliar. Esta que acabou sendo construída e servindo de moradia por quase 40 anos ao arquiteto, com os desenhos técnicos posteriormente elaborados pelo arquitetos e colaboradores de Lerner, Domingos Bongestabs e Carlos Ceneviva.

Um Conceito em Concreto: Residência Jaime Lerner em Curitiba

Juliana Harumi Suzuki, 2013

Uma das primeiras características que a pesquisadora Juliana Harumi Suzuki levanta a respeito da casa de Lerner é o emprego extensivo do concreto armado aparente, tanto em sua construção, como no mobiliário fixo da residência e pela utilização do teto jardim em sua cobertura, solução pouco usual para obras dos anos 1960.

Mais adiante, a autora apresenta o início do processo de projeto de Lerner, em que logo após ingressar no curso de arquitetura em 1962 inicia seu desenvolvimento, realizando a compra do terreno em 1963 e tendo como responsável técnico, seu irmão, o engenheiro civil Julio Lerner.

Sobre o sistema de cobertura em laje jardim, Suzuki tece a seguinte consideração:

> *"Questionado sobre o fato, Lerner afirmou que ela havia sido o ponto de partida para a decisão do sistema estrutura em concreto, e não o contrário, como seria de esperar. Antecipando em décadas um recurso muito empregado pela arquitetura contemporânea, a laje jardim determinou a modulação das vigas da cobertura, afastadas em 80 cm umas das outras, de modo a permitir que a terra pudesse preencher os vazios, sem risco de deslizamento." (p.4)*

Outro elemento importante do projeto tratado pela autora, é a lareira em concreto armado "à vista caiado", localizada na sala de estar, detalhada pelo arquiteto e colaborador de Lerner, Domingos Bongestabs. O calor gerado pela lareira, além de aquecer a sala, também aqueceria o quarto de casal no ambiente ao lado, na região da cama, que é uma peça de mobiliário fixo em concreto armado.

Com o passar dos anos, o arquiteto adquire o lote vizinho em 1968, em que consegue finalmente estender o jardim da casa, além de construir uma garagem. Aos fundos dos dois lotes unificados, além da vegetação existente, a família acabou plantando outras árvores que conformaram as ampliações posteriores que viriam a receber o escritório privado de Lerner. Em 1969, ao projetar o Edifício Casario, que possui terreno colado ao da Casa do Arquiteto, acaba adquirindo uma faixa de terreno do prédio, onde projeta um novo dormitório com banheiro e closet, deixando seu antigo dormitório para uma das filhas.

> *"Segundo Lerner, desde a construção, a casa aguçava a curiosidade dos transeuntes, que não a identificavam como tal – especulando qual seria a sua função, muitos acreditavam ser um posto de combustíveis. Apesar da estranheza da população, o projeto foi premiado pelo Departamento Nacional do Instituto dos Arquitetos do Brasil, em 1966. " (p.6)*

A pesquisadora complementa que a escolha do uso extensivo do concreto armado aparente e a exposição das estruturas e seus materiais construtivos está longe de ter uma motivação ideológica,

foi de fato a escolha do sistema estrutural mais adequado para viabilizar o teto jardim. Já as esquadrias da fachada principal ficaram a cargo de um mestre de obras italiano, o que consolida o caráter artesanal e experimental da obra.

> *"A residência Jaime Lerner não se enquadra nos pressupostos de linguagem ou escola arquitetônica. Como uma típica "casa do arquiteto", nela Lerner se permitiu fazer experimentações cuja aceitação seria improvável por outro cliente. É um projeto cuidadosamente detalhado, que extrai ao máximo as potencialidades do terreno onde se implanta. " (p.9)*

Arquitetura Moderna em Curitiba

Alberto Xavier, 1986

O livro “Arquitetura Moderna em Curitiba”, de Alberto Xavier, apresenta a residência de Jaime Lerner como uma obra em que ele pode imprimir livremente suas intenções arquitetônicas. Apesar do estreito terreno, fez com que a residência de aproximadamente 120m$^2$ fosse implantada junto a uma das divisas, solução não tão usual na época. Abrindo e iluminando os ambientes internos à oeste, mesmo não sendo a implantação mais adequada, Lerner já tinha em mente adquirir o terreno ao lado, o que poderia ampliar e seguir intervindo no seu projeto original, o que acabou se concretizando anos depois.

Em seguida, o autor define que ao invés de meios níveis, a casa é conformada por dois platôs que ocorrem no declive aos fundos do terreno, que com 4,5m possibilitou a acomodação dos ambientes da casa com a área íntima na parte inferior e na parte superior as áreas sociais e de serviço. Complementadas por um jirau, em que se encontra o escritório / estúdio.

Sobre a laje de cobertura, inclinada acompanhando o terreno, e o teto verde, revela que a solução foi possível pela inversão na posição das vigas em relação à laje, gerando um espaçamento para substratos e vegetação desenvolverem. Essas vigas ao saírem da projeção da cobertura, se prolongam como vigas para a área de serviço em frente ao terreno, como pérgolas.

*Análise arquitetônica decompositiva*

Ficha técnica

_ Autor do projeto: Arquiteto Jaime Lerner / colaboração: Arquitetos Domingos Bongestabs e Carlos Ceneviva

_ Calculista: Engenheiro Julio Lerner (SUZUKI, 2013)

_ Clientes: Jaime e Fani Lerner

_ Data do projeto: 1964 (XAVIER, 1986, p.53)

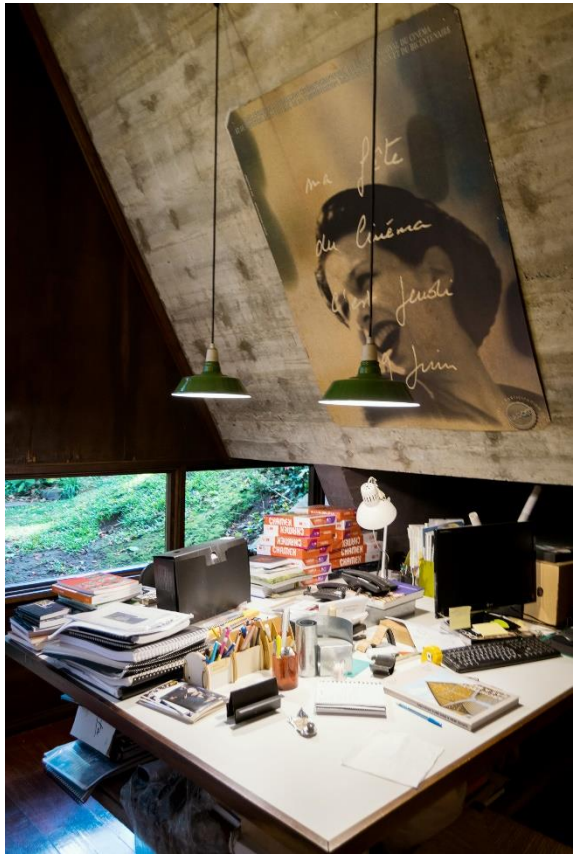
_ Localização: Rua Bom Jesus 56, Visto Alegre, Curitiba, Paraná (XAVIER, 1986, p.53)

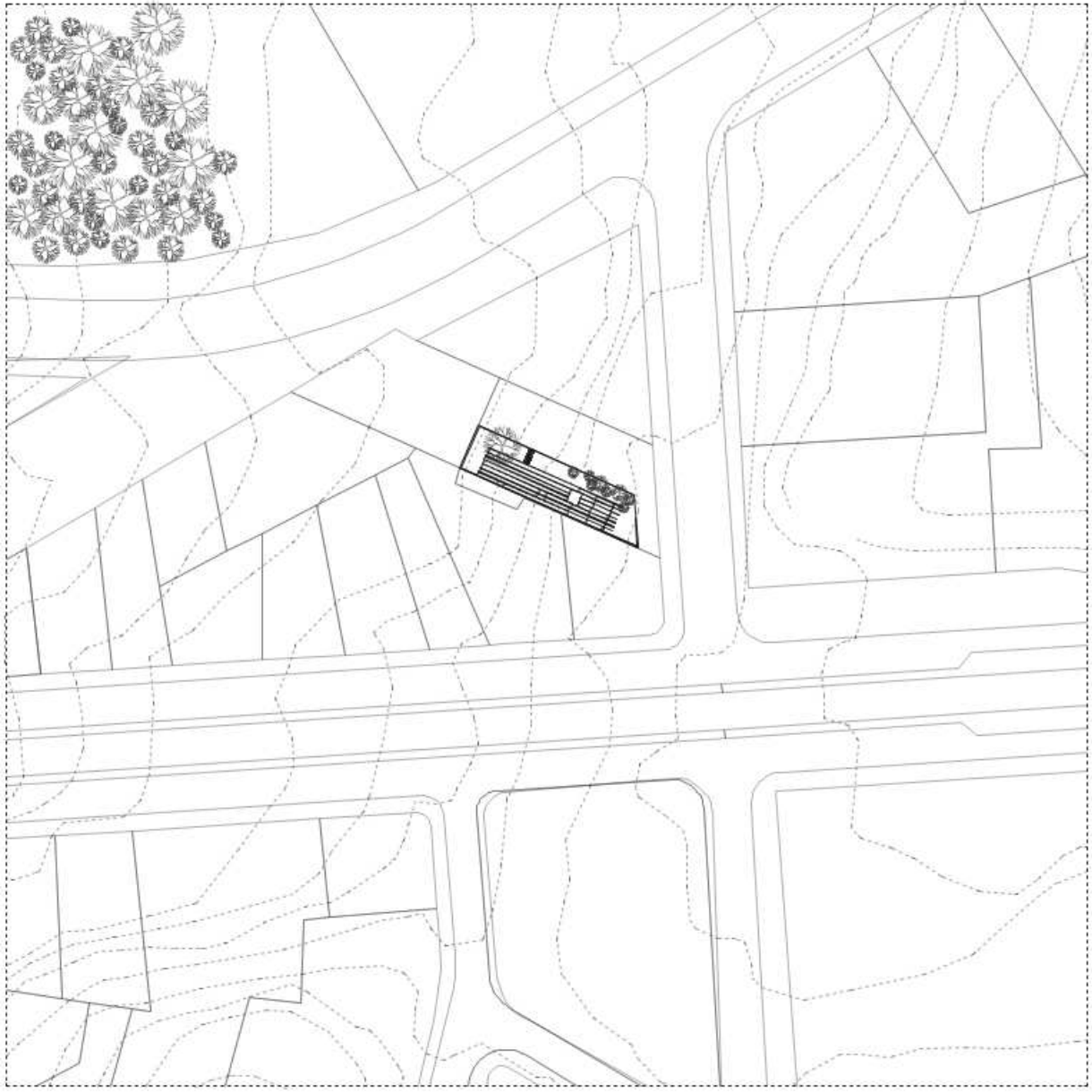
_ Principais publicações: XAVIER (1986), SUZUKI (2013) e SILVA (2018)

_ Área construída: 120 m² (XAVIER, 1986, p.54)

Vista lateral da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2022)

Vista do dormitório de casal na casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2022)

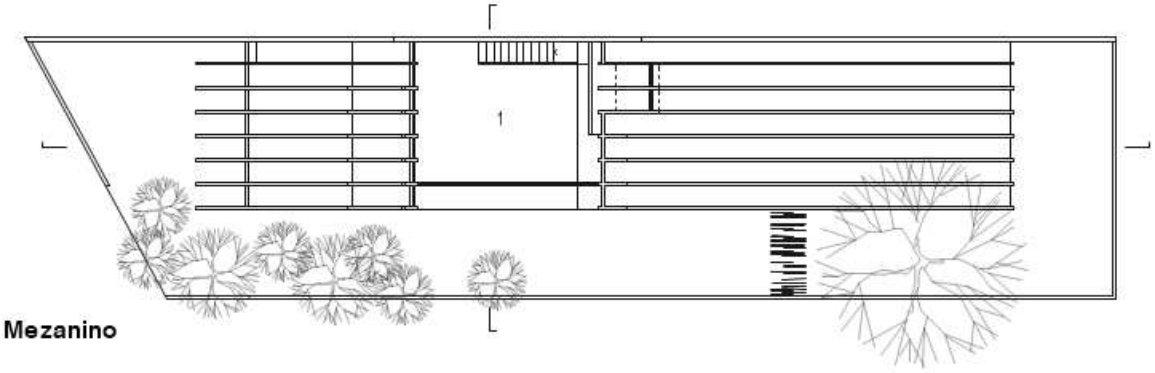




**Implantação**

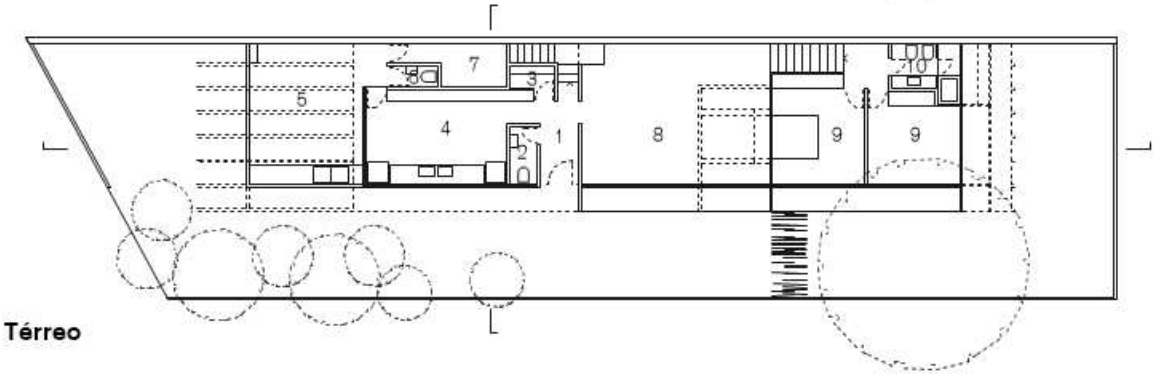
0 10 50 m

Redesenho do projeto original da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2022)




1. Estúdio

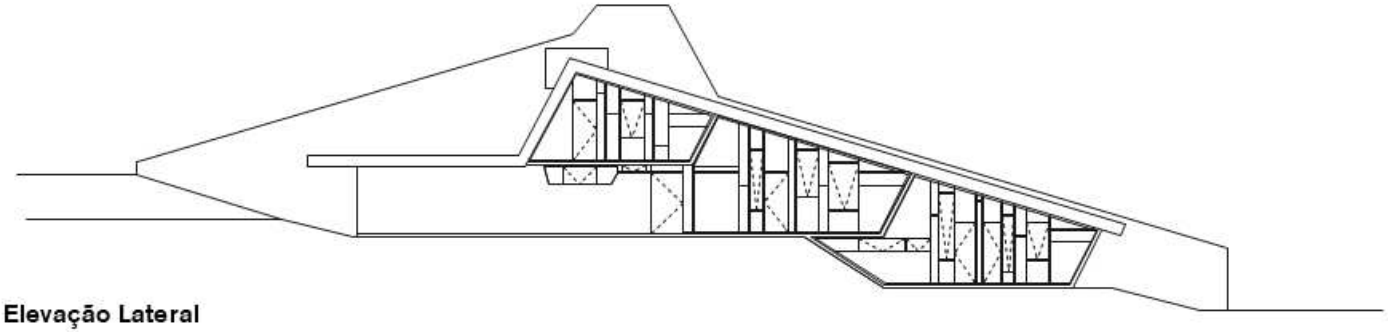
**Mezanino**



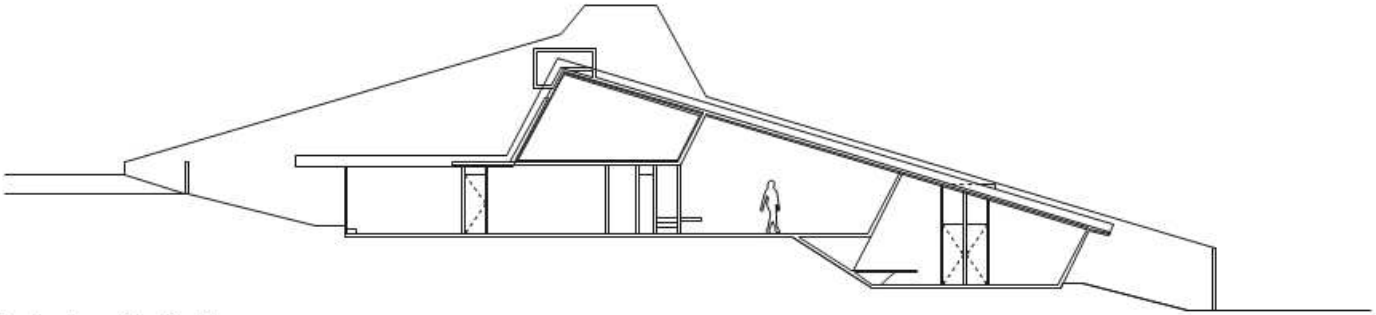

1. Hall
2. Lavabo
3. Despensa
4. Cozinha
5. Área Serviço
6. BWC Serviço
7. Serviço
8. Living
9. Quarto
10. BWC

0 2 10 m

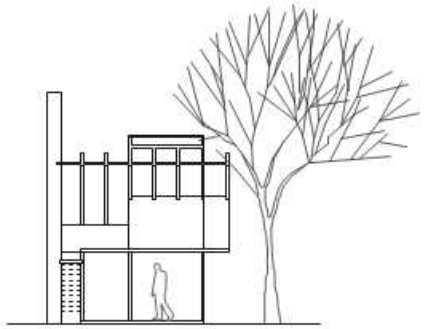
**Térreo**



**Elevação Lateral**



**Corte Longitudinal**



**Corte Transversal**

Após o período de estudos fora do Brasil, o Jaime Lerner, naquele momento engenheiro civil, ingressa finalmente no curso de arquitetura e urbanismo na UFPR em 1962. No ano seguinte, adquire um terreno localizado em um meio de quadra na Rua Bom Jesus, no Bairro Cabral na cidade de Curitiba e elabora ainda como estudante, o projeto acadêmico para uma residência unifamiliar em uma das disciplinas do curso e que posteriormente foi desenvolvido para ser a sua moradia. A obra contou naquele momento com a colaboração de seu irmão e engenheiro Julio Lerner e foi finalizada no ano de 1965.

O terreno original se caracteriza por ser um lote retangular de dimensões reduzidas, aproximadamente 9 metros de largura, e com uma face frontal inclinada, tendo um dos lados com 37 metros, o outro com 32 metros e, portanto, 310m$^2$ de área. Tanto a proporção do terreno, quanto a sua dimensão e o declive da topografia para os fundos do lote, influenciaram na resolução do partido e implantação da residência.

O edifício de aproximadamente 120m$^2$ é implantado longitudinalmente ao terreno e colado ao muro lateral de maior dimensão, liberando um jardim lateral iluminado à noroeste, que é por onde a casa se abre, se ilumina e se comunica.

Ainda sobre a relação da casa com o terreno, a inclinação da topografia, conforma dois platôs em meios níveis. Em que o primeiro recebe o acesso principal da casa, área de estar, jantar e lavabo. Assim, como a área de apoio como cozinha, serviço e pátio frontal. O segundo platô recebe basicamente a área íntima, com o dormitório de casal, o dormitório das filhas e um sanitário. A casa é complementada por um mezanino, onde está o estúdio/ ateliê do arquiteto, localizado sob a área da cozinha e serviço, sendo acessado por uma escada interna próxima ao hall social.

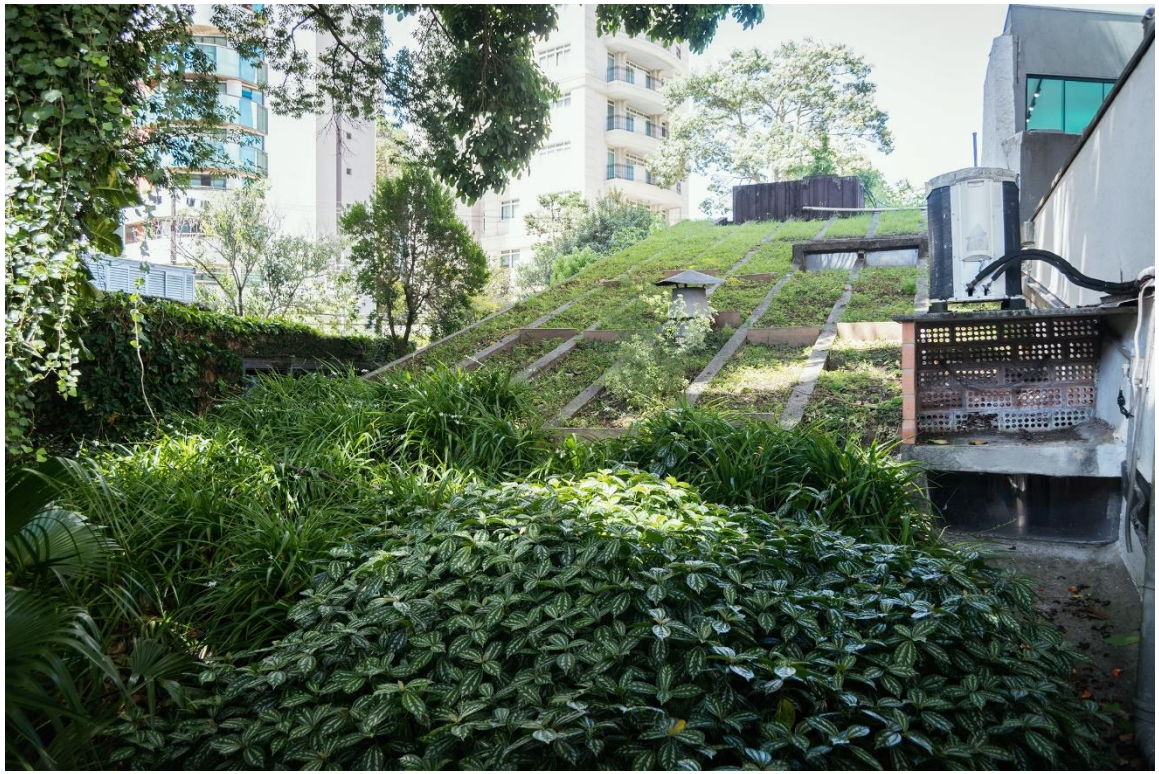
Vista da rua da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2022)

Vista do acesso da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2022)

Vista do jardim privativo da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2022)

A cobertura inclinada no mesmo sentido do declive da topografia, conforma um espaço com o pé direito suficiente para o mezanino, além de uma espacialidade ampliada para a área social da casa e gera uma escala humana e apropriada para os dormitórios. Esta cobertura ainda se estende por toda a fachada lateral da casa, gerando um espaço de transição coberto entre o externo e interno.

Sobre a cobertura, integrado a ela, está o elemento de maior destaque da casa que é o teto jardim, viabilizado pela solução construtiva de inverter as vigas de estrutura em relação à laje, gerando vãos entre elas, que foram preenchidos com um sistema de substratos e vegetação.



Vista do terraço jardim da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2022)

Vista do terraço jardim da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2017)

Para a rua, o edifício se apresenta com uma camada de vegetação e faz com que a descoberta e entendimento de sua volumetria, seja possível somente adentrando e percorrendo o terreno. Em

meio a esse maciço vegetal, as vigas da laje de cobertura se prolongam gerando uma série de pérgolas para o pátio de serviço da casa.

Os ambientes sociais e os dormitórios têm sua vedação por meio de um sistema de esquadria, que por meio de portas e abertura, se pode acessar diretamente o jardim lateral, já os ambientes de apoio são mais encerrados em si ou tem aberturas controladas. No mezanino, a projeção da cobertura e da laje de piso, é conformada uma pequena varanda, que se abre lateralmente.

Um aspecto interessante sobre a obra, são as soluções de ventilação e iluminação natural de alguns ambientes, como acontece na laje de cobertura em alguns momentos, sob a circulação dos dormitórios e na parede frontal do estúdio/ ateliê, perfurando a laje que vira parede para uma abertura. E ainda no mezanino, Lerner cria uma esquadria interna para a área social da casa, comunicação essa que ocorre como forma de controle mesmo que informal da casa e da família.

O concreto armado aparece principalmente na estrutura da casa, por meio da solução de suas vigas e lajes, em que se pouco percebem os pontos de apoio. E também em elementos de mobiliário como a base da cama do dormitório de casal, box da área de banho dos sanitários, as bases dos sofás e aparador da sala de estar e na lareira, muito bem detalhados no projeto. Assim como a caixa d' água na cobertura, em que se pode ver um desenho bem marcado das formas de madeira no concreto em relevo.

Outro elemento construtivo relevante é o refinado desenho de carpintaria e esquadrias da casa, em que montantes de madeira conformam aberturas com geometrias variadas, vedadas momentos por vidros fixos, painéis opacos de madeira e ocasionalmente por portas janela. As portas internas

Vista do acesso social da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2017)

Vista do mezanino da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2022)

em madeira também foram detalhadas e executadas com exímia técnica e precisão, contam com bandeiras fixas, solturas e belo acabamento.

O muro lateral inicialmente concebido em pedra, mas acabou sendo executado em alvenaria convencional que recebe acabamento em “massa bahiana”, com pintura branca. Já a área da cozinha recebe o revestimento em azulejo desenhado por Poty Lazarotto, tendo quatro variações e que foram paginadas de forma alternada.

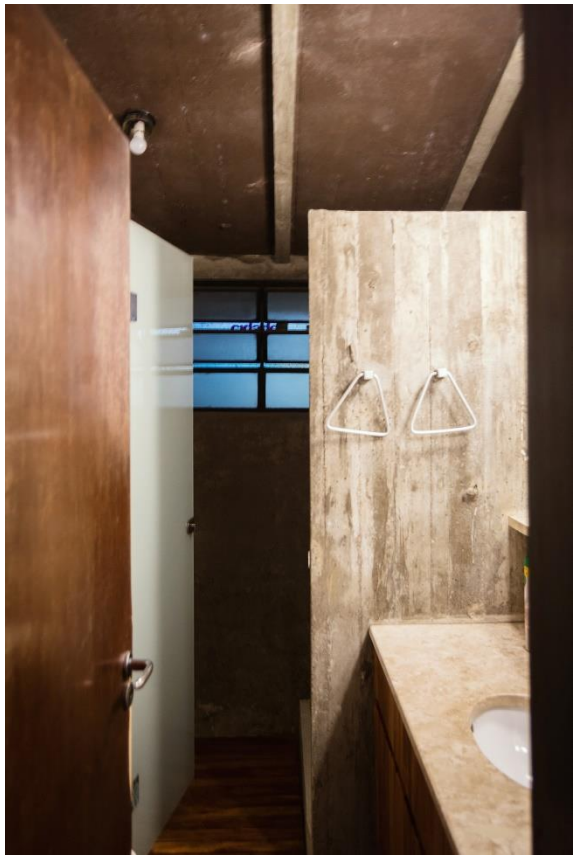
Vista da sala de estarl da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2017)

Vista da sala de estarl da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2017)

Vista da cozinha da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2017)

Em 1968, Lerner adquire o terreno vizinho, que possibilitou a ampliação do jardim da casa e que desde o início do projeto, imaginava uma possibilidade de expansão. Posteriormente em 1979, Lerner compra parte de um pequeno lote, que fazia parte do terreno do Edifício Casario, também projeto de Lerner, em que constrói mais uma suíte e sala de tv, liberando seu antigo dormitório para uma das filhas. Existe ainda uma terceira intervenção em que Lerner incorpora as antigas dependências de serviço, ampliando o espaço da cozinha, que com o passar dos anos se tornou um dos principais espaços de convivência na casa e posteriormente da equipe de seu escritório.

A família vive na casa até o início dos anos 2000, sendo que em 2003, o imóvel recebe tanto a sede do Instituto Jaime Lerner e o escritório Jaime Lerner Arquitetos Associados. E em 2008, 40 anos depois de ter incorporado o terreno ao lado do original, o conjunto recebe um novo bloco que ocupa o terreno adicional, em estrutura metálica, com vedação em esquadrias de vidro que encosta no muro lateral, conformando um grande pátio com jardim central entre a casa e o anexo. Estas edificações são conectadas por um volume complementar aos fundos do terreno, que recebe em dois pavimentos, uma “biblioteca – passarela”. Essa intervenção é realizada com criteriosas escolhas que não afetaram a originalidade do projeto de 1965, mas ampliam suas diretrizes iniciais e preservando a integração com a natureza. A casa até hoje mantém suas características originais, já que Lerner viveu por mais de 30 anos na residência.



Vista do sanitário da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2022)

**Arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1952-2021)**

Maria Nadir Miranda de Carvalho nasceu no ano de 1952 na cidade de Lages em Santa Catarina. Após mudança para Curitiba, inicia seus estudos no curso de arquitetura e urbanismo na Universidade Federal do Paraná (UFPR) em 1972. Segundo ela, a convivência no ambiente do Centro Politécnico foi de grande importância para a sua formação, justamente pelo bloco onde se encontra a faculdade estar próximo ao da engenharia, a cantina entre os cursos era um espaço de encontro e discussões. Ambiente o qual, conheceu e conviveu também com o engenheiro Rogério Gomes de Carvalho, que viria a ser seu marido e colaborador em algumas de suas obras.

Era uma das poucas mulheres da turma e contemporânea de Salvador Gnoato, hoje crítico e professor do curso de arquitetura da PUC/PR. Ainda durante a graduação exerceu uma primeira atividade de colaboração no Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba (IPPUC), na elaboração de projetos urbanos e intervenções na cidade.

Mas foi com os arquitetos Joel Ramalho, Leonardo Oba e Guilherme Zamoner que passou grande parte do período em que era estudante, colaborando na produção de propostas para concursos nacionais de projetos de arquitetura e no desenvolvimento de projetos, trabalhando no projeto executivo do Edifício Sede do BNDES no Rio de Janeiro (1974). E se vê contaminada pelos conceitos da arquitetura paulista, provenientes diretamente de Ramalho e indiretamente por Oba e Zamoner.

A arquiteta desenvolve ainda antes de se formar o projeto de sua residência em 1975, tema que será o próximo tópico a ser abordado e gradua se então arquiteta pela UFPR em 1976.

Também colabora com o arquiteto Manoel Coelho na elaboração do projeto da Biblioteca Central da PUC/PR no Campus Curitiba (1989-1994), cujo o acervo abriga 2 milhões de livros (PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO PARANÁ, 2019).

Em seu escritório próprio, teve clientes particulares para quem desenvolveu projetos de residências em diferentes Estados do Brasil, inicialmente tendo a sua sede localizada em um imóvel no Centro Cívico de Curitiba e que posteriormente migrou para o mezanino de sua residência.

Maria Nadir faleceu no dia 08 de outubro de 2021, vítima de câncer. Esteve atuante como arquiteta até seus últimos dias de vida, assim como morando na casa em que projetou ainda durante o período de estudante. Seu marido Rogerio, autor do projeto estrutural da casa, ainda reside na obra.

A Arquitetura do Grupo Paraná 1957-1980

Paulo Cesar Braga Pacheco, 2010

Sobre o projeto da Casa da Arquiteta, é um dos oitenta projetos analisados pelo autor, faz parte do capítulo chamado Fase de dispersão, que vai de 1973 a 1980.

> *"O objetivo da tese é analisar a obra produzida pelo Grupo Paraná, no período citado (1960-1970) e, comprovar que sua arquitetura, embora semelhante e contemporânea à Escola Paulista, se mostrava em boa parte, distinta e original. " (p.7)*

Segundo o pesquisador e professor Paulo Pacheco, a arquiteta Maria Nadir de Carvalho pode ser incluída no que ele denomina ser a terceira geração do Grupo Paraná, e, portanto, com direta relação das duas primeiras gerações. Esse coletivo, composto por arquitetos formados justamente na metade da década de 1970, como os irmãos Edison e Everson Morozoski, Luiz Eduardo Perry e em especial, Leonardo Oba e Guilherme Zamoner, os quais a arquiteta colaborou enquanto estudante.

*"Note-se que as duas primeiras gerações praticamente se misturam como professores do CAU-UFPR (Curso de Arquitetura e urbanismo da Universidade Federal do Paraná) e trabalhando junto em concursos de arquitetura. Esta terceira geração, embora diretamente influenciada pelas duas primeiras, apresentará, à medida que amadurece, distensões mais visíveis em busca de novas alternativas, como as relacionadas às soluções aos problemas ligados ao meio ambiente, questão que se fará premente a partir da crise do petróleo, verificada no início da década de 1980. " (p.367)*

O autor cita que a casa foi concebida para ser a residência da família, com o projeto estrutural do engenheiro calculista e marido da arquiteta, Rogério de Carvalho. O que colaborou para a materialização de um projeto em que não somente os elementos estruturais como vigas, lajes e pilares fossem em concreto armado aparente, mas também parte do mobiliário da casa, parapeitos, escadas, caixa d'água, brises e empena fossem também elaborados com a mesma materialidade. Essa característica pode ser observada em outros projetos de residências elaboradas na época, principalmente em São Paulo, como uma outra "Casa de Arquiteto", a residência no Butantã, de Paulo Mendes da Rocha de 1964.

E outra estratégia que pode ser encontrada na residência de Nadir que remete a arquitetura produzida em São Paulo, é a atitude de negar aberturas/ transparências para a via pública, já que para esta, a solução adotada, volta uma de suas placas trapezoidais em concreto armado aparente de poucas aberturas, funcionando como praticamente uma empena e do muro que conforma o

pátio de serviço. Além disso, outra solução que pode remeter à Escola Paulista, é de concentração de diferentes pisos, ou programas em meios níveis debaixo de uma mesma cobertura, neste caso, inclinada.

Espirais de Madeira

Irã José Taborda Dudeque, 2001

O livro deriva da dissertação de mestrado do autor, em que aborda a arquitetura realizada em Curitiba e a sua afirmação como capital moderna. Se organiza em um prólogo, doze capítulos que tratam da produção arquitetônica curitibana de 1920 a 1990 e por fim, um epílogo. No nono capítulo intitulado: *visto, revisto imprevisto*, o autor inicia a abordagem falando da arquitetura residencial produzida durante os anos de 1970 na cidade. Como o chamado milagre brasileiro, tornou tanto mão-de-obra quanto matéria prima mais acessíveis, possibilitando jovens arquitetos a materializarem suas ideias. Além da influência da produção arquitetônica de arquitetos paulistas em relação aos jovens arquitetos curitibanos.

> *"Na primeira metade dos anos 1970, a grande parte dos recursos do milagre brasileiro foi afunilado para a construção civil. Os preços baixaram e a mão-de-obra se multiplicou, permitindo aos arquitetos brasileiros experimentações inéditas e irrepetidas... Em Curitiba, nestes anos, a influência da arquitetura paulista chegou ao paroxismo entre os profissionais. Havia paulistas migrados para Curitiba e haviam aqueles que se graduaram sob a influência paulista..." (p.268)*

Segundo o autor, o ponto em comum entre as arquiteturas da época, era a busca da integração entre os ambientes. O que diferia as produções de um grupo de arquitetos era a interpretação da arquitetura tradicional curitibana/ paranaense. O que teria gerado quatro vertentes:

- Uma se apoiava nas abstrações da arquitetura paulistas, incorporando elementos tradicionais curitibanos e símbolos paranistas;

- Outra vertente derivava diretamente da residência Baeta, de Artigas, ampliando as definições que os curitibanos entendiam como sendo uma casa;

- A terceira seria uma síntese entre essas duas primeiras, abrangendo poucos criadores de Curitiba;

- A quarta e última vertente se materializa em uma única obra, a residência Fausto Correa de Salvador Gnoato, Oswaldo Hoffmann e Onaldo de Oliveira, que ironizaram as tentativas de atualização da arquitetura tradicional e a sua própria formação;

> *"As residências que levaram mais longe o abstracionismo arquitetônico em Curitiba foram projetadas por arquitetos para si-próprios (Residência da arquiteta Maria Nadir de Carvalho e a Residência do arquiteto Manoel Coelho) ..." (p.269)*

Sobre a residência da arquiteta Maria Nadir de Carvalho, o encontro com o marido e engenheiro Rogério Gomes, professor de cálculo de estruturas de concreto, acabou gerando uma diluição das

fronteiras entre os ambientes da casa e ao extremo o uso do concreto armado aparente. Dudeque também cita a influência do arquiteto paulista Joel Ramalho sobre a obra da arquiteta, que havia colaborado em seu escritório enquanto estudante e também sobre um diálogo com a obra de Vilanova Artigas.

> *"A influência de Artigas (filtrada através de Joel Ramalho) aparecia na empena parcialmente cega defronte à rua, no volume unitário, na distribuição do espaço interno em meios-níveis e na sala com pé direito duplo. Para a arquiteta, repetindo Artigas, a unidade do volume fortalecia a ideia de família através de um símbolo que igualava todas as atividades da residência..." (p.270)*

Por fim, Dudeque coloca que a residência passou por um processo de transição em relação a vegetação do terreno, incorporando este elemento e dialogando com o funcionamento da casa. O muro frontal foi coberto por vegetação, além de que em certos períodos as empenas frontais e posterior foram encobertas por trepadeiras. Esse aspecto do projeto, remete a uma das práticas dos imigrantes europeus em Curitiba, na tentativa de enquadrar/emoldurar suas residências pela vegetação.

Arquitetura Moderna em Curitiba

Alberto Xavier, 1986

Publicado em 1986, o livro faz parte do conjunto com outras três obras que abrangem a produção arquitetônica moderna nas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Curitiba.

Na edição curitibana, o autor seleciona cento e vinte obras realizadas em um período de quarenta anos entre 1944 e 1984. E dentro desse recorte, dedica uma seção ao projeto da residência da arquiteta Maria Nadir de Carvalho.

Como o intuito da publicação é a extensa documentação de obras, o autor não faz grande aproximação sobre a arquiteta e parte diretamente para uma breve descrição da obra.

Devido ao fato da casa ter aproximadamente 400m$^2$ e o terreno ter 1.200m$^2$, a casa é implantada de uma maneira mais livre no terreno, centralizada em relação aos muros laterais e mais próxima da rua, liberando o espaço para um grande jardim aos fundos do lote. O autor também explicita a preocupação da arquiteta quanto a iluminação dos espaços, quanto aos dormitórios tem suas aberturas voltadas à noroeste, as áreas de apoio e sanitários sendo iluminadas por aberturas zenitais. Além dos planos de vedação dos espaços em relação a caixa conformada pelas empenas e laje de cobertura, que em momentos estão mais próximos ao seu limite, ora estão recuados, gerando espaços como o abrigo de carros. Por fim, o autor cita novamente a tecnologia construtiva empregada na obra e como a implantação da casa, aliada com o domínio da topografia, geraram o pavimento de mezanino.

*"A laje de cobertura é inclinada, dando origem a um volume executado integralmente em concreto à vista, com empena cega trapezoidal. Tal providencia propicia, sobre o trecho do abrigo e estar, a criação de um mezanino utilizado como atelier e que se debruça sobre o setor íntimo. De sua varanda dimensionada com generosidade, descortina-se uma vista do centro da cidade. " (p.166)*

70

*Análise arquitetônica decompositiva*

Vista frontal da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Vista lateral da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Ficha técnica

_ Autor do projeto: Arquiteta Maria Nadir de Carvalho

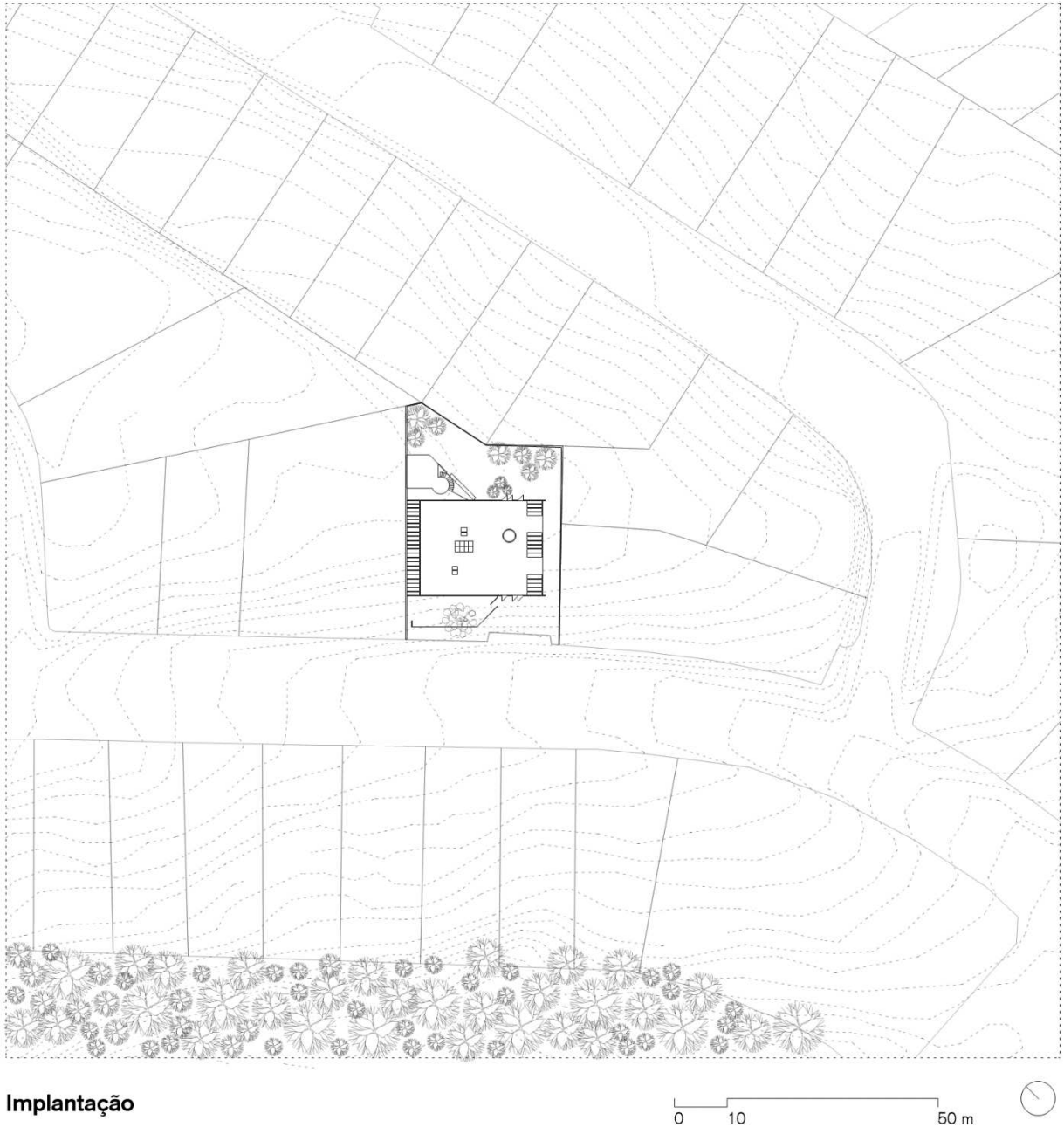
_ Calculista: Engenheiro Rogerio Gomes de Carvalho (DUDEQUE, 2001, p.270)

_ Data do projeto: 1975 (XAVIER, 1986, p.165)

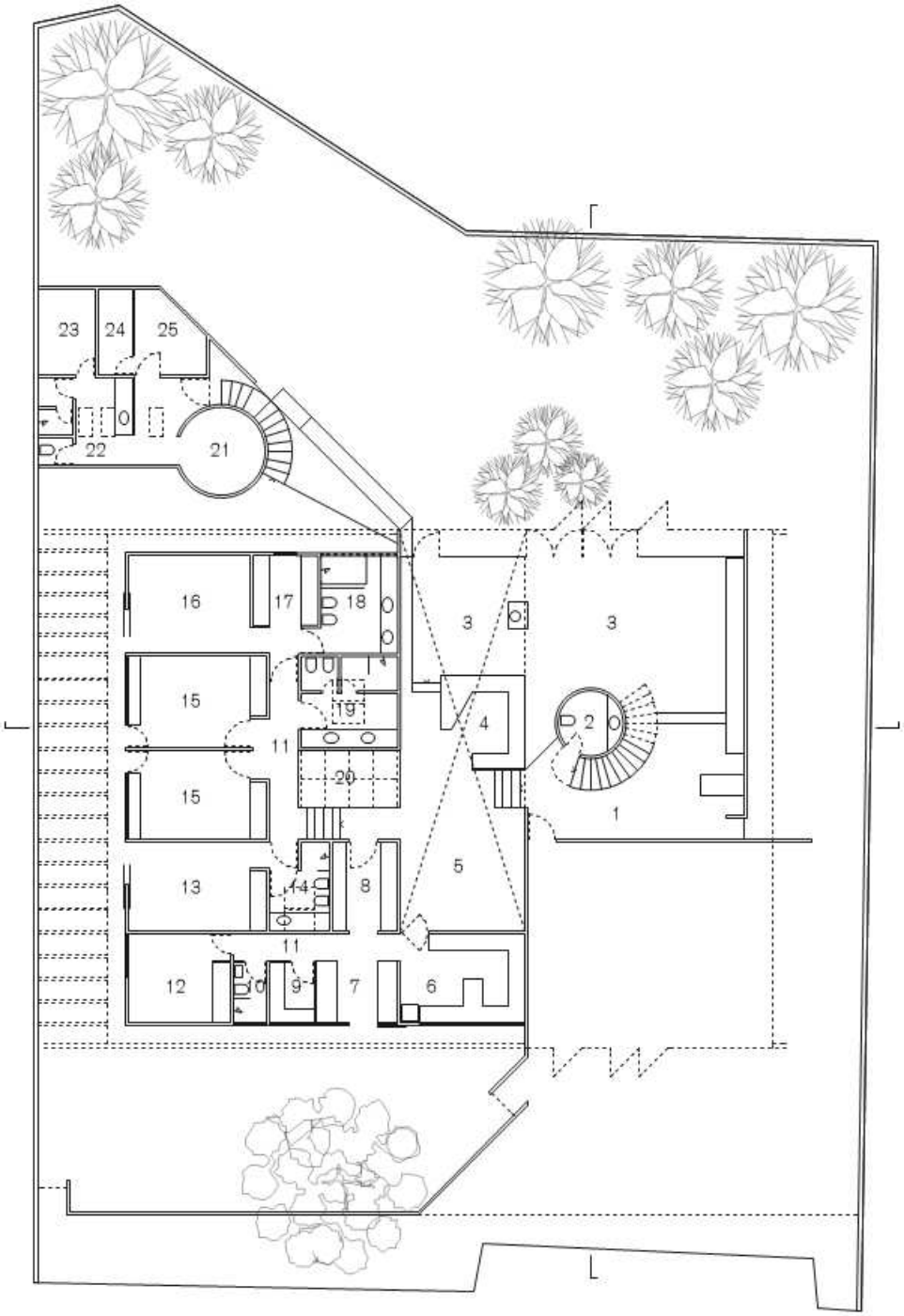
_ Localização: Rua Schumann 228, Visto Alegre, Curitiba, Paraná (XAVIER, 1986, p.165)

_ Principais publicações: XAVIER (1986), DUDEQUE (2001) e PACHECO (2010)

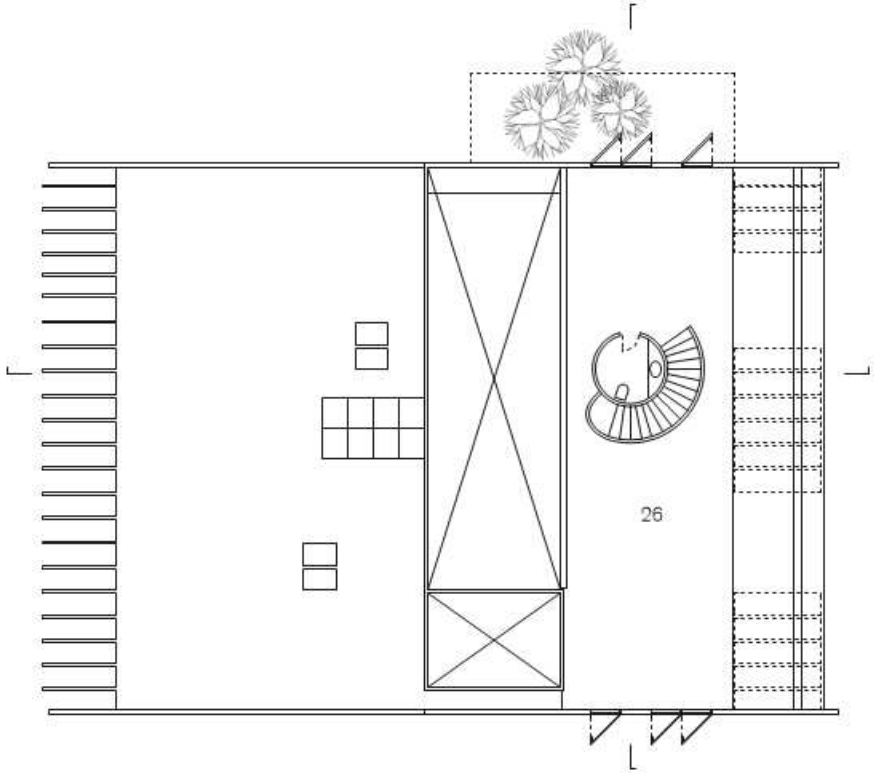
_ Área construída: 400 m² (XAVIER, 1986, p.165)




Redesenho do projeto original da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2022)



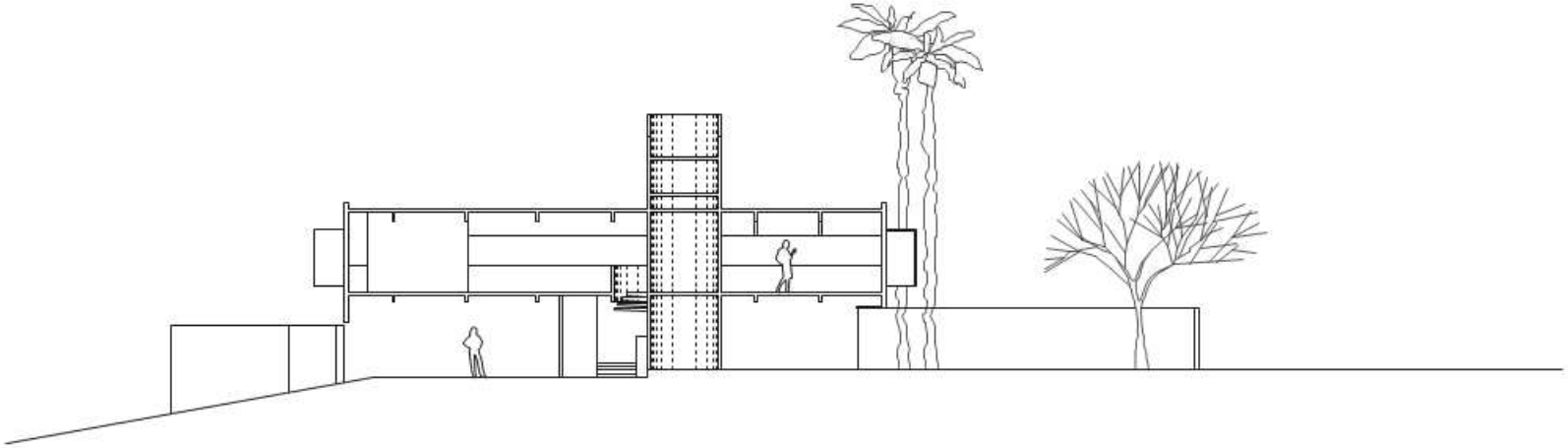

**Térreo**



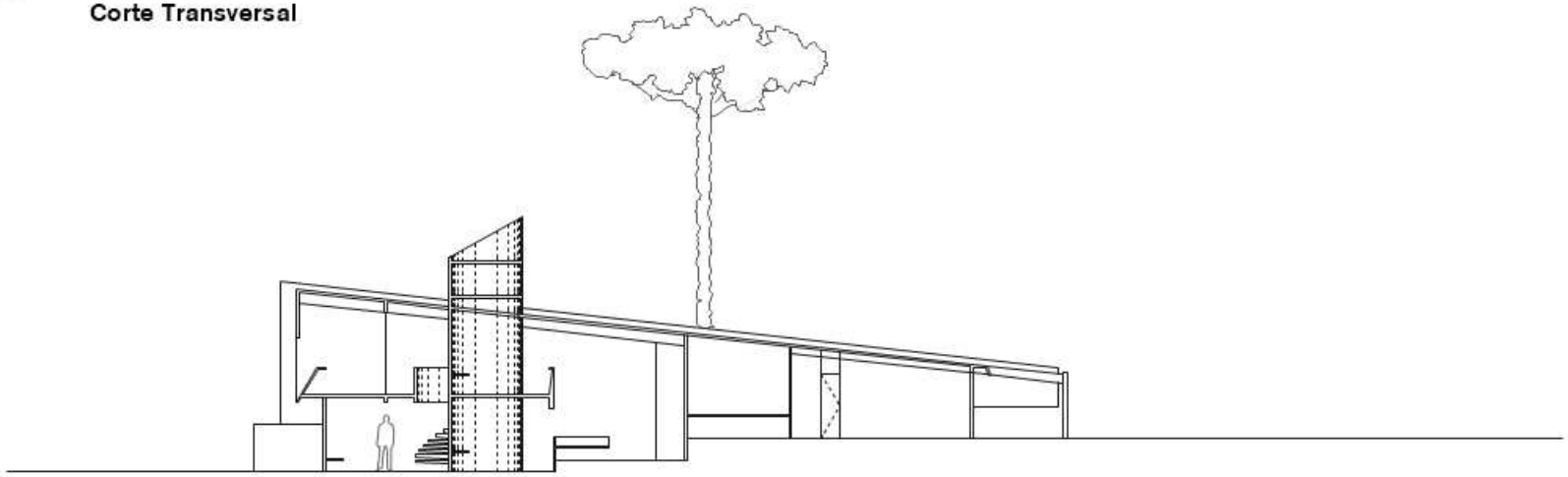

1. Hall
2. Lavabo
3. Estar
4. Estar íntimo
5. Jantar
6. Cozinha
7. Lavanderia
8. Rouparia
9. Despensa
10. BWC serviço
11. Circulação
12. Serviço
13. Quarto hóspedes
14. BWC hóspedes
15. Quarto
16. Quarto casal
17. Closet
18. BWC casal
19. BWC
20. Jardim
21. Ginástica
22. Vestiário
23. Sauna
24. Casa de máquinas
25. Depósito
26. Atelier

**Mezanino**

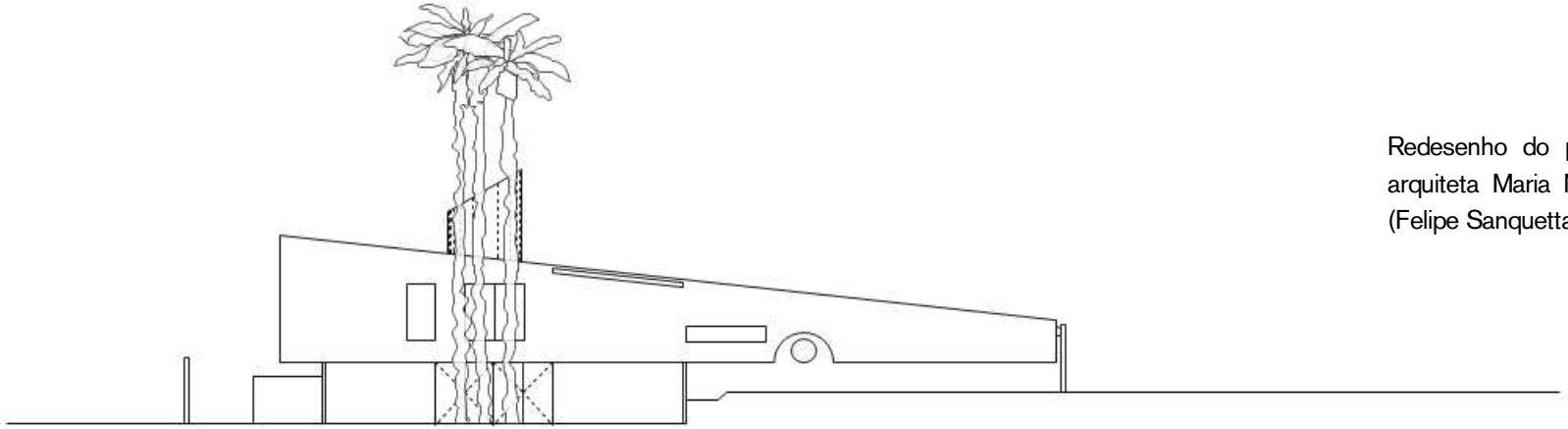
0 2 10 m



**Corte Transversal**



**Corte Longitudinal**



**Elevação**

Redesenho do projeto original da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2022)

Ainda antes de se formar, Maria Nadir realiza, em paralelo as atividades acadêmicas e a colaboração com o escritório de Joel Ramalho, Leonardo Oba e Guilherme Zamoner, o projeto arquitetônico de sua residência em conjunto com seu marido, o engenheiro calculista e professor universitário Rogério Gomes de Carvalho no ano de 1975.

A casa foi implantada em um terreno localizado no meio de quadra, de frente ao Bosque Alemão no bairro Pilarzinho, região norte de Curitiba. Inicialmente, a parcela era composta por dois lotes menores que foram unificados, em que se teve uma testada frontal dobrada para a rua e além do formato trapezoidal e 1.200m$^2$ de área, passou a ter outras proporções. O que influenciou totalmente na implantação e na resolução do partido da casa.

Com isso, o edifício de aproximadamente 400m$^2$ de projeção, ou seja, 1/3 em relação ao terreno, ganha respiro para ser implantado com um generoso recuo em relação a Rua Schumann e ainda libera uma grande área livre aos fundos para o jardim externo da casa, onde inicialmente foi prevista uma piscina, mas que acabou não sendo executada. Além disso, o terreno possui um leve declive à sudeste, o que sugere uma organização da casa em três platôs em meios níveis no pavimento térreo.

O primeiro platô, recebe o abrigo de carros e o acesso principal à casa. Composto pelo hall social, estar social, volume do lavabo / escada de acesso ao mezanino e a conexão com o jardim aos fundos do terreno. O segundo platô é importante como transição do social para o privado, sendo composto pelo pátio interno, estar íntimo, sala de jantar, cozinha e a área de serviço, que se abre para um pátio e acesso de serviço, organizado pelo muro frontal. Já o terceiro platô, contempla os dormitórios da residência, estes que se abrem à noroeste, os sanitários internalizados e a suíte de casal. Estas relações espaciais se concretizam ainda, com um mezanino que ocupa a laje sob o

Vista do balanço sob a garagam da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Acesso social da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

primeiro platô, conformando um espaço social e de ateliê, complementado por uma grande varanda com vista para o centro da cidade cobertos por uma laje inclinada de cobertura.

Dessa forma, o edifício se apresenta para a rua com um volume trapezoidal em concreto armado de base retangular e se organiza transversalmente ao eixo longitudinal do terreno. Gerando duas placas idênticas que funcionam como empenas semi opacas, na fachada frontal e posterior. Inicialmente, ambas possuíam a mesma configuração com esquadrias seteiras que geravam três abas chanfradas. Porém na fachada aos fundos, com a realização posterior de um mezanino metálico, os furos das seteiras se tornariam aberturas de acesso a este novo elemento.

Vista do detalhe de fachada da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Detalhe do balanço/ empena da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

O contato com a rua é complementado pelo muro frontal, com um acesso independente e pelo delicado desenho do encontro do muro com o limite lateral do terreno. Esta solução resulta da vontade de criar um elemento de divisa frontal de baixa altura, que foi possível pelo recuo de 10 metros em relação a rua, onde o permitido já seriam os 5 metros obrigatórios pela legislação. O portão de acesso de veículos em grade metálica vazada, gerando uma grande permeabilidade visual.

Vista do estar social da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

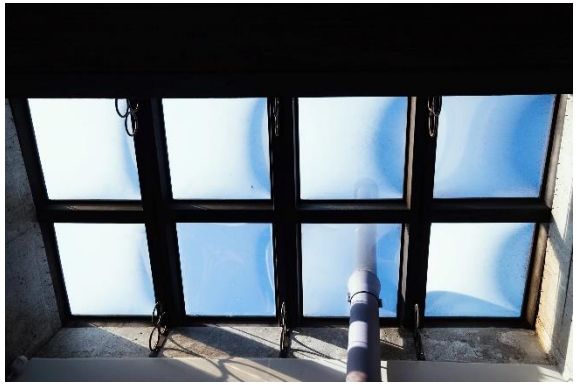
Vista do estar social e jardim aos fundos da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

A relação de continuidade espacial entre a área social com o jardim aos fundos era uma vontade inicial da arquiteta, tanto que para a vedação foram utilizadas esquadrias sem montantes verticais e também, um banco em concreto contínuo que iniciava no interior da casa e seguia até a área externa, sendo removido posteriormente. Ainda neste espaço, outra solução importante para a iluminação, é um rasgo horizontal que ocorre no encontro da empena posterior com a laje de cobertura, que ilumina este espaço em pé direito duplo.

O pátio interno que anteriormente era de fato um jardim, hoje está com o piso integrado à casa e é iluminado por um conjunto de oito claraboias. Essa solução também é utilizada nos três sanitários principais da casa. Já os dormitórios, possuem uma conexão com um pátio externo privativo lateral, à noroeste, com esquadrias / venezianas que fazem o controle de privacidade e iluminação natural. Esse trecho também é o único momento em que o volume da casa toca os muros laterais, neste caso, em pontos específicos com as vigas que saem da projeção da laje de cobertura como pérgolas.

Sobre o volume com paredes arredondadas que abrigam os lavabos, associado a escada de conexão ao mezanino, é um dos elementos estruturais da casa e para a sua concretagem, foram utilizadas formas do tipo cambota em marcenaria. Este elemento circular com a ponta chanfrada é o único volume que fura o plano inclinado de cobertura, os demais furos são das aberturas zenitais com encaixilhadas por montantes em perfis de fibra de vidro.

Como elementos estruturais e de vedação se somam, e em outros momentos são a mesma coisa, a escolha projetual permitiu uma resolução estrutural de todo o projeto em um volume em concreto armado aparente, pela adoção de formas em chapa de madeirite resinada de dimensão 110 x 220cm. Os pontos de apoio são compostos pelo volume de paredes arredondadas, que gera um



Vista da claraboia sob o pátio interno da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Vista do mezanino da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

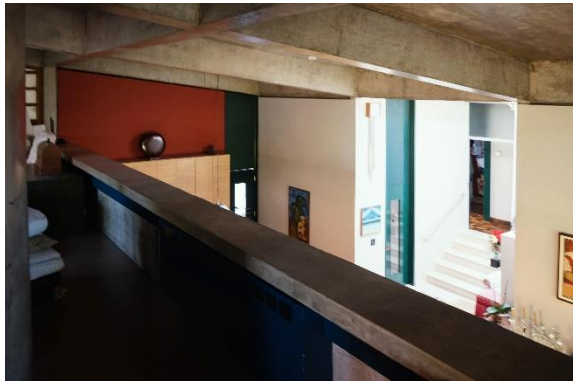
balanço para o abrigo de veículos e para a área social aos fundos e uma sequência de pilares em concreto armado no trecho dos dormitórios, cuja as divisórias foram executadas em alvenaria portante com tijolos de quatros furos e os demais elementos de marcenaria e esquadrias foram concebidas em madeira imbuia com pintura em laca verde e puxador com acabamento na cor vermelho.

Outro ponto importante, é de que o concreto armado aparente também desenha o mobiliário de determinados espaços da casa, como o sofá do estar íntimo. Originalmente, os dormitórios e a suíte do casal possuíam móveis como a cama e aparadores executados em concreto, além do banco já citado, que conectava as áreas sociais interna e externamente.

Vista da fachada externa e mezanino metálico da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

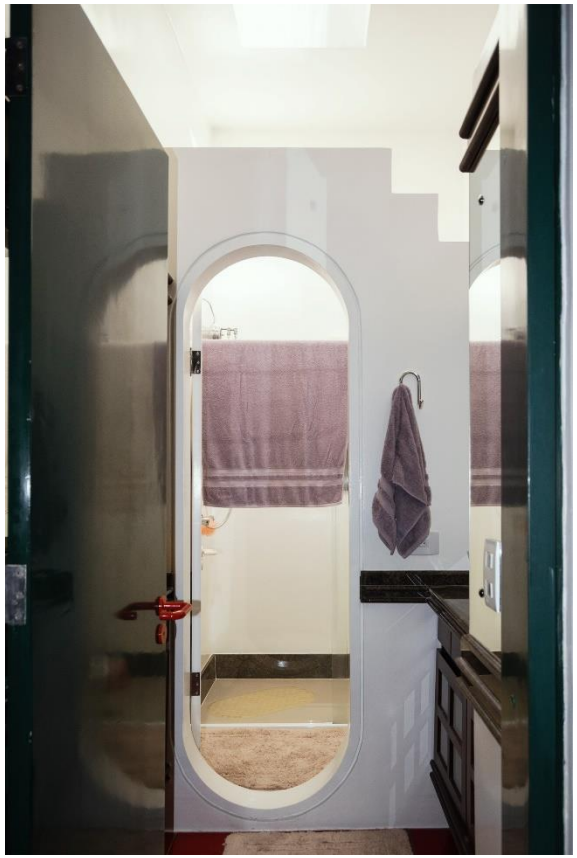
Vista do mezanino da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Vista do pátio lateral da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)



Outro aspecto importante é o refinamento do desenho das carpintarias, pelo tipo de puxador, solturas, bandeiras fixas e outras soluções. Além de se observar de forma presente, o uso e a aplicação da cor, seja de forma permanente, quanto em intervenções ao longo do tempo. Ou em elementos de marcenaria, equipamentos técnicos, carpintaria e revestimento de superfícies molhadas da casa. Até mesmo nas paredes internas e externas, a arquiteta realizou experimentações, como pode ser visto nas fotografias do estado atual da obra.

Foram realizadas algumas intervenções no edifício que alteraram levemente algumas características do projeto. A primeira aconteceu em 1997, com a extensão do espaço do mezanino em direção a varanda pergolada. Além da instalação um mezanino metálico externo a casa, que se abre para o jardim aos fundos. Seu desenho, considerou tocar ao mínimo de pontos na empena da casa, além do piso ser vazado e considerar vazios para a vegetação existente crescer. Também foi realizada a colocação de uma telha sanduiche acima da laje impermeabilizada da cobertura, pois houveram diversos problemas de infiltração no encontro do volume do lavabo e ao redor das zenitais. Apesar disso, esse novo elemento é embutido na volumetria, não sendo percebido visualmente do lado de fora. No ano de 2016, houveram a substituição das esquadrias originais dos dormitórios, por esquadrias de pvc branco e também algumas outras intervenções menores, como a demolição da parede que dividia a cozinha e serviço, relocando a lavanderia no espaço do dormitório de serviço. Além da retirada dos móveis em concreto dos dormitórios, pois segundo a arquiteta, engessavam possíveis mudanças de layout.



Vista do sanitário da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

**Arquiteto Manoel Coelho (1940-2021)**

Manoel Izidro Coelho, nasceu na cidade de Florianópolis, capital do Estado de Santa Catarina, no ano de 1940. Logo cedo, se muda para Curitiba e forma-se arquiteto em 1967, com a primeira turma regular do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná, onde ainda foi professor titular e coordenador. Também esteve presente na coordenação de implantação do Curso de Design na UFPR no ano de 1975.

Sobre a relação com a academia, mais especificamente a escola de arquitetura, estabeleceu relação direta com os primeiros professores que vieram de outros Estados para formar o corpo docente, assim como teve papel fundamental na formação de gerações de novos arquitetos que diretamente foram seus alunos em salas de aula, ou ocupando os edifícios educacionais que projetou.

Coelho ainda teve participação importante no processo de transformação urbanas, desde o período de estagiário no IPPUC – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba, como estudante, depois como arquiteto da equipe técnica e posteriormente como técnico consultor, desenvolvendo uma série de projetos para a cidade.

Foi presidente do Instituto de Arquitetos do Brasil, Departamento do Paraná durante o biênio 1972-1973 e ocupou a Secretaria Municipal de Desenvolvimento Urbano de Curitiba. Homenageado na 5 ª Bienal Internacional de Arquitetura de São Paulo com Sala Especial e recebendo vários premiações, destacando-se pelos projetos na 3 ª Bienal Internacional de

Arquitetura de São Paulo; Selo de Excelência na 2ª Bienal Brasileira de Design e o Grande Prêmio pelo Conjunto da Obra no XV Congresso de Arquitetos Oscar Niemeyer, em 1997.

Atua junto com o arquiteto Jaime Lerner tanto como colaborador em seu escritório privado, ou na vida pública como Secretário de Urbanismo na segunda gestão de Lerner como prefeito de Curitiba (1979-1983).

Além disso, desde a época de estudante, participou e foi premiado em uma série de concursos de projetos públicos, entre eles o 2° lugar no Concurso Internacional Euro-kursaal, em San Sebastian (1965); 1° lugar no Concurso do Departamento de Segurança Pública, Brasília (1967); 5° lugar no Concurso Banco do Brasil de Caxias do Sul (1970); 4° lugar no Concurso para a Sede do BNDE em Brasília (1973);

Em seu escritório privado, atendeu demandas públicas e privadas em diversas escalas, desde a comunicação visual, edifícios a projetos urbanos. Desenvolve alguns projetos notáveis como o planejamento físico e instalações da Pontifícia Universidade Católica do Paraná em Curitiba (1973-) e da Universidade Positivo (1999-), de 1975-1980 coordenou o projeto de Desenvolvimento urbano da cidade de Criciúma, em Santa Catarina e também teve uma grande colaboração no desenvolvimento do projeto de desenho de mobiliário urbano e equipamentos públicos na cidade de Curitiba.

Manoel Coelho faleceu no dia 04 de março de 2021, vítima de câncer. Deixou um enorme legado na área da arquitetura e design. Viveu até seus últimos dias de vida na residência que projetou e construiu para a sua família. A casa foi vendida ainda em 2021, não pertencendo mais a família, mas se encontra em bom estado de preservação.

Manoel Coelho, Arquitetura & Design

Irã José Taborda Dudeque, 2013

Essa publicação que documenta a trajetória de 45 anos de atuação de Manoel Coelho, abrange desde o período de sua formação, colaboração com outros arquitetos, início de sua atividade profissional e apresenta uma série de projetos relevantes do arquiteto.

Um dos projetos apresentados é a Casa do Arquiteto, em que o pesquisador Irã Dudeque menciona a contraposição deste projeto em relação as suas obras públicas e institucionais. Já que em um lote urbano com dimensões limitadas, a implantação de um edifício, nesse caso, uma residência, pode ficar condicionado a gerar distinções entre frentes e fundos, ou face vista e face escondida. Situação oposta do que pode ocorrer em um prédio público e afins, que geralmente são implantados em grandes terrenos, podendo não haver distinção ou hierarquia entre fachadas.

Outra contraposição criada por Coelho, é a relação com a arquitetura tradicional burguesa, em que as residências geralmente tinham uma conexão maior com a fachada voltada para a rua, além de toda a área social e de convívio estar localizada na “frente”. Em sua residência, o arquiteto faz uma fachada mais neutra para a rua e se abre para os “fundos”, onde se tem um belo jardim privativo e a presença de duas araucárias que também ajudaram a conformar a arquitetura.

O autor complementa que para esse projeto, o arquiteto de fato considerou uma complementação entre arquitetura e o terreno em que se inseria, a partir do momento em que encosta a casa nos dois muros laterais, o recuo frontal e a vegetação aos fundos, delimitaram seu próprio desenho.

Espirais de Madeira

Irã José Taborda Dudeque, 2001

O pesquisador Irã Dudeque trata sobre Manoel Coelho também em seu livro Espirais de Madeira, onde documenta uma série de projetos arquitetônicos notáveis na cidade de Curitiba. Seu trabalho, além de organizar as obras e acontecimentos em períodos, propicia abertura para novas investigações de temas ainda pouco abordados. No capítulo *visto, revisto imprevisto*, Dudeque cita duas Casas de Arquitetos, como sendo as residências que levaram mais longe o abstracionismo arquitetônico na cidade. Sendo elas, a casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) e a casa do arquiteto Manoel Coelho (1981).

Sobre o projeto de Coelho, o autor cita o total domínio do arquiteto em conformar os níveis e meios níveis da casa, bem distribuídos em relação ao terreno em declive. Além dos dormitórios, sanitários e a cozinha, os espaços a casa eram todos integrados sem a necessidade de confinamentos ou separações. Outro aspecto notável na casa, é o uso da cromaticidade:

> *"Os detalhes construtivos desta residência foram pintados em cores primárias. No espaço da sala de jantar, o plano em concreto que vedava a visão da escada foi pintado de amarelo. Numa referência única na arquitetura de Curitiba, este plano derivava das experiências do artista plástico Hélio Oiticica, que traduziu, no espaço, a linguagem da pintura de Piet Mondrian. " (p.272)*

Também ressalta a relação da casa com a rua, em que se nota o plano em concreto emoldurado pela vegetação do terreno, recortado por uma faixa de vidro que recebem *brises* em fibra de vidro pintados na cor amarelo para controle da incidência solar e de privacidade. Já aos fundos estaria o grande atrativo do projeto, em que a residência se abre em dois níveis, sendo um privativo e o outro social.

A residência se encaixa no recuo frontal obrigatório, encosta seus limites até os dois muros laterais e aos fundos, recebe um desenho proveniente da própria vegetação existente. Sobre esta relação da arquitetura com o terreno, Dudeque faz as seguintes considerações:

> *"Os pinheiros determinaram também a área total construída, pois o volume principal respeitava o recuo regulamentar defronte à rua e, nos fundos, avançava até os pinheiros. O espaço interno também foi definido a partir da vegetação. Na divisa lateral do lote havia pés de filodendro. Em projeto, isso resultou numa abertura zenital que integrou está vegetação à sala de jantar. " (p.273)*

Para o autor, essas soluções de projeto, que denomina como "ginástica projetual" que garantiu a preservação tanto da vegetação interna e externa à casa, teriam submetido o arquiteto ao símbolo que agregava as buscas dos paranistas. Tornando assim evidente, o interesse ecológico do arquiteto.

Arquitetura Moderna em Curitiba

Alberto Xavier, 1986

Alberto Xavier em documenta em seu livro “Arquitetura Moderna em Curitiba” de 1986, mais de uma centena de projeto icônicos realizados na cidade, que abrangem desde obras públicas, institucionais e privadas, dentre estas, algumas residências. A casa do arquiteto Manoel Coelho, mesmo datada do ano de 1981, é incluída nesse grupo de obras modernas, segundo o autor.

O texto apresenta a solução adotada pelo arquiteto, em que considera a declividade do terreno, ao criar quatro meio níveis para a casa, sendo dois que tocam o chão e outros dois que conformam os pavimentos superiores. Estas áreas recebem diferentes áreas do programa, sendo integradas através de um vazio interno e conectado por um jogo de escadas.

A laje de cobertura é inclinada, acompanhando o caimento do terreno, recebendo um recorte lateral para o pátio interno ajardinado, na outra lateral de forma pergolada para gerar uma circulação de serviço abrindo dois *sheds* para ventilação e iluminação dos sanitários dos dormitórios.

Além disso, o autor menciona a solução dada para a laje do terraço externo que se abre para os fundos do lote, que tem seu desenho gerado a partir da curvatura dos raios das araucárias que ali já existiam, desenho que também se reflete na forma da piscina.

*Análise arquitetônica decompositiva*

Ficha técnica

_ Autor do projeto: Arquiteto Manoel Coelho

_ Calculista: Engenheiro Rogerio Gomes de Carvalho

_ Clientes: Manoel e Denise Coelho

_ Data do projeto: 1981 (XAVIER, 1986, p.249)

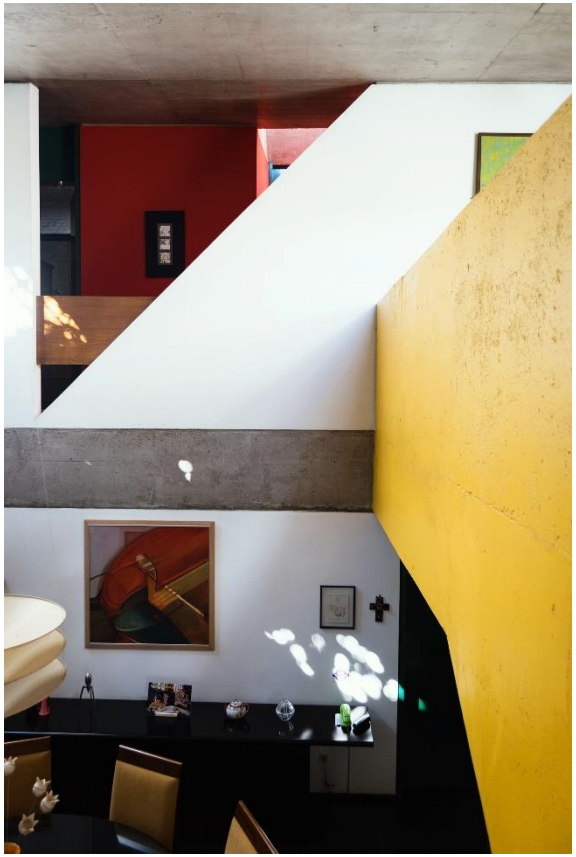
_ Localização: Rua Gregório de Matos 275, São Lourenço, Curitiba, Paraná (XAVIER, 1986, p.165)

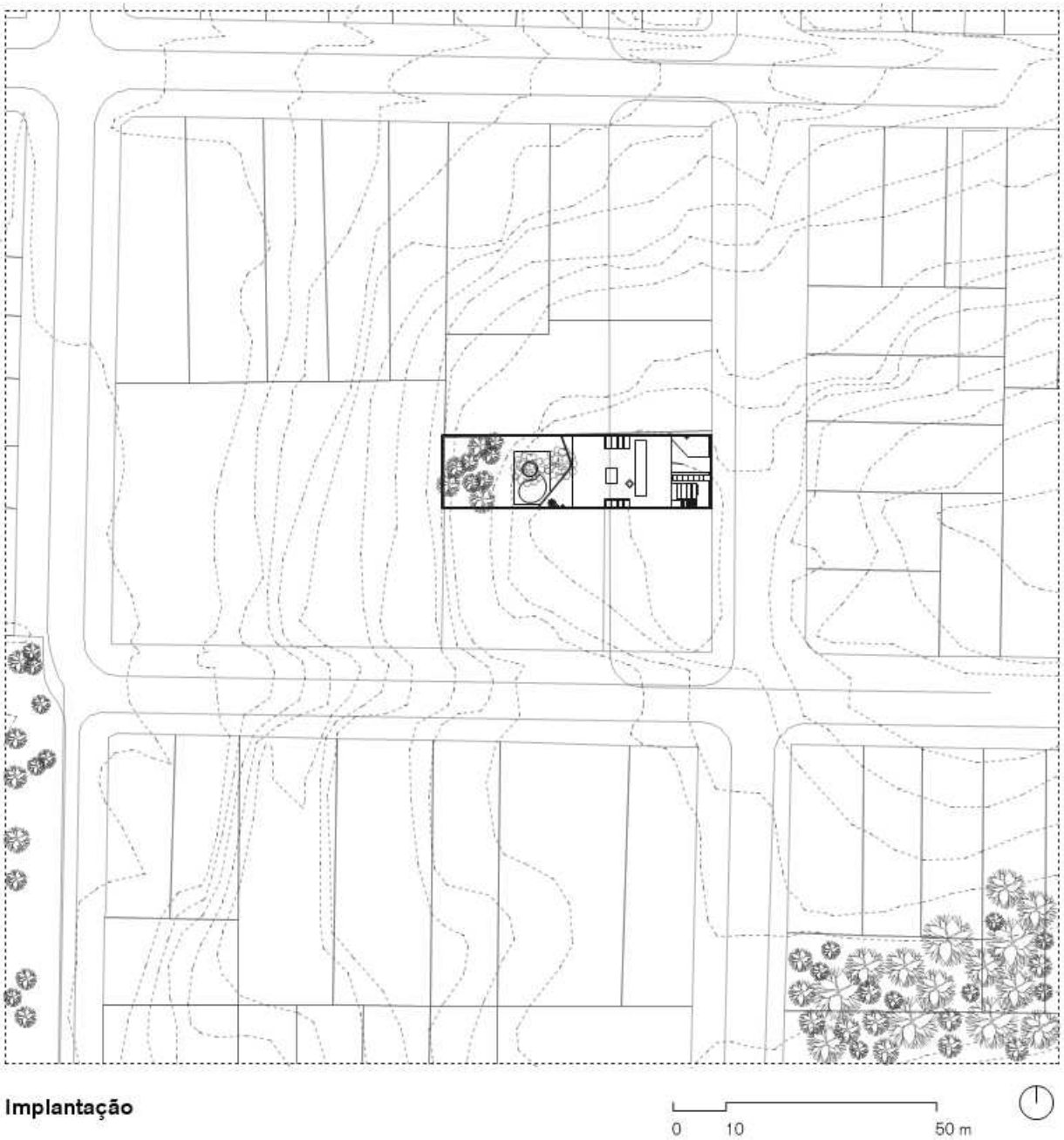
_ Principais publicações: XAVIER (1986), DUDEQUE (2001) e DUDEQUE (2013)

_ Área construída: aproximadamente 400 m²

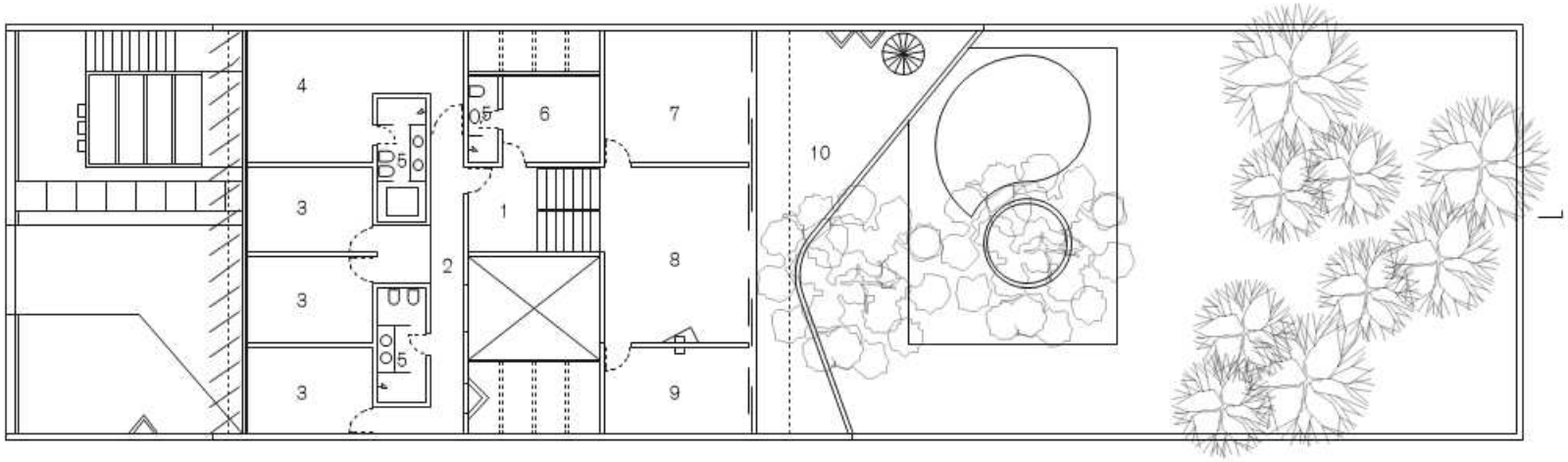
Vista da fachada frontal da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Vista interna da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)



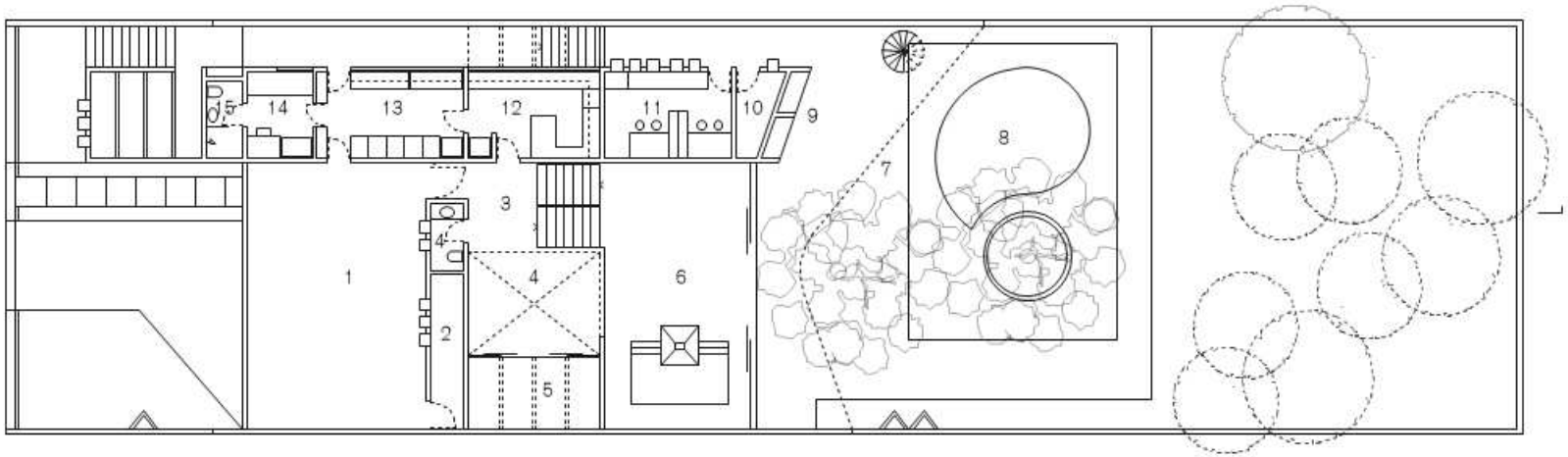



Redesenho do projeto original da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2022)



1. Hall
2. Circulação
3. Quarto
4. Quarto casal
5. BWC
6. Quarto hóspedes
7. Biblioteca
8. Estar íntimo
9. Sala estudos
10. Terraço

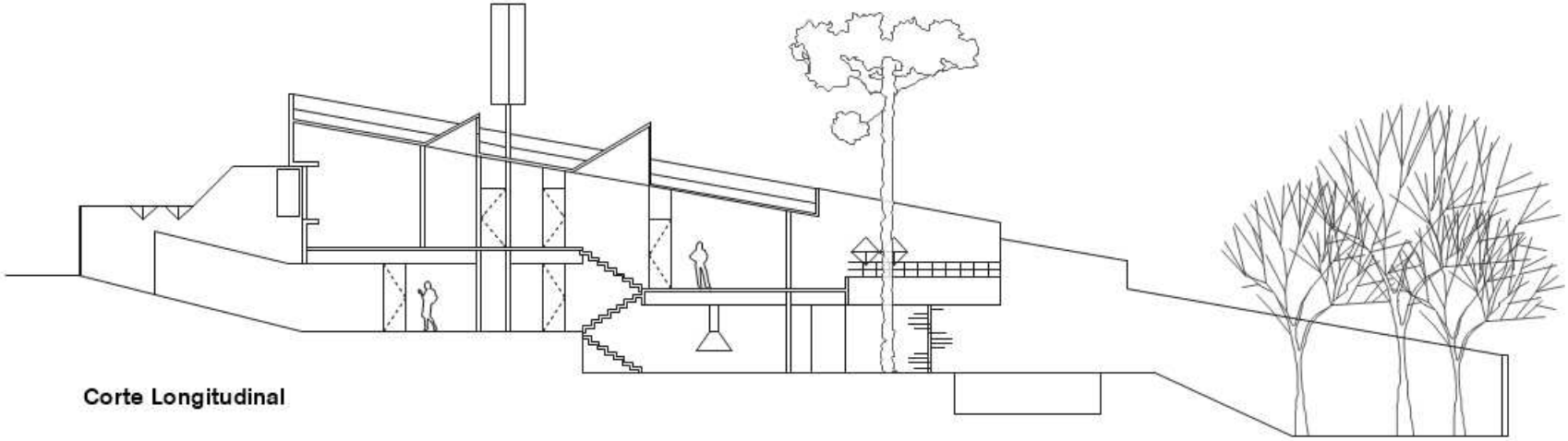
**Pavimento Superior**



1. Garagem
2. Depósito
3. Hall
4. Jantar
5. Jardim
6. Estar social
7. Pátio
8. Piscina
9. Churrasqueira
10. BWC
11. Oficina
12. Cozinha
13. Área de serviço
14. Serviço
15. BWC serviço

0 2 10 m

**Térreo**



**Corte Longitudinal**

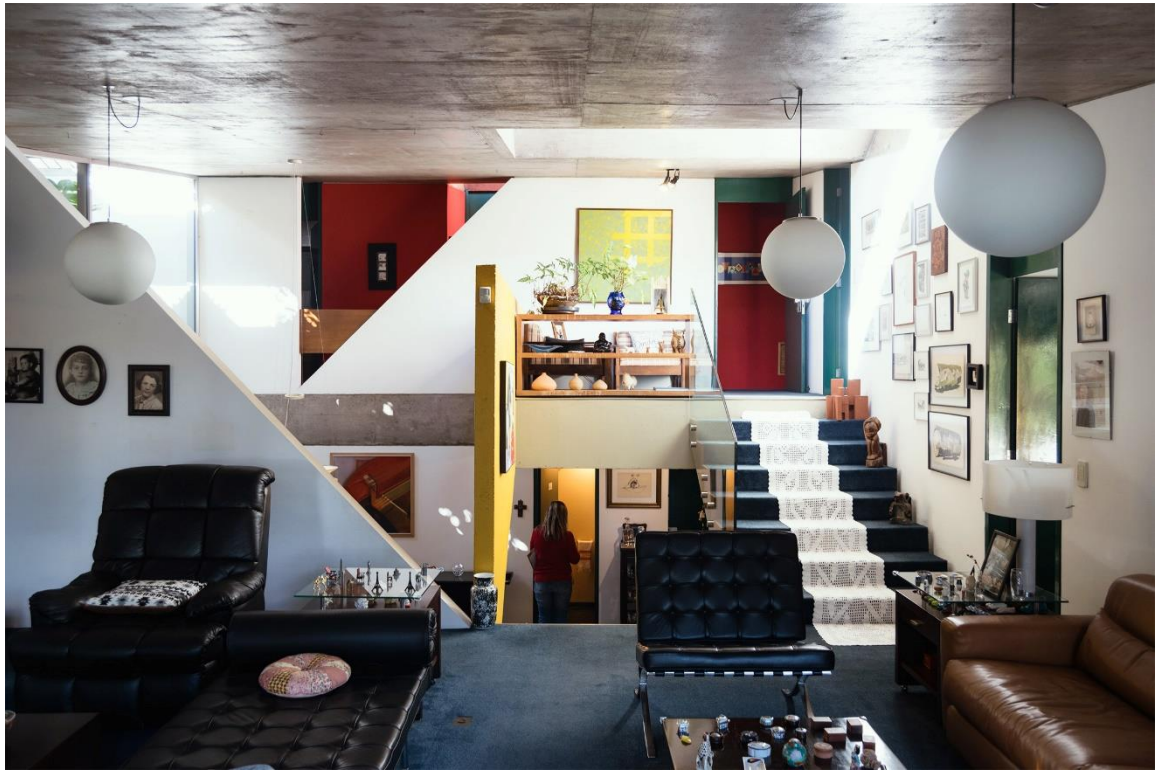
A residência do arquiteto Manoel Coelho se encontra implantada em um lote urbano e arborizado, com área aproximada de 700m², localizado na Rua Gregorio de Matos, no Bairro São Lourenço em Curitiba, caracterizada por sua ocupação majoritariamente residencial e de abundante vegetação.

O lote escolhido pelo arquiteto apresenta um conjunto arbóreo natural que conforma o desenho da edificação de 400m², que do olhar da rua, pode passar despercebida ou pouco notada. A implantação da residência acontece ocupando a frente do terreno, respeitando o recuo frontal estabelecido, e ocupando a largura total do terreno de aproximadamente 14 metros, tocando os dois muros laterais. Aos fundos a edificação se limita devido a existência de duas araucárias, que devido ao seu raio de proteção, preservam boa parte dos 50 metros de profundidade do terreno.

Vista da fachada posterior da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Vista do jardim privativo e piscina da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

A topografia possui um desnível de aproximadamente 6 metros para os fundos, com isso, o arquiteto pode estabelecer dois níveis em que a casa toca o chão. Em um primeiro platô, recebe o acesso de pedestres e veículos que desemboca em um abrigo coberto que funciona como garagem, além da sala de jantar, todo o programa de apoio (composto por cozinha, área de serviço e dependência de serviço) e já se pode estabelecer um entendimento da espacialidade da casa, sendo possível visualizar um meio nível abaixo, o segundo platô que recebe a sala de estar social. Por esse nível abaixo, é possível acessar diretamente os fundos do terreno, onde existe um espaço de festas, a piscina e jardim privativo.



Vista da área social da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Vista do estar privativo da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Vista do estar social da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Acima do pavimento de acesso da casa, está um segundo espaço social, este mais íntimo, localizado entre o estúdio do arquiteto e uma biblioteca, também tendo acesso ao terraço que se abre com vista em direção ao maciço vegetal aos fundos do lote. Em um último nível estão localizados os dormitórios da residência, estes que se posicionam de frente para a rua, mas possuem uma série de filtros de privacidade e controle da incidência solar, seja por meio de *brises*, quanto pela vegetação trepadeira. Sendo esta, a melhor insolação para esse tipo de ambiente em uma cidade com baixas temperatura como Curitiba.

Sobre a espacialidade da casa, pelo corte longitudinal é possível entender melhor algumas relações. Primeiramente, com a laje de cobertura inclinada acompanhando o caimento do terreno, existe uma diferença de pé direito que gera uma complexidade espacial única, além de conformar a volumetria de maior altura da edificação para a rua. Esta laje apesar de tocar os dois muros laterais, possui alguns recortes que geram tanto um espaço pergolado para uma circulação de serviço à sul, quanto para um pátio descoberto à norte, que além de iluminar o interior da casa, preserva um conjunto de filodendros que ali já estavam. Essa laje ainda recebe alguns recortes para a ventilação e iluminação dos sanitários, circulações verticais e horizontais da casa. Outro recurso empregado espacialmente é o vazio interno, através da laje entre o pavimento superior e o inferior, gerando um espaço com pé direito duplo sob a sala de jantar,

A presença das duas araucárias, árvore símbolo do Estado do Paraná, dentro do terreno conformaram tanto a extensão da ocupação desta residência, quanto ajudaram a dar forma a arquitetura. Seja no desenho da piscina, que remete a uma “gota”, mas que na verdade é a resultante do raio de proteção de uma das árvores. E no pavimento superior, no terraço acessado

Vista do pátio descoberto com vegetação existente da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

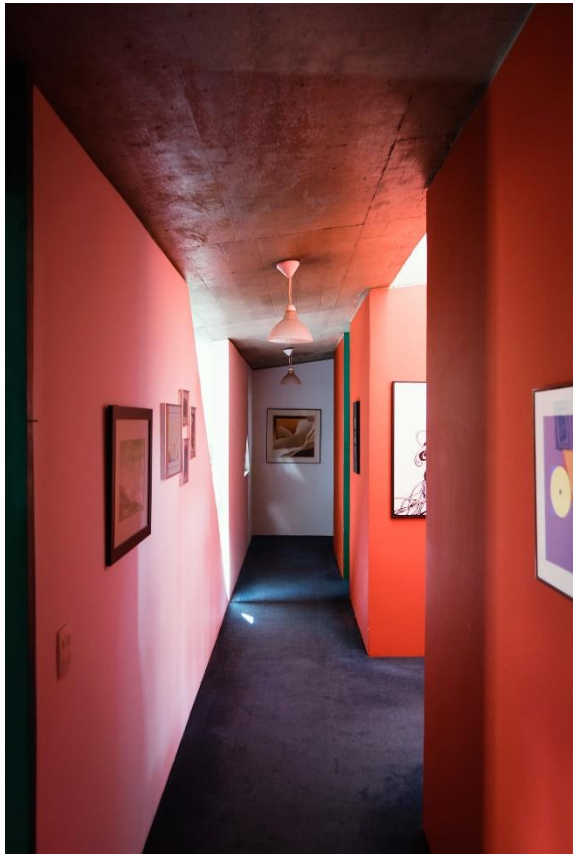
Vista do estar privativo da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

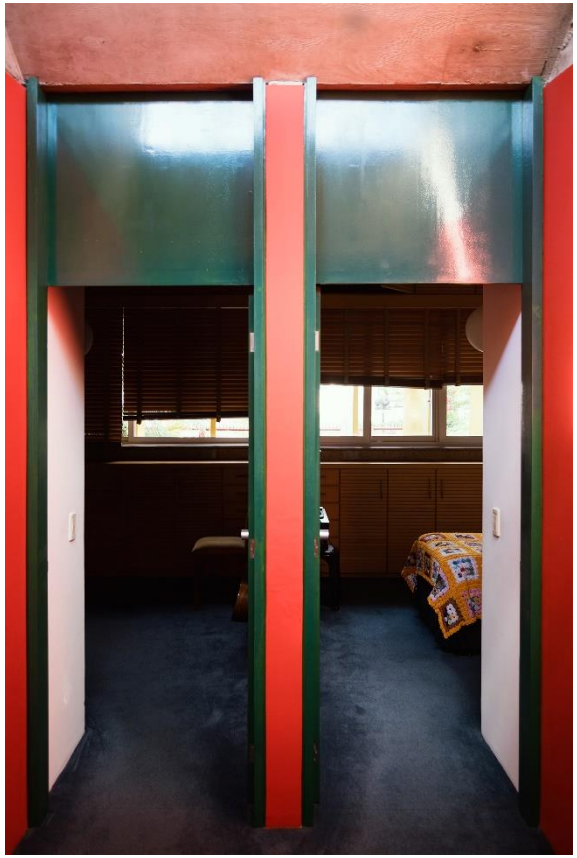
pelo estar íntimo, seu desenho orgânico também acompanha o espaço estabelecido pelo raio de proteção dessa espécie.

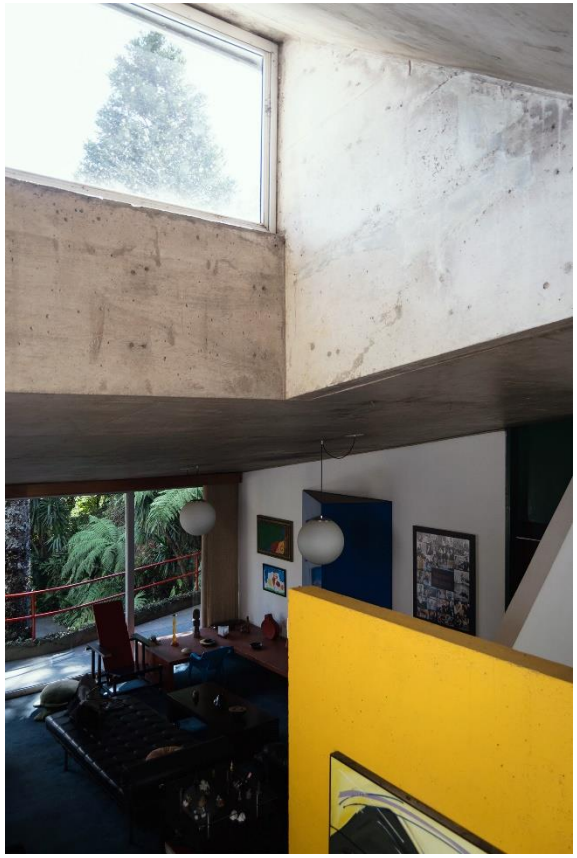
O projeto concebido em concreto armado aparente, tem nele também sua estética. Acontece como uma superfície, como no plano da fachada frontal, e nos elementos estruturais como as lajes, vigas e também nas escadas internas. Outro aspecto relacionado a materialidade, é o uso desta técnica em seu mobiliário fixo, como em sofás e aparadores nas áreas sociais. É um elemento de destaque, a caixa d'água na cobertura, que o volume regular sofre um giro de 45° em seu eixo, ficando angulado em relação a volumetria principal da arquitetura.

Vista do corredor e acesso aos dormitórios da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Vista do estar privativo e laje de cobertura da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)







Complementando a estética do concreto, o arquiteto fez um uso experimental da cromaticidade neste projeto. Com a utilização das cores básicas: *vermelho, azul e amarelo*, seja em alvenarias, como em mobiliário e peças de serralheria. Identificando e diferenciando os elementos pelo uso das cores.

A casa tem uma estratégia muito direta e singela na identificação da aplicação da cor no projeto, o amarelo aparece nas pinturas de paredes dos espaços sociais da casa, na churrasqueira, na escada de conexão da área externa com o terraço privativo ou no mobiliário da cozinha e área de serviço. Já a circulação dos dormitórios recebe a pintura na cor vermelha, que a diferencia de todo o resto da casa, identificando de que se trata de um espaço de ocupação distinta, mais discreta e privativa. O azul aparece mais como um complemento aos detalhes destes elementos, como nas lareiras da casa: no estar social, ela possui um desenho piramidal, e no estar íntimo, um desenho triangular, ambas em chapas metálicas que recebem pintura na cor azul. As placas, ou brises móveis em fibra de vidro na fachada frontal recebem pintura na cor amarela. Já as portas de madeira em toda a residência se diferem das demais aplicações de cor, já que recebem acabamento em laca com pintura na cor verde.

Vista da abertura zenital da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Vista do detalhe da escada da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Vista da cozinha e área de serviço da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

A residência pertenceu a família até alguns meses após o falecimento do arquiteto em março de 2021, onde moraram por 40 anos. Mantendo suas características originais, recebendo algumas pequenas intervenções como a instalação de guarda corpos de vidro nas escadas, principalmente para a segurança dos netos do casal. A exuberante vegetação gera um jardim privativo muito agradável que recebia esculturas de artistas paranaenses, assim como na porção voltada para a rua, onde estabelecia uma relação de gentileza urbana, seja pela permeabilidade de seu elemento de divisa, quanto pelos espaços ajardinados no passeio público.

Vista do escritório da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

# Parte IV: Considerações sobre as obras e os arquitetos estudados

A escolha desses três projetos para analise muito tem a ver com o período de formação desses arquitetos e algumas possíveis relações a serem feitas sobre eles. Além disso, o recorte temporal buscava analisar uma casa de cada década, portanto temos uma casa de 1964, outra de 1975 e outra de 1981. Como foi apresentado no capítulo anterior, ambos tiveram colaboração no IPPUC, mas também houve uma sequência de colaboração entre eles em seus escritórios privados ou em projetos específicos. Manoel Coelho colaborou com Jaime Lerner, seja em seu escritório privado, seja na elaboração de elementos de design e comunicação durante o período em que Lerner esteve à frente da Prefeitura e Governo do Estado. Coelho que por sua, vez no projeto da Biblioteca Central da PUC/PR em Curitiba, contou com a colaboração da jovem arquiteta Maria Nadir de Carvalho.

*Jaime Lerner – Manoel Coelho – Maria Nadir de Carvalho*

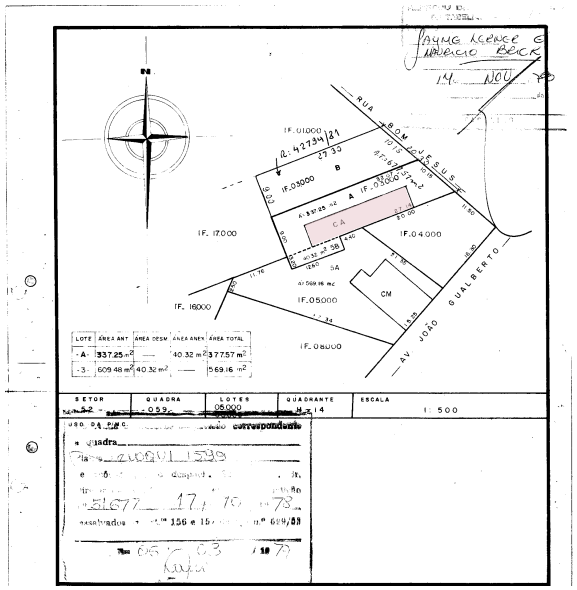
Com a apresentação das análises historiográficas e arquitetônica decompositivas de cada projeto, começa a ficar claro o caráter experimental destes projetos, em que se entendem como campo de maior liberdade para o arquiteto/a concretizar suas ideias. A seguir serão apresentadas algumas considerações em relação as seguintes obras analisadas neste trabalho, onde serão relacionados cinco tópicos latentes entre estes projetos.

*Relação da arquitetura com o terreno*

O primeiro aspecto abordado é a relação destes projetos com o terreno em que são implantados. Nos três casos, observa se de que apesar da diferença de proporção e área, se tratam de lotes urbanos de dimensões limitadas. Com isso, a implantação dos projetos para cada terreno é muito única e de fato que cada projeto funciona para o seu devido terreno. A relação se complementa quando consideramos o desnível topográfico em cada situação, em que é intrínseca a resolução de cada projeto, definindo níveis e como se relacionam.

No projeto de Jaime Lerner, onde o lote possui a menor dimensão dos estudos de caso, o arquiteto de fato utiliza da própria divisa lateral para se implantar a casa longitudinalmente pelo terreno, gerando um jardim em paralelo a casa. Seguindo o relato das bibliografias, Lerner já imaginava adquirir o terreno vizinho, que o fez anos depois e acabou ocupando este novo terreno quase que de forma espelhada, tornando o pequeno jardim linear em um pátio central em que se conecta o novo e o antigo. Além disso, os dois platôs que definem os trechos em que a casa encosta o solo, no primeiro concentra todas as funções sociais da casa, conformadas por um acesso, já no segundo acaba criando uma atmosfera mais privativa, sendo acessada pelos dormitórios em um trecho mais aos fundos do terreno, encoberto por vegetação.

No projeto de Coelho, também vemos a mesma preocupação em utilizar a divisa lateral para acomodar a casa, mas nesse caso, utiliza dos dois muros laterais. Respeita o recuo frontal e aos fundos se limita pela vegetação nativa. Também é um lote que se desenvolve como um declive, portanto, define dois platôs em meios níveis para abrigar as funções sociais da casa. Além disso,




Vista externa da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2017)

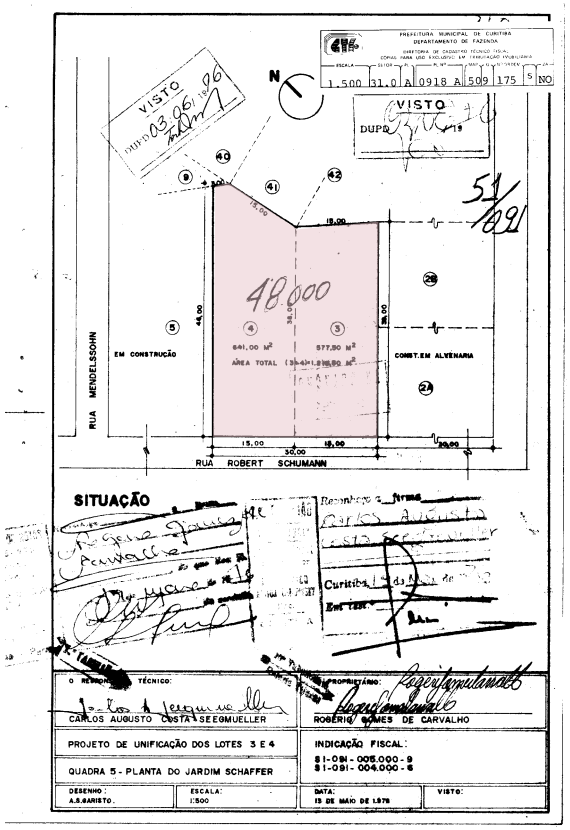
Documento de unificação do lote da casa do arquiteto Jaime Lerner (1978) / Acervo da Prefeitura de Curitiba)

prioriza a melhor insolação para os dormitórios, a melhor vista para os espaços de estar e convívio social da casa, e através de um pátio à norte, ilumina todo o interior da casa.

Maria Nadir no projeto de sua residência é a que possui o maior terreno, já que desde a sua concepção conta com a unificação de dois lotes, o que propiciou a arquiteta uma maior face para a rua e também ocupando mais à frente do lote, poderia garantir um generoso jardim privativo aos fundos. Aqui, a casa toca uma das divisas laterais, mas é de forma mais delicada, somente com as vigas da estrutura de cobertura, conformando um pátio pergolado acessado pelos dormitórios. E os platôs não se organizam como nos outros dois casos, em direção Frente-Fundo, mas lateralmente de Leste-Oeste. Além disso, no mezanino existe uma abertura lateral em que se mirava para o centro da cidade de Curitiba.

Vista do pátio pergolado da casa da arquiteta Maria Nadir (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Documento de unificação do lote da casa da arquiteta Maria Nadir (1975) / Acervo da Prefeitura de Curitiba)

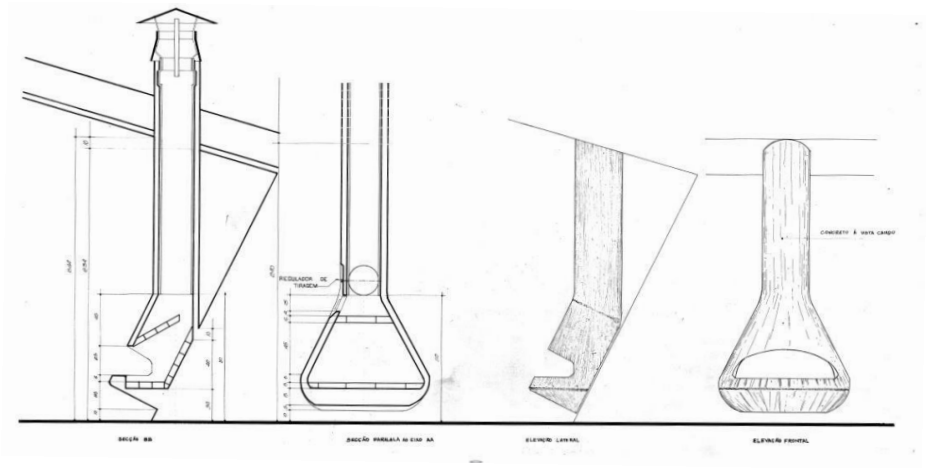


É pertinente também citar a relação de cada projeto com a rua em que se encontram, apesar de serem residências privadas, abrem mão de soluções convencionais, sempre de maneira generosa e definindo limites que criam um diálogo com a cidade. Seja pelo recorte de terreno cedido em frente à casa de Maria Nadir, com o portão metálico vazado e o muro de serviço todo coberto por vegetação, é de semelhante solução adotada no projeto de Coelho. No caso de Lerner, esse limite é definido por um singelo muro de baixa altura composto por tijolos sobrepostos com os furos à mostra, conformando um elemento vazado de forma artesanal, elemento característico do trabalho residencial do arquiteto.

Vista da rua para a casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

O concreto armado nessas três residências é a estrutura, mas seus limites se confundem com a própria arquitetura. Momentos em que se escolhe não desassociar os elementos estruturais da vedação, portanto, existem não somente pilares e vigas, mas paredes em concreto armado, lajes que viram para o plano vertical e se tornam empenas. Os pontos de apoio são sempre discretos, não existem pilares soltos ou que destoam da continuidade espacial das obras.

Estas casas também se assemelham pela presença de peças de mobiliário fixo em concreto armado na própria arquitetura. Vemos isso acontecer como bases de assentos/ sofás e aparadores em áreas de estar, bases de camas em dormitórios, box em áreas de banho, entre outros. Além da aplicação de forma única em cada projeto em elementos como escadas, lareiras e caixas d'água. Este último acontece vezes recebendo uma textura/ acabamento diferenciado, ou com uma geometria específica, nunca de forma decorativa por si só.



Detalhamento da lareira da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Acervo do arquiteto)

Detalhe da concretagem da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2017)

Vista do estar e da lareira da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2017)

Apesar das coincidências, os projetos se diferem em alguns outros aspectos. Neste caso, podemos analisar os projetos de Manoel Coelho e Maria Nadir como caixas de concreto, que se identificam em planos ortogonais, como em ambas as fachadas voltadas para a rua, conformadas como placas ou uma “semi empena”, parcialmente opacas. Outro ponto em comum entre estes dois projetos é o uso de formas em madeirite, o que geram uma paginação característica, com um concreto de acabamento mais liso e uniforme.

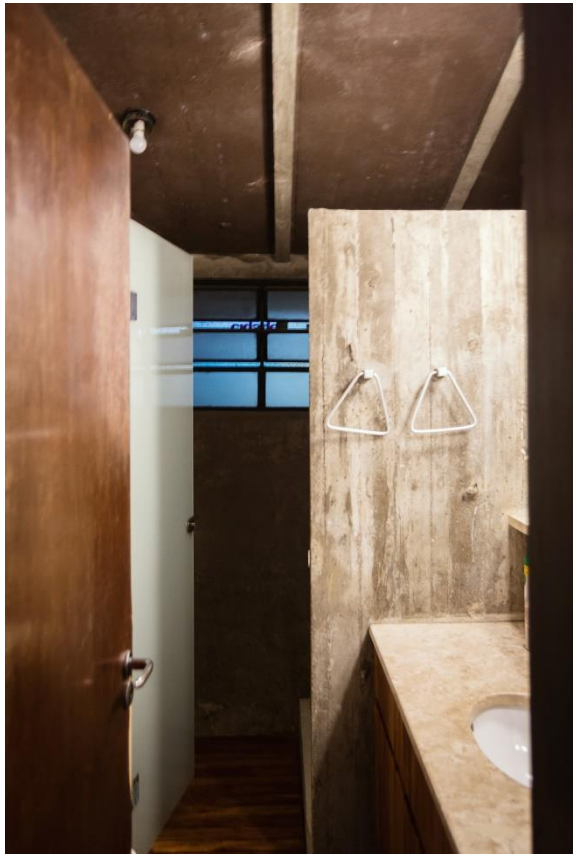
Detalhe da concretagem da casa da arquiteta Maria Nadir (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Detalhe da concretagem da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Na casa de Lerner, a leitura não é a mesma, a leitura da estrutura acontece de fato como uma extrusão do corte estampada na fachada, em que lajes e paredes se encontram, ora ortogonais, ora inclinadas, conformando a arquitetura e estrutura. Aqui o concreto foi moldado em formas de ripas de madeira, mais irregular, gerando uma textura mais rugosa, áspera e desuniforme. É notável a ação das intemperes do tempo e da natureza neste caso.

Por fim, um aspecto de grande importância para essas obras era quanto a colaboração do engenheiro calculista em sua concepção e execução. No caso da residência da arquiteta Maria Nadir, é sabido que seu marido, o engenheiro e professor Rogerio Gomes de Carvalho foi quem colaborou para viabilizar a arquitetura da casa, procurando solucionar a estrutura de forma única, propondo soluções técnicas e de fato, sendo praticamente coautor do projeto. Coincidentemente, Rogério também colabora como calculista para Manoel Coelho em diversas obras do arquiteto e desenvolve o projeto estrutural da casa do arquiteto. Já para o projeto de Lerner, quem colabora com o arquiteto é o seu irmão, engenheiro civil Julio Lerner. Portanto, além da proximidade entre estes arquitetos do ponto de vista social e profissional, estes projetos denotam um caráter familiar em seus desenvolvimentos.

Detalhe da concretagem do box de banho do sanitário da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Acervo do arquiteto)



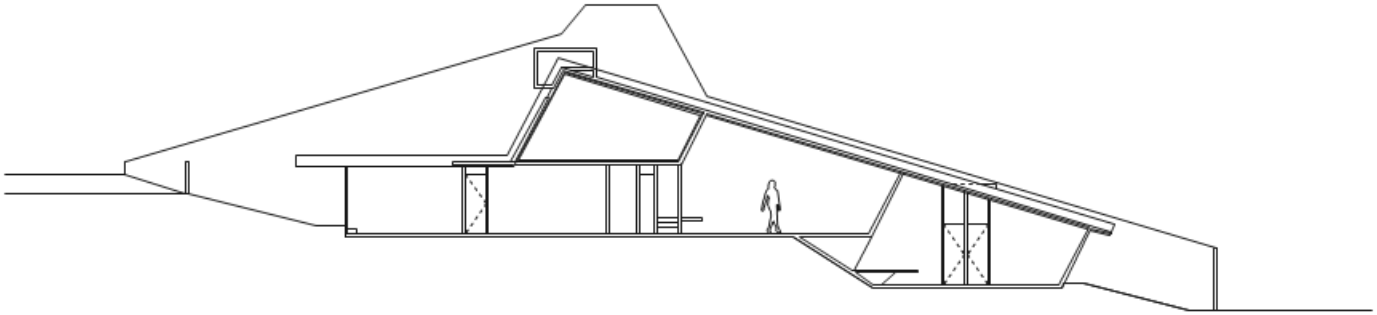
Para o entendimento da espacialidade dos projetos, a análise não se limita somente através da leitura das plantas de cada pavimento destas residências, aqui muito bem resolvidas, com distribuições através de setorizações dos programas, considerando as melhores insolações e vistas adequadas. Mas principalmente, através de seus cortes, onde são identificados os níveis em que acontecem as atividades cotidianas, quando se encontra com o terreno e através da observação do movimento do corpo humano pelo espaço, entender melhor a sua complexidade.

De fato, cada projeto responde a uma demanda programática de cada cliente, mas principalmente correspondem a cada terreno e consequentemente, a cada topografia e orientação, que são indispensáveis, tornando cada projeto único.

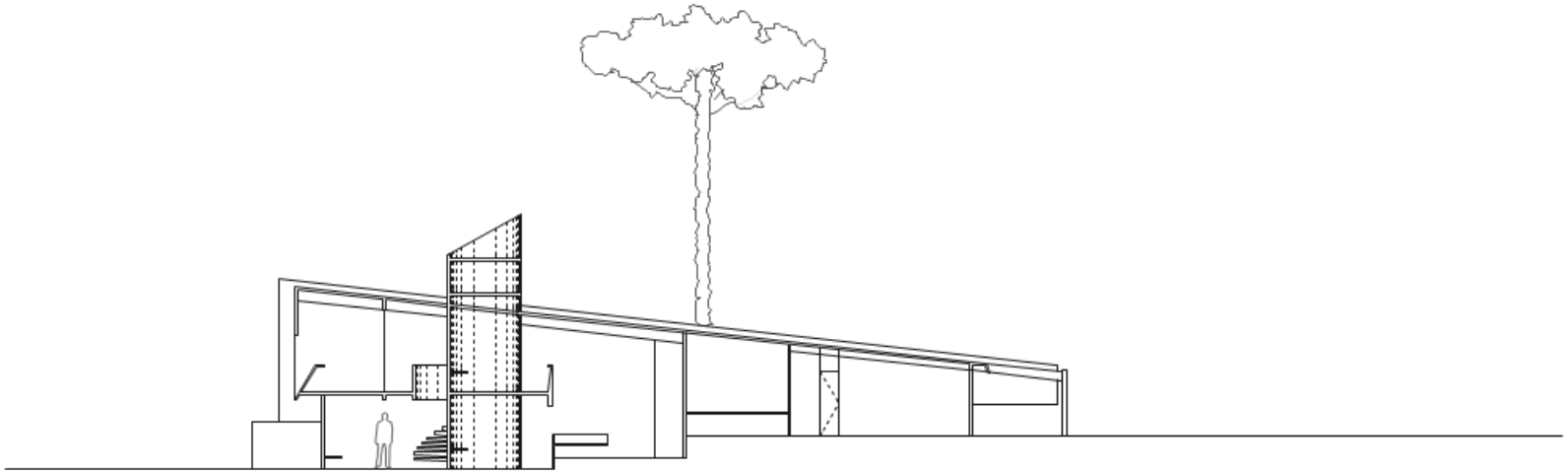
Se vê no projeto de Coelho, através do corte longitudinal que pode se entender toda a dinâmica da casa, através dos meios níveis, até os fundos do terreno, onde estão a piscina e o jardim privativo. Além da laje de cobertura inclinada, acompanhando a inclinação do terreno, gerando espaços com pés direito distintos, ora inclinados, ora planos e ainda recortados estrategicamente por aberturas zenitais que banham de luz o necessário.

Na casa de Lerner a relação acontece de forma semelhante com a de Coelho, o corte longitudinal também é o desenho que melhor representa a casa. Mas aqui o terreno é ligeiramente menor, assim como o seu desnível. A laje de cobertura também inclinada acompanhando o declive aos fundos, podendo assim se fazer entender como do platô de acesso e área social, se acessam tanto o nível inferior, onde estão os dormitórios, ou se acessa ao mezanino, onde está o estúdio.

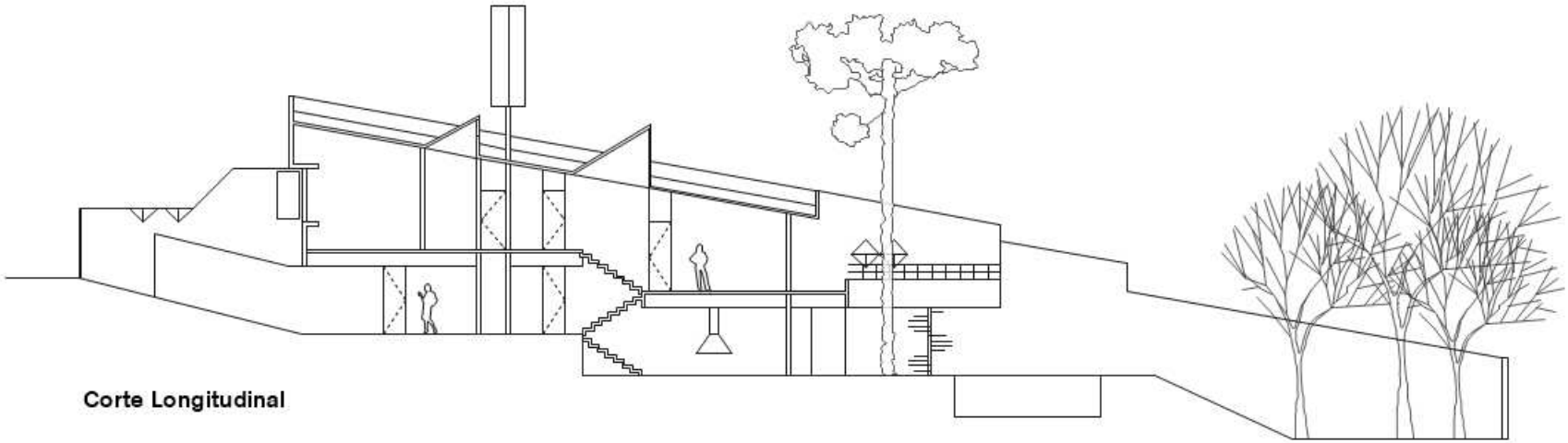
Cortes dos projetos estudados / (Felipe Sanquetta, 2022)



Corte Longitudinal



Corte Longitudinal



Corte Longitudinal

Por fim, no projeto de Maria Nadir, o corte livre não é o longitudinal, mas sim, o transversal. Devido ao fato do terreno de fato ser mais largo, portanto ter uma frente equivalente a o que seriam dois lotes regulares, agora unificados. Além disso, a outra diferença é que a inclinação da laje de cobertura é oposta à da topografia, gerando na parte mais alta, um pé direito maior para as áreas sociais, além do mezanino e uma espacialidade mais baixa de escala humana para os dormitórios.

*Arquitetura e natureza – Relação das residências com a vegetação natural e projetada*

Esse provavelmente seja o aspecto em que as resoluções projetuais mais se diferem entre si, mas pode se observar uma mesma preocupação dos arquitetos. Essas arquiteturas estabelecem uma relação intrínseca com a vegetação que as rodeia, sejam elas nativas ou plantadas.

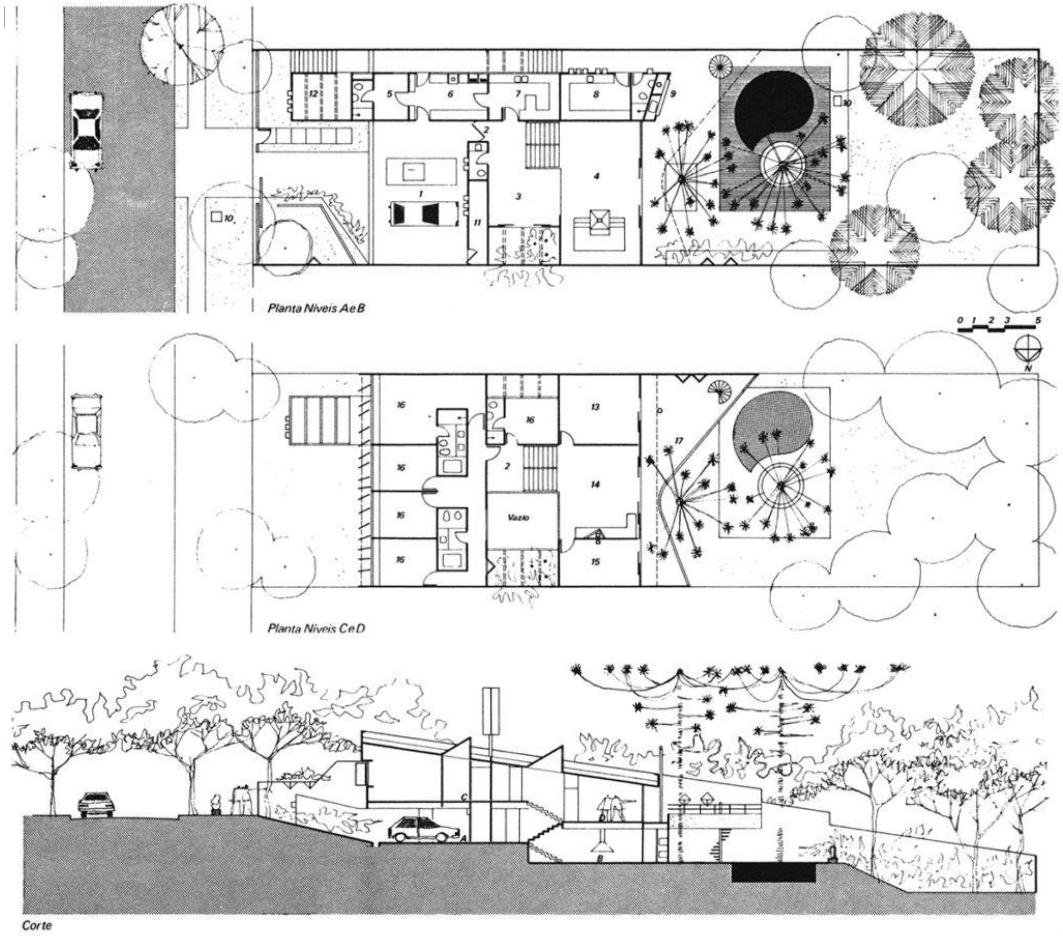
Maria Nadir além de almejar ter um grande jardim aos fundos, possível pela acomodação do volume da casa na porção frontal do terreno, tem um exemplar de araucária que complementada por outras espécies, conformam um maciço vegetal próximo ao muro que conforma o pátio de serviço, este também todo coberto por vegetação. A própria empena frontal, frequentemente é tomada por vegetação trepadeira. Porém, um gesto de como a arquiteta de fato se atentava a preservação da vegetação em seu terreno, seja ela nativa ou não, foi no momento em que fez a intervenção com o mezanino metálico externo à casa, em que o seu desenho considera um exemplar de palmeira existente desde a finalização da obra, preservando-o.

Fachada frontal com vegetação trepadeira da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Acervo da prefeitura de Curitiba)

Fachada posterior da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Acervo da arquiteta)

Fachada posterior da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Sobre a vegetação nativa, Manoel Coelho teve que lidar tanto com as duas araucárias que delimitaram a sua possibilidade de construir, mas que ajudaram a dar forma a elementos mais lúdicos do projeto, como o terraço privativo e a piscina, ambos com geometrias fluídas que refletem os raios de proteção dessa espécie local. Além disso, o arquiteto elabora um pátio lateral na casa, que ilumina todo o seu interior, mas também preserva um pé da espécie filodendro. Esta posição, de lidar com uma espécie vegetal considerada banal, demonstra a posição do arquiteto de lidar até com as menores coisas de forma sensível. A porção do terreno voltada para a rua também recebe generoso maciço vegetal, assim como a fachada frontal, em que o concreto é encoberto

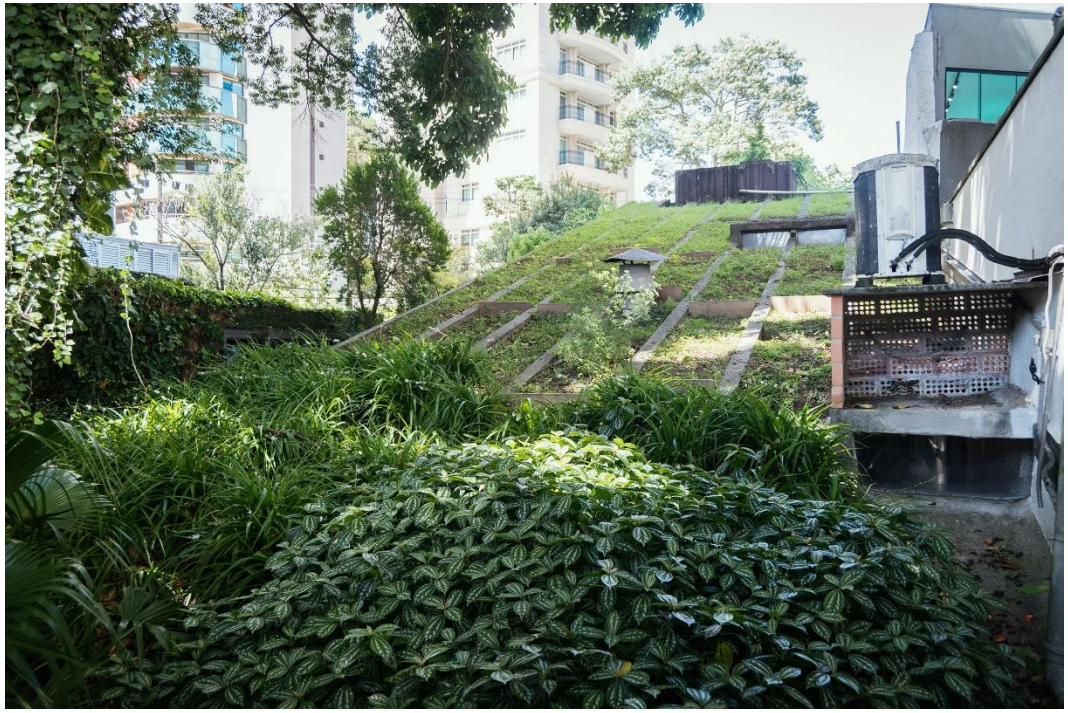


Desenhos digitalizados do projeto da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Acervo do arquiteto)

Jardim lateral da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Jardim aos fundos do terreno e piscina da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

A situação de Lerner em sua residência é a mais distinta, já que possui o lote de menores dimensões, teve que lidar com a vegetação existente da mesma forma que os demais arquitetos, onde também a família acabou plantando posteriormente algumas das espécies que cresceram e conformaram o jardim no centro do terreno, como as grandes árvores (uma corticeira e uma paineira). Mas aqui o grande ponto é o teto jardim, construído sob a laje de cobertura da casa, solução que vem sendo utilizada de forma mais recorrente na arquitetura contemporânea, mas como vanguarda, aplicada em uma casa dos anos 1960. De fato, é uma solução que demonstra uma posição do arquiteto em relação as condições ambientais, antes mesmo de entrarem em pauta no cotidiano.



Vista do terraço jardim da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2022)

Vista do terraço jardim da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Felipe Sanquetta, 2017)

Apesar das diferenças, a natureza aqui aparece em suas diversas formas, colaborando com a qualidade projetual dessas residências, vezes tomando superfícies ou delimitando o desenho em planta dos projetos. Se manifestando aqui quase como uma camada destas residências que em seu partido arquitetônico são honestas e diretas, em que a vegetação pode ser lida quase como uma materialidade complementar.

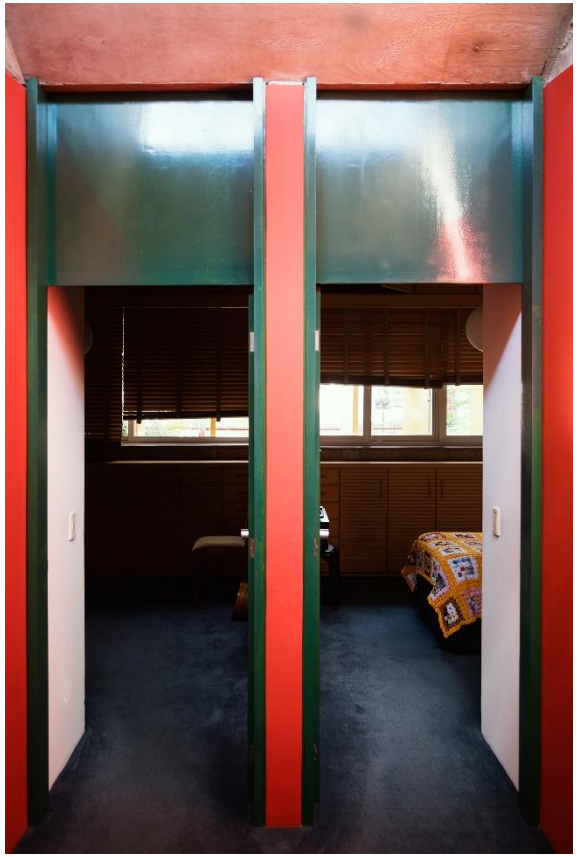
*Cromaticidade – O uso da cor*

Por fim, o último assunto abordado é a relação destes projetos com o uso da cor. Em aspectos gerais, podemos notar que exploram esta estratégia de maneiras distintas, seja pela forma em que são aplicadas nos elementos arquitetônicos, ou até mesmo se possuem caráter permanente ou temporário.

O projeto que explora de forma mais intensa essa possibilidade é o projeto de Manoel Coelho, em que são claras as utilizações de cada cor, aqui escolhidas as cores primárias: azul, amarelo e vermelhos que identificam a arquitetura e seus elementos secundários. Aplicadas tanto em superfícies em concreto ou metálicas, e a cor verde que aparece no acabamento em laca das portas de madeira em toda a residência.

Vista do estar íntimo da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)

Vista do acesso aos dormitórios da casa do arquiteto Manoel Coelho (1981) / (Felipe Sanquetta, 2021)



O projeto foi concebido desta forma, estando até hoje bem preservado, tanto a sua aplicação em paredes, lajes e vigas. Outra aplicação desde recurso pelo arquiteto, está no mobiliário fixo da cozinha e área de serviço, revestidos em fórmica na cor amarela. Além disso, o arquiteto tinha uma série de peças de mobiliário solto nos ambientes de convívio da casa que também tinham acabamento em cores primárias, como o piano na cor vermelha no estar social, uma poltrona Rietveld no estar íntimo, entre outras peças.

Já Maria Nadir também explora a cromaticidade no projeto de sua casa, mas de maneira distinta à Coelho. Aqui ela aparece mais explícita em uma única cor, principalmente nas alvenarias sob a caixa de concreto e nos muros e paredes principais da casa. Estes que inicialmente foram pintados na cor branca, receberam também pintura na cor azul e posteriormente na cor vermelha. O que denota o caráter temporário e que transforma a casa ao longo do tempo. As portas em madeira também recebem acabamento em laca na cor verde escuro, com o puxador na cor vermelha. Os interiores dos sanitários recebem azulejos na cor azul e vermelho.

e

Paredes pintadas na cor azul da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Irã Dudeque)

Paredes pintadas na cor vermelho da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Felipe Sanquetta, 2021)

A casa de Jaime Lerner também possui esse caráter temporário em relação à cor, com o passar dos anos o arquiteto foi intervindo na casa, deixando a menos expressiva cromaticamente. Originalmente no interior da casa, a laje de cobertura recebia a pintura na cor amarela, que ajudava a refletir a luz para dentro do edifício. Porém, esta recebeu uma pintura em cor roxa escura, para amenizar os efeitos de infiltrações, mas ainda é possível encontrar alguns detalhes em que a cor amarela ainda está presente. A caixa d'água na cobertura e a lareira na sala de estar recebem pintura na cor roxa mais clara. O lavabo no centro da casa também já foi todo pintado na cor laranja, mas acabou recebendo um revestimento em pedra posteriormente (LERNER, 2014). Além disso, aqui as paredes com pintura na cor branca recebem obras de arte expressivas de artistas locais como a tapeçaria de Poty Lazzarotto e o quadro de Iara Teixeira.

Área social da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Ricardo Perini)

Trechos de laje de cobertura pintados na cor amarela da casa do arquiteto Jaime Lerner / (Fernanda Bertoli, 2017)

## Conclusão

Esse trabalho de dissertação procurou apresentar uma investigação acerca da produção de projetos arquitetônicos de residências de arquitetos para seu uso próprio, realizadas entre os anos de 1964 e 1981 na cidade de Curitiba. Este objeto de pesquisa definido para a investigação se caracteriza por ser um recorte de projetos em que o arquiteto é tanto o autor, cliente e habitante, portanto retirando a condicionante que significa socialmente a sua atividade, em que se é substituída pela sua própria interpretação e subjetividade.

Por meio da reflexão histórica da arquitetura produzida na cidade de Curitiba durante o século XX abordada na **Parte I**, com os acontecimentos que marcaram e ajudam a contextualizar o momento de formação e início de atividade dos profissionais autores dos projetos estudados, procurou se entender vínculos, circunstancias, as correntes emergentes na arquitetura produzida localmente o os seus desdobramentos. Outro aspecto relevante é a constatação de como a formação de arquitetos curitibanos foi tardia, devido a implantação somente nos anos de 1960 da primeira faculdade de arquitetura e urbanismo no Estado, na UFPR.

A reflexão elaborada na **Parte II**, sobre o paralelo entre a produção de "Casas de Arquitetos" realizadas em diferentes décadas dos anos 1900 em Curitiba e nacionalmente, procurou sintetizar o que vinha sendo produzido concomitantemente, onde se nota as distintas abordagens para a resolução de um mesmo programa arquitetônico. Nesse recorte de projetos, se observam as soluções adotadas pelos arquitetos da Escola Paulista, mais consolidada em relação a produção do grupo paranaense, muito devido a distância temporal de implantação de escolas de arquitetura,

Fani Lerner com a filha Andrea em frente à construção da casa do arquiteto Jaime Lerner (1964) / (Acervo do arquiteto)

com a realização de projetos em que se pode estabelecer inúmeros paralelos e a identificação de linguagens de forma mais clara. Os projetos de residências dos arquitetos curitibanos para si, apesar de existirem momentos de diálogo, se descolam em vários sentidos, seja na abordagem conceitual, metodológica e/ ou aplicação das técnicas e tecnologias.

Na **Parte III**, em função da observação mais apurada dos três objetos analisados, pode se perceber uma maior autonomia dos arquitetos no processo desde a definição do programa às questões técnicas, seja pelos seus valores estéticos e de linguagem. Com isso, acreditasse que com a maior liberdade e fluidez, puderam fazer aplicação de suas ideias em todo o projeto. Se compreende que o estudo destes projetos tenha possibilitado um aprofundamento nos ideais e valores dos profissionais aqui estudados e que estes se encontram implícitos nas suas obras, já que com mais autonomia para imprimir as suas ideias, experimentar soluções e materializar de forma relativamente rápida, por não se tratarem de obras de grande porte, assumindo assim, os riscos e consequências de suas atitudes e soluções inovadoras.

A liberdade presente nesse tipo de projeto, demonstra que em alguns casos em que a Casa do Arquiteto se transforma em um exercício de desenvolvimento de uma linguagem particular ou de determinado momento da carreira dos profissionais, gerando soluções que se consolidam e muitas vezes são aplicados em projetos posteriores.

Com o estudo mais aproximado das três residências de arquitetos curitibanos, pode se constatar a pluralidade de resoluções, complexidades de concepções expressadas nos projetos, assim como pontos de encontros. A possibilidade de entender como sem um cliente convencional, o arquiteto tem para si uma parte importante da projetação, que é a definição do programa de necessidades.

Sendo aqui em que as casas mais se diferem, seja pelas diferenças de composição familiar, questões ideológicas e culturais.

As respostas dadas pelos arquitetos em seus projetos, podem ser associadas em uma série de soluções apresentadas na **Parte IV**, em que se nota uma série de preocupações coincidentes e que geram resoluções distintas nas obras. Seja pela preocupação da arquitetura com o meio em que se insere e neste caso, a relação da natureza seja ela o solo, vegetação natural ou projetada, seja pela conceituação de projeto, com a resolução do partido arquitetônico e ao sistema estrutural em que todos projetos é intrinsecamente atrelado a própria arquitetura.

Essa pesquisa se caracteriza pelo seu ineditismo trazido por suas informações e documentação, onde se buscou apresentar dados ainda não publicados, assim como levantamentos por meio de fotografias, desenhos e entrevistas com os autores, familiares e colaboradores. Assim como estas peças trouxeram perspectivas para pesquisas futuras.

O falecimento dos três arquitetos durante o período de realização desta pesquisa, apesar da triste coincidência, não foi um impeditivo para o seu desenvolvimento, de certa forma, alimentou ainda mais o desejo de contar estas histórias. Estes arquitetos puderam conceber e construir a casa que projetaram para seu uso próprio, viveram e conviveram nelas até seus últimos dias de vida, onde puderam refletir, intervir e manter preservadas as ideias originais de cada casa. Portanto, acredita-se que esse trabalho sirva como fonte de dados para a elaboração de novas pesquisas e reflexões sobre as obras destes arquitetos, assim como o estudo de outras Casas de Arquitetos, como estes resultados trazem contribuições para novas investigações.

Fotos da recém finalização da obra da casa da arquiteta Maria Nadir de Carvalho (1975) / (Acervo da arquiteta)

Foto de aniversário de 50 anos do arquiteto Manoel Coelho, com Maria Nadir e Rogerio Gomes de Carvalho aos fundos / (Acervo do arquiteto)

## Bibliografia


ATTOE, Wayne. **La crítica arquitectónica como disciplina.** México D.F., Limusa, 1982 (versão em espanhol de: ATTOE, Wayne. Architectural and critical imagination. Chicester: John Wuley & Sons, 1978).

BAKER, Geoffrey. **Le Corbusier: Uma análise da Forma.** São Paulo: Martins Fontes, 1998.

BERRIEL, Andrea & SUZUKI, Juliana Harumi. **Memória do Arquiteto: Pioneiros da Arquitetura e do Urbanismo no Paraná.** Curitiba: IAB-PR: Editora UFPR, 2012.

BRAGA, Gisele Pinna. **Inventário digital da Arquitetura Moderna de Curitiba: A casa do arquiteto 1962-1985.** 5 Seminário Ibero-americano, Arquitetura e documentação. Belo Horizonte, 2017.

BUKOWSKI, Claudia de Azevedo. **Arquitetura brasileira contemporânea: um panorama da atualidade a partir do estudo de residências em Curitiba.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). São Paulo: FAU-USP, 2012.

CARRANZA, Edite Galote. **Eduardo Longo: cultura, contracultura e arquitetura**. 3° Encontro da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2014.

CARRILHO, Marcos José. **Sobre três projetos de Hans Broos: A residência, o escritório e a igreja.** Arquitextos, São Paulo, ano 19, n. 227.00, Vitruvius, abr. 2019.

CASTRO, Elizabeth Amorim de. **Edifício públicos de Curitiba: ecletismo e modernismo na arquitetura oficial.** Maxi Gráfica e Editora Ltda. Curitiba, 2011.

CHING, Francis D. K. **Arquitetura, forma, espaço e ordem.** São Paulo: Marins Fontes, 1998.

CLARO, Mauro. **Ambientes modernos. A casa modernista da Rua Santa Cruz, de Gregori Warchavchik, e outras casas da modernidade.** Drops, São Paulo, ano 09, n. 025.03, Vitruvius, nov. 2008

DA COSTA, Lauri. **Leitura (In)fluente.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Curitiba, 2002.

DUDUQUE, Irã. **Espirais de madeira.** Studio Nobel. Curitiba, 2001.

FABRICIO, Márcio Minto & NAKANISHI, Tatiana Midori. **Arquitetura e domínio técnico nas obra de Marcos Acayaba.** Revista Risco – Programa de Pós-Graduação do Departamento de Arqutietura e Urbanismo, EESC-USP. 2009.

FEIBER, Silmara Dias & FEIBER, Fúlvio Natércio. **Paraná e o reflexo do moderno: Uma fonte de estudos para a arquitetura brasileira do século XX.** Revista Thêma et Scientia. 2011.

FIORINI, Juliana. **A casa do arquiteto: residências de arquitetos como paradigmas da arquitetura moderna 1927-1964.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). São Paulo: FAU-USP, 2014.

FONTAN, Roberto Tourinho. **A arquitetura de Vilanova Artigas no Paraná: os projetos em Curitiba, Ponta Grossa e Caiobá (1942-1978).** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2014.

GNOATO, Luís Salvador. **Arquitetura do Movimento Moderno em Curitiba.** Curitiba, 2009.

GNOATO, Luís Salvador. **Introdução do Ideário Modernista no Paraná.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). São Paulo: FAU-USP, 1997.

GNOATO, Luís Salvador. **Vanguarda Paranaense.** Entrevista concedida a Haifa Y. Sabbag. AU n. 151, outubro 2006.

IPPUC. **Memória da Curitiba Urbana.** Curitiba: IPPUC, 1991.

JANUÁRIO, Isabella Caroline. **A arquitetura de Joel Ramalho Júnior, Leonardo Oba e Guilherme Zamoner nos anos 1970: concursos nacionais, respostas curitibanas.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo UEM/UEL. Maringá: Universidade Estadual de Maringá, 2018.

KOOLHAAS, Rem. **Elements of Architecture.** Colônia Tashen, 2018.

MONTANER, Josep María. **Arquitetura e crítica.** 2.ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2007.

MONTANER, Josep María. **Arquitetura e crítica na América Latina.** São Paulo: Romano Guerra, 2014.

MONTANER, Josep Maria. **Depois do movimento moderno. Arquitetura da segunda metade do século XX.** Barcelona: Gustavo Gili, 2001.

MUELLER, Oscar. **Centro Cívico de Curitiba: Um espaço identitário.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura FAU-UFRGS, Porto Alegre, 2006.

NESBITT, Kate. **Uma nova agenda para a arquitetura: uma antologia teórica (1965-1995).** São Paulo: Cosac & Naify, 2006

PACHECO, Paulo Cesar Braga. **A Arquitetura do Grupo do Paraná 1957-1980.** 462f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura FAU-UFRS, Porto Alegre, 2010.

PACHECO, Paulo Cesar Braga. **O risco Paraná e os Concurso nacionais de arquitetura 1962-1981.** 192f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Curitiba, 2004.

PEREIRA, Cristiane Martins Baltar. **Arquitetura neovernacular em Curitiba: prospecções de suas contribuições para a sustentabilidade em três estudos de caso.** 180f. Dissertação (Mestrado em Engenharia de Construção Civil) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Tecnologia. Curitiba, 2012.

PERRONE, Rafael A. Cunha. **Desenho como signo da arquitetura.** São Paulo, Universidade de São Paulo: Tese de Doutorado apresentada à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, 1993.

PERRONE, Rafael A. Cunha, TAGLIARI, Ana; Wilson Flório. **Vilanova Artigas: projetos residenciais não construídos.** São Paulo: Annablume, 2017.

PIMENTEL, Karina Scussiato. **Controle ambiental e compositivo na Arquitetura Moderna de Curitiba.** 394f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura FAU-UFRS, Porto Alegre, 2018.

RENZETTI, Giovanna. **Casas modernas em Curitiba: a produção do escritório Forte e Gandolfi na década de 1960.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Londrina: Universidade Estadual de Londrina, 2021.

Sanquetta, Felipe Taroh Inoue. **Arquitetura moderna em madeira: a casa do arquiteto e escultor Abrão Assad**. PosFAUUSP, 28(53), 2021.

SANTOS, Michelle Schneider & ZEIN, Ruth Verde. **A moderna Curitiba dos anos 1960: jovens arquitetos, concurseiros, planejadores.** In: 8° Seminário DOCOMOMO BRASIL. Rio de Janeiro, 2009.

SANTOS, Michelle Schneider & ZEIN, Ruth Verde. **Do traço ao concreto: Arquitetura Brutalista no Paraná.** In: 9° Seminário DOCOMOMO BRASIL. Curitiba, 2011.

SANTOS, Michelle Schneider. **A arquitetura do escritório Forte Gandolfi 1962-1973.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 2011.

SEGAWA, Hugo. **Arquiteturas no Brasil 1900-1990.** São Paulo: EDUSP, 1998.

SILVA, Pedro Sunye Barbosa. **Jaime Lerner Arquiteto: 1962-1971.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2018. 180p.

SOUZA, Cássia Rafaela Brum & DUTRA, Jessyca Ruyz. **A exemplar arquitetura moderna paranense.** Revista Thêma et Scientia. Vol 4. 2014.

SUZUKI, Juliana Harumi. **Um Conceito em Concreto: Residência Jaime Lerner em Curitiba.** X Seminário Docomomo Brasil, Arquitetura Moderna e Internacional: conexões brutalistas 1955-75. Curitiba. 15-18.out.2013.

UNWIN, Simon. **A análise da arquitetura.** 3ª ed. Porto Alegre: Bookman, 2013.

VIANNA, Fabiano Borba. **Estudo e evolução do projeto de plantas de apartamentos de Curitiba: 1943-2004.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). São Paulo: FAU-USP, 2011.

VIDIGAL, Emerson José. **Um estudo sobre o ensino de projeto de arquitetura em Curitiba.** Dissertação (Mestrado em Arquitetura). São Paulo: FAU-USP, 2004.

WAISMAN, Marina. **O interior da história.** São Paulo: Perspectiva, 2013.

WAISMAN, Marina. **La arquitectura descentrada.** Bogotá: Escala, 1995.

XAVIER, Alberto. **Arquitetura Moderna em Curitiba.** São Paulo: PINI – Curitiba: FCC, 1986.

XAVIER, Alberto. **Arquitetura moderna paulistana.** São Paulo: Pini, 1986.